

Poesias, Crônicas, Contos e Prosas

I Concurso Cultural



Olho no futuro, coração no passado.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em bancos de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados, com os devidos créditos, em resenhas críticas ou artigos



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

Obra registrada na Fundação Biblioteca Nacional sob nº 7.555/15
(Protocolado em 28/09/2015)

Todos os direitos reservados

Copyright © IMA – Informática de Municípios Associados S/A.

Capa: Bi Rodrigues

Diagramação: Artes Digitais - IMA

IMA – Informática de Municípios Associados S/A.

Rua Bernardo de Sousa Campos, 42 – Ponte Preta – Campinas – SP

CEP 13041-390 – Fone: (19) 3755-6500

CNPJ 48.197.859/0001-69

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
POESIAS SELECIONADAS POR MAIS DE UM JURADO	11
Noite Vazia	13
Respostas	15
A Morte	17
Chibata	19
Inacabada	21
Fases	23
Momento	25
Morte Súbita	27
AS MELHORES POESIAS DE CADA JURADO	29
O Poder das Palavras	31
Cadeira de Balanço	33
Alvío	37
Bilhete	39
AS DUAS POESIAS SEGUNDAS COLOCADAS DE CADA JURADO	41
Parte de mim	43
Pensamentos de Vidro	45
Desprevenido	47
Quarto	49
O Clamor de Uma Alma	51
O Tédio do Amor	53
Lembranças de Minha Infância	55
Sem Terras Nunca Mais	59
A CRÔNICA QUE RECEBEU 3 PRIMEIROS LUGARES	61
Em tempos não tão modernos assim	63
AS CRÔNICAS SELECIONADAS POR MAIS DE UM JURADO	65
Afinal quem é ele?	67
Crônica 8 - No Bico do Corvo	71
Zé Preto	77

AS MELHORES CRÔNICAS DE CADA JURADO	85
Wooly Bully	87
A Tabaqueira	89
Crônica 1 -Inesquecíveis Noites Frias	93
AS SEGUNDAS MELHORES CRÔNICAS DE CADA JURADO	97
Crônicas do Serviço Público	99
Insustentável Simplicidade	113
Por Quem Você se Apaixona?	115
Sobre a Arte de Alimentar	117
OS CONTOS SELECIONADOS POR VÁRIOS JURADOS	121
A Grande Mudança	123
O Espelho	129
OS CONTOS SELECIONADOS POR DOIS JURADOS	139
O Atendimento	141
Redemptio	145
Olhos Azuis	161
Até Parece Mentira...	163
OS MELHORES CONTOS DE CADA JURADO	167
Fragmentos	169
Floresta Central	171
A PROSA SELECIONADA POR MAIS DE UM JURADO	195
O Silêncio	197
AS PROSAS SELECIONADAS DE CADA JURADO	199
Vejo	201
Brechas na Vida	203

PREFÁCIO

“É com muito prazer que nós, da IMA, apresentamos o conjunto das obras selecionadas no Concurso Cultural “Era uma Vez...”. Nele reunimos, entre os participantes, funcionários da Prefeitura Municipal de Campinas, de suas autarquias e de sociedades de economia mista.

Em sua primeira edição, o concurso foi um sucesso de público, com 382 trabalhos inscritos por 95 autores diferentes. Ao final, selecionaram-se 42 obras de 30 escritores para a edição deste livro, que foi encaminhado aos vencedores, como premiação, nas versões física e digital. Este conjunto de textos também foi registrado na Biblioteca Nacional.

Pelo excelente nível, as obras entusiasmaram o nosso corpo de jurados, formado por profissionais renomados. “Surpreendeu-me a qualidade do material que chegou em minhas mãos. Li com enorme satisfação e até emoção”, afirma um deles, o poeta, cronista, contista, historiador e jornalista Antonio Contente. “Temos de congratular quando uma grande empresa como a IMA se interessa pelo fator cultural. Foi uma iniciativa de primeira categoria”.

No rol de jurados, o qual também tive a honra de integrar, quero agradecer ainda a colaboração de Elise Helena Batista de Moura, representante da Secretaria de Educação do Município de Campinas; de Alexandra Caprioli, Diretora de Turismo; de Duílio Battistoni Filho, representante do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas; de Agostinho Toffoli Tavolaro, presidente da Academia Campinense de Letras; de Sérgio Caponi, presidente da Academia Campinense de Letras e Artes; de Cássia Janeiro, escritora e poetisa; de Zeza Amaral, cronista do jornal Correio Popular; e de Rose Guglielminetti, jornalista da rádio BandNews FM e do jornal Metro/Campinas. Todos tiveram uma participação importantíssima para a realização do concurso.

Cabe ainda reservar o nosso “muito obrigado” a um peculiar funcionário do estacionamento do Palácio dos Jequitibás, conhecido como Patativa da Chapada. Em cada uma de nossas visitas à Prefeitura, lá estava Patativa, com um sorriso no rosto, a declamar poemas e pedir que as publicássemos. O entusiasmo dele foi um dos motivadores deste bem-sucedido concurso.

Entre as 42 obras que vocês saborearão nas próximas páginas, a maior parte é de poesias, com 20. Neste campo em que nosso grande expoente é Carlos Drummond de Andrade, vale citar suas palavras no poema Procura da Poesia, do livro A Rosa do Povo, de 1945: “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos. / Estão paralisados, mas não há desespero, / há calma e frescura na superfície intata. / Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário”.

Apresentamos aqui ainda 11 crônicas, 8 contos e 3 prosas. Com este trabalho, esperamos ter dado vida a textos que se encontravam na “paralisação” de Drummond. Pois somente escrevendo temos a possibilidade de enxergar as coisas de outra maneira – sem “desespero”. Tenho imensa satisfação em escrever este prefácio e ver concretizada a ideia deste Concurso Cultural “Era Uma Vez...”. Que seja o primeiro concurso de muitos.”



Fábio Pagani
Presidente da IMA

I Concurso Cultural Era uma vez...

**POESIAS SELECIONADAS POR MAIS
DE UM JURADO**

I Concurso Cultural Era uma vez...

NOITE VAZIA

Autor: Marcio Luiz Soares
Funcionário da Secretaria de Finanças

A fechadura invadiu o silêncio
Um eco perdido na escuridão

A casa o esperava sozinha
Escura
Sinuosa

Não houve o convite da cama
Fria
Imensa

Escondeu a solidão na sua lanterna mágica
Sem magia
Sem sono
Nem sonhos

Mais uma noite vazia

I Concurso Cultural Era uma vez...

RESPOSTAS

Autora: Cristiane Atauri
Funcionária da Secretaria de Finanças

Caiu, levante-se.
Rasgou, costure.
Quebrou, conserte.
Consertou, se orgulhe!

Chorou, enxugue.
Mentiu, colha.
Pegou, devolva.
Sorriu, acolha!

Doeu, procure.
Cansou, descanse.
Gritou, silencie.
Agitou, amanse!

Esqueceu, lembre-se.
Estudou, reflita.
Odiou, perdoe.
Se for preciso, repita!

I Concurso Cultural Era uma vez...

A MORTE

Autor: Marães Marcelo da Silva
Funcionário da SANASA

Olhos fechados
Sono eterno
Sonhos acabados
Céu ou inferno?

Antes, forte e bonito
Agora frágil e triste
Não existe o infinito
A morte é a certeza que existe

O corpo agora em paz
Paz buscada, nunca encontrada
No mármore frio agora jaz
Sua triste vida arrancada

A vida é a morte a caminho
A morte é a vida ceifada
Nunca se morre sozinho
A dor de todos vem acompanhada.

I Concurso Cultural Era uma vez...

CHIBATA

Autor: Jorge Lindomar Servo
Funcionário da Secretaria de Saúde

Do café se estendem corpos falecidos,
Que a chibata em vergões aprofundou
Aquela derme que explodiu em pleno grito
Da existente covardia do senhor.

Deste tempo muita coisa se levou
Ao presente que se nutri do passado.
O caboclo traz consigo a injúria
E a reprova que se tem em ser bastardo.

A história não refaz, não mais volta
Tudo aquilo que antes foi tecido.
Nessa pátria que a criança tem escola
Mas o saber,
Desse plano é excluído.

Na escola, pública é só a merenda.
O estudo não ajuda, só maltrata.
Só prepara a criança pra pobreza,
Que perdura desde o tempo de chibata.

Verte sangue na cadeia a juventude
Negro pobre é o que morre e não se fala.
A política lança mil planos futuros
Mas perene é a escravidão da grande massa.

I Concurso Cultural Era uma vez...

INACABADA

Autora: Cristina Martins Cordeiro
Funcionária da Secretaria de Urbanismo

Sou poema sem palavras
Esboço de um desenho
Matéria bruta de uma escultura.

Não estou pronta
E não encontro o poeta,
o pintor, o escultor
que me transforme em obra completa.

Olho-me no espelho
E me vejo inacabada
O meu corpo por inteiro
Mas a alma despedaçada

Incansavelmente busco aquele
Que acerte as minhas rimas
Que apague os traços mal feitos
E me transforme em obra-prima.

Ninguém quer o que sou
Poema sem vida
Desenho sem cor
Escultura não concebida.

Quais palavras para rimar?
Quais traços apagar?

Quais cores usar?
Quais formas criar?

Talvez melhor seja
Engavetar o poema
Desistir do quadro
Abandonar o dilema

E assim me aceitar
Poesia inacabada
Quadro não pintado
Escultura não talhada

FASES

Autora: Cristiane Atauri
Funcionária da Secretaria de Finanças

Noite, lua, olhar,
Pés no chão,
Pensamentos a dançar,
Entre a luz e o apagão.

O que é iluminado responde,
O que está apagado esconde.
Algo que me faz subir,
E despencar para o frio sentir.

O mar carrega...
A onda devolve...
Entre tantas escolhas...
O equilíbrio resolve.

Minha vontade de viver,
Sopro de fases da lua,
Coloco-me a meditar,
Sozinha no meio da rua.

I Concurso Cultural Era uma vez...

MOMENTO

Autora: Cristina Martins Cordeiro
Funcionária da Secretaria de Urbanismo

Em teu copo carimbei a impressão de meus lábios
Em teus olhos perdura o brilho dos meus
Em teus cabelos deixei o afago de minhas mãos
Em tua boca misturei a minha saliva
Em tuas mãos ficaram as curvas de meu corpo
Em teu corpo implantei o meu prazer e o meu gozo
Em tua cama deixei fios de meu cabelo
Em tua toalha mantém-se vivo o meu cheiro
Em tua banheira permaneceram as gotas da água que me lavou
Em meus pensamentos perdurará a saudade
Pra sempre

I Concurso Cultural Era uma vez...

MORTE SÚBITA

Autor: Tércio Sthal
Funcionário da Secretaria de Saúde

Morriam mundos
como morrem as moscas
que mui celeremente voam.

Sumia tudo
como some a poeira
que se molha aos pingos da chuva.

Morrem mundos
como morrem os burros
que pesadas cargas carregam.

Sumia tudo
como some a lágrima
que se recolhe ao surgirem novos sóis.

I Concurso Cultural Era uma vez...

**AS MELHORES POESIAS DE CADA
JURADO**

I Concurso Cultural Era uma vez...

O PODER DAS PALAVRAS

Autor: Marcio Luiz Soares
Funcionário da Secretaria de Finanças

Palavras cobertas de emoção
Certas ou não
Acumulam-se

Palavras no curso do pensamento
Perdidas ou não
Desconstroem

Palavras nas sombras
Metafóricas ou não
Entregam-se

Palavras escolhidas
Reflexivas ou não
Preenchem

Palavras
Com imagens ou não
Em verbos
Em sons
Povoam os sentidos

Palavras
Sinceras ou nada singelas
Provocam

Emoções e sentimentos

Invadem

Lá e aqui

Palavras

CADEIRA DE BALANÇO

Autora: Isabel Cristina da Silva
Funcionária da Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e
Mobilidade Reduzida

Da varanda de sua alma velha,
presa em uma cadeira de balanço,
ela apenas observa.

Lá fora a vida continua.

Meninas nascendo,
jovens apaixonados casando-se,
a estudante dedicada fazendo carreira,
crianças brincando no quintal.

Da varanda de sua alma velha,
presa em uma cadeira de balanço,
ela chora seu luto.

Ali mesmo, naquela velha casa,
o que tinha de mais querido e estimado está sepultado.
Enterrou seu amor, seus sonhos, suas lembranças alegres.

Apenas um pequeno raio de sol
entra por uma fresta da janela
trazendo um pouco de luz aquele lugar.

Lá fora a vida continua.

As flores florescem, perfumando o ar, alegrando os olhos.
A chuva cai, renovando a vida e trazendo refrigério.
O sol aquece, acendendo amores.
A lua acaricia a face dos apaixonados.
As estrelas cantam e dançam, num grande espetáculo.

Da varanda de sua alma velha,
presa em uma cadeira de balanço,
ela sente frio.

Onde está, tudo é cinza e empoeirado.
As cores já desbotaram há tempos.
As flores murchas foram esquecidas ali
para marcar uma vida que já não existe mais.
Os sabores,
doces e alegres sabores de outrora,
se tornaram em amargura na boca seca.

A sala está vazia e escura.

Os retratos,
os poucos retratos que sobraram,
estão quebrados ou embaçados pela sujeira.

Apenas um pequeno raio de sol
entra por uma fresta da janela
e brinca em meio ao caos.

Lá fora a vida continua.

Uma adolescente passa a noite acordada,
suspirando amores coloridos.
Uma canção de amor é composta por um músico melancólico.
Uma festa de formatura coroa os esforços de um estudante.
Uma estrela cadente risca o céu fazendo a menina sonhar.

Da varanda de sua alma velha,
presa em uma cadeira de balanço,
ela se deixa morrer lentamente,
cheia de culpas e remorsos
e vazia de sonhos e esperanças.

Apenas um pequeno raio de sol,
que insiste em entrar numa fresta da janela,
tenta aquecer seu coração e mantê-la acordada.

Lá fora a vida continua... indiferente...

I Concurso Cultural Era uma vez...

ALÍVIO

Autor: Rubens Bedrikow
Funcionário da Secretaria de Saúde

Gota a gota
O soro desce
A dor desaparece

I Concurso Cultural Era uma vez...

BILHETE

Autora: Aryane Bueno Gonçalves
Funcionária da IMA

O Zé num cordô
Cô cheiro do café,
Tem pobrema não,
Vou fazer feijão.
Uai Zé, cê num vai cordá ômi?
Morreu ômi?
Tigamente o cheiro da minha comida,
Era novidade.
Só de senti os perfume o Zé cordava
E corria feito um Jaum de barro
paixonado nos meus braço.
As roupa marrotada
Que eu passo com tanto cuidado
Fazia eu ganha rosa
Que ele pegava nos quintar das moça rica
Pra quem ele trabaiava de pedrero.
Achava tão romântico ele ter todo o trabaio de tirá os espinho.
Dizia que era pra num machuca minhas mão de fada,
Mai minhas mão são tão calejada que eu ria feito boba.
Ficava vermeia que nem os pimentão que eu pranto.
Ai ai, que ele me dava beijinho na testa todo dia.
Agora nada!
Oia, Zé, tome tento ômi.
Vou te dá um conseio:
Eu tenho sardade do antigo marido,
Se o cê num vorta cordá assim de novo.

Vou deixa um bilhetinho
Escrito pela vizinha,
Mai é eu que vou ditá,
Assim ó:
Zé, o cê já num é
Mais o memo ômi.
Vou-me embora.
Mai chora não que é feio.
Deixei a cafetera que a dinda deu,
O microonda que o Benê e a Creuza deu pra nós
De presente de casório.
Ai cê compra as comida pronta.
To levanu nossos barrigudinho,
Afinar, eu que sou a mãe,
Mai carma, não se exarta,
Vou deixá o ce vizitá seus muleque.
Os cachorro sardento,
Deixo aqui pro ce num morre
De solidão,
Só que o ce tem que cuida bem dos bixinho.
Divide com eles as ração,
Ta parecenu eles memo, come e dorme o dia intero.
Ce sabe que eles são vira-lata
E come o resto de comida ta mém,
De pra eles o que o ce larga nos prato e nas panela.
As roupa o cê que leve
Na passadeira da esquina.
Um beijo de tchau na testa.
Se vire ômi besta.

Neusa

**AS DUAS POESIAS SEGUNDAS
COLOCADAS DE CADA JURADO**

I Concurso Cultural Era uma vez...

PARTE DE MIM

Autor: Marcio Luiz Soares
Funcionário da Secretaria de Finanças

O que a luz me privou
A escuridão me ensinou

Assim
Custei enxergar no intervalo dos sonhos
A parte do meu mundo que se desfez

Não fosse a barreira da luz
A insensatez teria invadido
O resto que ficou

Não fosse o trajeto da escuridão
O que ficou não teria fim

Enfim
Tudo passa
E tudo não passa
De parte de mim

Não é a melhor parte
Mas faz parte de mim

I Concurso Cultural Era uma vez...

PENSAMENTOS DE VIDRO

Autor: Thiago José Ferreira de Paula
Funcionário da IMA

A realidade da invenção,
sem comprometer minha decisão.
Historicamente sem noção,
basicamente imensidão,
monstruosa porém quebradiça,
como peças de vidro.

Grandes gears em névoas,
cinzentas e violentas.
O fogo mostrando fronteiras,
guerreiros que se lançam ao fogo perecem.

Mas os pensamentos
como são e realmente são,
são de vidro,
vívido ou opaco,
desleixado ou deslocado.

Quando puder pensar,
imaginar outro momento possível,
para clarear a alma nublando a própria essência.
Sem querer intencionar,
as feridas de um tempo passado,
e muitas vezes querendo explodir,
para os limiares do futuro.

Mas os pensamentos como são,
e realmente pensam ser,
são de vidro, límpido ou obscurecido,
esquecido nas imemoriais lembranças,
a mente ocupada,
jogando dados, manipulando as ações,
decidindo cada passo.

Mas os pensamentos são de vidro,
quebrando com certa facilidade,
quando apenas pensar possa irromper os céus
e a aurora resplandecer.

O movimento do ar
pela sossegada montanha,
ou violenta erupção vulcânica.
Anseios e medos,
querendo calar cada palavra
o qual possa fazer valer seu esforço.
O suspiro das fraquezas geradas pelo medo,
transformam as ideias
em pensamentos de vidro.

DESPREVENIDO

Autor: Tércio Sthal
Funcionário da Secretaria de Saúde

Era uma vez uma criança
que não sabia brincar.

Era uma vez um jovem
que vivia só de ilusões.

Era uma vez um adulto,
que sem descobrir o amor,
ia ao sabor dos ventos
sofrendo paixões febris.

I Concurso Cultural Era uma vez...

QUARTO

Autora: Márcia Watanabe Hurtado
Funcionária da Secretaria de Educação

Todas as noites, a morte se deita ao meu lado
Eu conto histórias e ela adormece
Pela manhã, a morte vai para a lida
Eu sento sozinha e tomo meu café

I Concurso Cultural Era uma vez...

O CLAMOR DE UMA ALMA

Autora: Daisy Aparecida Martins
Funcionária da Secretaria de Administração

Eu era uma menina e sonhava ser artista.
Meus desenhos eram coloridos e cheios de vida,
Se pudesse ficaria o dia todo a desenhar,
Porque inspiração não me faltava em nenhum lugar.
Um detalhe, um rabisco, até mesmo uma sombra
E ali se formava uma ave, uma pomba.
Muitas vezes sem sentido, para aqueles mal entendidos.
O tempo passou o rabisco virou flor, amor...
Como dizer a eles que meu sonho não acabou?
Quero ser uma artista, ver meus quadros num palácio,
Ou mesmo numa casinha de esquina.
Minha alma me sufoca, ela precisa falar
Então resolvi me expressar
Esses desenhos que para alguns parecem estranhos,
São almas a clamar
Falam de amor de dor, de saudade
De afago de carinho
Se quiseres, podes ser uma delas
Tem que ser sensível para saber o que diz
As almas falam tanto, essas falam de mim
Quantas vezes em lágrimas rabisquei
Aquilo que tanto desejei
Pode ser por causa de uma desilusão
Horas felizes horas de rejeição
Meu sonho é muito insistente
Mesmo machucado ele deseja um abraço

Onde posso chegar, quero te alcançar
Você parece tão longe, me deixa pelo menos te avistar
Nem mesmo em meus sonhos consigo te ver
Teu semblante está oculto, para ninguém saber
Porque se soubessem, não entenderiam tudo o que eu quis dizer
Muitas vezes pensei em parar, deixar você seguir em paz
Mas arde dentro de mim, já é tarde demais para desistir
Está selado, marcado no coração na alma dentro de mim
Porque é tão difícil fazer o que nos deixa feliz!
As palavras são ocultas, porque não preciso dizer
O desenho torneado expressivo colorido
Fala o que precisas saber
Deixa-me ser feliz, olha pra mim
Se você me notar, vai descobrir o que desejo falar
Você vai gostar, vai se identificar
Quem não amou, chorou, sonhou, ou desejou?
Se ao menos me desse uma chance
O mundo seria pequeno para te mostrar meu talento
Quero realizar um sonho, você tem que notar
Os sonhos devem se concretizar
Ou irão agonizar até desfalecer, eu não quero esquecer
Só pra você saber, eu os guardo com cuidado no coração
Fica tranquilo, tem muito espaço e inspiração
Mas não demora muito, porque o tempo nos envelhece
Nos faz esquecer e por fim morrer.
E você jamais irá saber o que eu quis dizer.

O TÉDIO DO AMOR

Autor: João Aniceto da Silva

Inspetor Ambiental da Guarda Municipal de Campinas

Passam noites, passam dias, passam horas...
Ao meu peito, eu já sei: nada consola
Neste meu viver de tédio e solidão.
Minha vida é qual bandeira desfraldada,
Está sempre em desalinho, atordoada,
Por alguém que nem sequer tem coração.

O amor desencontrado é um passarinho
Quem em desespero segue em busca do seu ninho,
Vê-se preso mesmo estando em liberdade.
Quem tanto ama, feito eu, sem ser amado
Não tem luz e sobre si o céu brumado
Cobre até mesmo o sonho da realidade.

Quero a morte em vez da vida, eu já disse:
Viver assim neste desprezo é uma tolice
Não tem graça este ir e vir na contramão...
Meu destino é uma noite em agonia
Já faz muito qu'eu perdi minha alegria
O tédio imenso já matou meu coração.

Quantas lágrimas por alguém tenho chorado!...
O meu viver é o de um cão abandonado,
A minha dor já nem consigo mensurar.
A vida inteira eu vou sofrendo e não reclamo,
Mas amar assim do jeito que eu amo
O bom seria era mesmo não amar.

I Concurso Cultural Era uma vez...

LEMBRANÇAS DE MINHA INFÂNCIA

Autor: Iracema Rodrigues da Costa de Andrade
Funcionária da IMA

Era uma vez
Em um sítio bem distante
Uma casinha pequenina
E árvores bem verdejantes.

A casa era de coqueiro
Com barro bem amassado
Os pássaros em sinfonia
Cantavam por todo lado

E os meus pensamentos que voam
E chegam neste lugar
Lembranças da minha infância
Me deixam a suspirar.

Como a vida era tão bela
Tão pura, tão simples, enfim
Se vivia de verdade
Sem estresse como aqui.

As brincadeiras de roda
Também de passar anel
Pega-pega, esconde-esconde
Tão gostoso como mel

Pular corda e amarelinha

Peteca, jogar peão
Respirar aquele ar puro
Que hoje não tem mais não

E as bonecas, que lindas
Com cabelo sem igual
Negros, loiros, castanhos e ruivos
Tirados do milharal

Seus vestidos eram comuns
Todos feitos manual
Mais feito com muito amor
Com um toque especial

Nas noites de lua cheia
Tão claro como um dia
Sentados lá no terreiro
Ao ar livre todos viam

Minha mãe devagarinho
Sentava do nosso lado
Ficávamos todos juntinhos
Com os olhos estatelados

Histórias de lobisomens
Saci e assombração
Todos se encolhiam tanto
No fim era diversão

Os pomares coloridos

Os risinhos de cristal
A vida passou depressa
Tudo valeu afinal

Lembrança de minha infância
É muito especial...

I Concurso Cultural Era uma vez...

SEM TERRAS NUNCA MAIS

Autor: Ronaldo Duarte dos Santos
Funcionário da secretaria de Saúde

Vou correndo esse Brasil
Não sei onde vou parar,
Cada canto que encosto
Vem alguém pra me expulsar
Tanta terra abandonada
Que eles nem sabem que tem
É só encostar meu povo
Que aparece logo alguém,
Tem que sair
Essa terra não é o seu lugar
Vá logo embora
Ou eu mando a polícia lhes tirar
Mas eu vou continuar
Não vou me deixar vencer
Porque entre nosso povo
Haverá de aparecer
Um que tenha condições
De vencer os ideais
E nos tirar esse rotulo
Sem terras nunca mais

I Concurso Cultural Era uma vez...

**A CRÔNICA QUE RECEBEU 3
PRIMEIROS LUGARES**

I Concurso Cultural Era uma vez...

EM TEMPOS NÃO TÃO MODERNOS ASSIM

Autora: Natália Aloise
Funcionária da COHAB

Atualmente, notamos cada vez mais pessoas conectadas com a internet, reflexo do grande avanço digital onde tudo é mais rápido e mais dinâmico. Tal fato trouxe alguns benefícios e comodidades para a sociedade contemporânea, como rapidez nas movimentações bancárias, flexibilidade de compras, contato com pessoas em diversas partes do mundo, encontros e reencontros de pessoas, relacionamentos virtuais, entre tantos outros. Mas será que realmente essa nova era trouxe tantos avanços notáveis assim?

Certo dia em uma festa encontrei-me com José, um velho amigo de infância. Ao colocarmos o papo em dia, notei que insistentemente ele olhava para uma bela moça do outro lado do salão. Ao perceber que eu havia notado seu interesse por ela, incentivei-o a se aproximar da garota. Ele ficou desconfortável e me disse: “Acha que eu devo ir lá e pedir o face dela?” Foi aí que eu notei que nossa geração está realmente perdida.

Lembrei-me de José na época de escola, líder nato, aquele que chamava a turminha para as melhores brincadeiras e sempre era paquerado pelas meninas. Agora me deparei com tal situação, um sujeito que não conseguia puxar um papo e se relacionar fora da web. O mais engraçado e não menos trágico, foi ter me colocado no lugar de meu amigo, pois também faço parte dessa era, da era de equipamentos extremamente inteligentes e pessoas burras.

Antigamente, consultávamos a Barsa, a biblioteca ficava longe de casa e marcávamos com vários amigos para fazer um trabalho escolar, era o maior barato. Hoje, consultamos o Google sentados em poltronas con-

fortáveis em nossas casas vazias. Um bom papo hoje em dia é raro, são tantas abreviaturas, fotos com filtros, citações sem autores e analfabetos funcionais. Utilizam celulares com excelência, mas não conseguem fazer uma redação.

Hoje eu faço a mesma pergunta que meu amado Drummond: E agora, José?

Agora, precisamos levantar a cabeça, deixar de olhar para a tela do celular e olhar nos olhos das pessoas, precisamos retornar à “era analógica” onde as pessoas iam nas casas umas das outras, quando as confidências entre os amigos eram feitas pessoalmente e não por email, mensagens instantâneas e redes sociais. Precisamos dar às pessoas nossa verdadeira atenção e nosso amor, e não simplesmente nosso “curtir”.

**AS CRÔNICAS SELECIONADAS POR
MAIS DE UM JURADO**

I Concurso Cultural Era uma vez...

AFINAL QUEM É ELE?

Autora: Rachel Aparecida Bueno da Silva
Funcionária da Secretaria de Educação

Bem! Se já existiu Betty Davis infiltrada na Semana Euclidiana, por que não Paulo Coelho?

Diz o ditado popular que, “o lobo perde o pelo, mas não perde o vício” e foi o que aconteceu com a Betty, que, mesmo desmascarada, continuou décadas depois a tentar enganar os inocentes utilizando-se de outros personagens. Embora ela jure que um episódio não tenha nada a ver com outro, mas aconteceu mais ou menos assim:

Um grande amigo dedicado ao trabalho de divulgação da obra euclidiana, excelente professor, carismático, um showman, sempre que chegava à cidade já arrumava uma verdadeira legião de fãs de todas as idades, sexos, religiões, times de futebol, verdadeira unanimidade, ou quase, pois na pseudo nobreza tem sempre alguém que se incomoda com a competência e o sucesso alheio, mas isso não vem ao caso e nem fará parte dessa crônica, ou ocupará outra crônica qualquer.

O que importa é que ele sempre foi muito bem aclamado pela crítica... Mestre, escritor, autor de teatro, enfim um homem do mundo. Tão conhecido que, por onde passava em São José do Rio Pardo, as pessoas o chamavam pelo nome e ele, que nunca se deu conta da extensão de seu sucesso, foi sempre muito simples e simpático para com todos.

Um dia, em uma Semana Euclidiana estavam almoçando, como sempre no agradável Restaurante Stuffa, quando o garçom, que trabalhava lá há anos, sempre muito gentil e discreto, chamou Betty de lado e com muito jeitinho perguntou:

- Tenho observado há tempos esse senhor e vejo que ele é muito conhe-

cido, admirado e respeitado por todos.

Quem é ele? É algum ator? Escritor?

Pronto, o garçom tinha acabado de oferecer milho a bode e a maldade de Betty Davis saltou-lhe dos olhos.

-Ah! Sim! Então você o reconheceu? Vejo que é discreto e peço para manter-se assim, pois ele gosta daqui exatamente porque pode andar tranquilamente pelas ruas.

Assim se passaram os dias, o pobre homem alimentando-se do prazer em servir seu ídolo. Sua mesa sempre muito bem servida, nunca havia espera. Ao que todos os que o acompanhavam, admiravam a presteza dos serviços do restaurante e de seu garçom. Betty, que aprendeu com a nobreza a ser falsa, chegou próximo do garçom e disse-lhe:

- Então você já sabe quem ele é?

- Sim, é o Paulo Coelho, acho que vou pedir-lhe um autógrafo, mas tenho vergonha e não quero incomodá-lo.

Disse o garçom cioso de seu dever em atender bem e não incomodar os clientes.

- Pois bem, quando quiser é só chegar e pedir, ele é gente muito fina, não vai se incomodar em dar-lhe um autógrafo. E assim foi Betty cuidar de seus deveres, esquecendo-se do admirador e do admirado.

Ao final daquela Semana Euclidiana ela já não se lembrava da farsa, quando de repente, durante o almoço, surge o garçom tomado de coragem, respirando fundo com um livro de Paulo Coelho nas mãos, avança e pede um autógrafo àquele que passou a ser impostor sem saber.

- Seo Paulo Coelho, por favor, me dê um autógrafo, sou seu fã há anos.

Surpreso e vendo a sinceridade do garçom, o pobre e embaraçado professor desculpou-se.

- Meu amigo, perdão, sinto-me lisonjeado em ser comparado com Paulo Coelho, mas não sou ele não.

Receba, não um autógrafo, que não lhe posso dar, mas um sincero e caloroso abraço desse amigo.

Após esse gesto de carinho, o garçom, constrangido, saiu com o livro debaixo do braço em direção ao balcão, quando no caminho encontrou outro antigo garçom da casa que assistia a tudo sem esboçar surpresa e foi tranquilizando:

- Não se preocupe com isso, há alguns anos atrás, quando esse Paulo Coelho era mais jovem, ele me foi apresentado como Antônio Fagundes e eu acreditei até bem pouco tempo, quando passei a trabalhar durante o dia e comecei a assistir novelas.

Eh! Esse é mais um dos casos acontecidos nas memoráveis Semanas Euclidianas.

I Concurso Cultural Era uma vez...

CRÔNICA 8

NO BICO DO CORVO

Autor: Odair Leitão Alonso
Funcionário do Gabinete do Prefeito

Minha vida pode ser resumida em antes e depois do “seo” Augusto, meu padrasto. Meu pai faleceu quando eu era muito novo e nossa vida ficou muito difícil. Tudo mudou quando minha mãe casou-se novamente e “seo” Augusto mostrou-se um mão aberta. Não se importava com ele mesmo, mas com a gente, nada podia faltar. Ele apenas queria que nós estudássemos e que fôssemos honestos. Nunca vi ninguém mais honesto que ele. Ensinou que nunca pegássemos o que não era nosso e sempre falou uma coisa que nunca mais esqueci:

- Caro, é o que não podemos comprar.

Então, para ele, não existia esse negócio de caro. Dava sempre presentes para minha mãe, para nós e especialmente (anos depois) para as netas. Fez coisas incríveis, como por exemplo: ele tinha quatro netas, as duas filhas do meu irmão e minhas duas filhas.

Pois ele pagou a “carta” de todas elas, para que pudessem dirigir. Como a Bianca era bem mais nova e ele já se sentia no final da vida, abriu uma poupança, depositou o valor correspondente e falou:

- Eu vou morrer logo, não vou ver a Bianca dirigindo (e não viu mesmo, ela tem 18 anos agora) quando ela for “tirar a carta” peguem esse dinheiro e digam que foi o vovô Augusto que pagou.

É claro que fizemos sua vontade.

Mas, voltando no tempo, passamos a comer bombons, tomar refrigerantes e sorvetes que tanto amávamos. A comida melhorou muito, com

carne todos os dias. As roupas também passaram a ser de melhor qualidade, assim como os sapatos.

Nas festas juninas ganhei meus primeiros fósforos de cor. Para um menino, até então pobre, foi uma loucura.

Fiquei encantado. Ganhei bombinhas e ele comprou rojões, fogos de artifício, chuvas de prata, eu nunca tinha visto nada igual. Isso, literalmente, coloriu minha infância.

Ao mesmo tempo, apesar de ter estudado apenas até o segundo ano primário, “seo” Augusto mostrava inteligência fora do comum e uma cabeça muito à frente do seu tempo. Ele tirou as revistas bobas de minhas mãos e passou a me oferecer livros da melhor qualidade possível. Quanto mais eu lia, mais ele me incentivava e me presenteava. Isso me ensinou a amar a leitura e, por consequência, a escrita. Ele foi o responsável direto por minha formação de jornalista.

Quanto a estar à frente de seu tempo, ao contrário do meu pai que proibia, ele passou a incentivar minha mãe a ir aos jogos e aos estádios de futebol. Fez que todo mundo se associasse ao Guarani e ia em todas as caravanas com minha mãe, embora seu time de coração fosse o Corinthians.

- Torcedor tem que ser sócio e ir ao campo, tem que ajudar o time, senão não é torcedor, dizia sempre.

E assim ele proporcionou as maiores alegrias para minha mãe. Viajou por Estado de São Paulo e foram até ao Rio de Janeiro. Quantos jogos fora, domingos, sábados, quartas à noite, debaixo de muita chuva ou sob sol escaldante. E ainda ajudava quem não tinha dinheiro, pagava ingressos, comprava lanches.

Ele adorava brincar com os outros e contar piadas. Quando, logo depois dos 50 anos os dentes deram problema, mandou arrancar todos. Colo-

cou dentadura. Mas ele usou uma cola que fixou demais o aparelho em sua boca e ao tirar, saiu até a pele da gengiva e do céu da boca. Pronto, foi o bastante para ele jogar a dentadura fora. Nunca mais usou nada. E viveu até os 92 anos sem dentes. Mas ninguém dizia. Mastigava perfeitamente, tudo, e não tinha a boca murcha não. Era uma figuraça.

Outro detalhe engraçado, quando ele gostava de um sapato, comprava logo três ou quatro pares iguais. Os vendedores nem acreditavam, morriam de rir. Ele dizia:

- Oras, se gostei vou usar muito, até acabar, então fica guardado e vou trocando.

Não gostava de fazer crediário, pagava tudo à vista e em dinheiro, também não gostava de cheques. Aos sábados à noite ia num bar perto de casa, o Bar do Vadico, e comprava uma dúzia de lanches e vários refrigerantes que a gente saboreava assistindo filmes e lutas que ele adorava.

Outra coisa boa era nos finais de ano. Primeiro ele ia até Rio Claro de trem, sozinho, buscar coisas no mato, galhos e frutos secos que minhas primas pintavam com um spray prateado ou dourado e serviam de enfeites para o Natal. Depois íamos todos, eu, ele, minha mãe Armandina, meu irmão Fernando, Tio Albano, Tia Nena e meus primos Milton, Mercedes e Marly para Jundiá na casa de um irmão dele, o Chico. Íamos de trem.

Outra delícia que o tempo apagou. De lá, a pé. Chegávamos numa vinícola e comprávamos muitos garraões de vinho. Minha mãe adorava os doces e brancos, ele os tintos e secos. Mas vinha de tudo.

Já em casa montávamos a árvore de Natal, com algodão fazendo papel de neve e muitas bolas (todo ano quebravam umas cinco ou seis) e o presépio com peças lindas e outras que ele mesmo fez, pois era caprichoso.

Minha mãe ia para a cozinha e arrasava com suas mãos maravilhosas de fada. Meu Deus, a ceia era divina.

Comíamos muito e a felicidade estava no ar.

Naquela época ainda não existia shopping, então ele ia, dias antes do Natal, (e a gente ficava meio louco de alegria) e fazia aquela compra num mercado de portugueses que existia na Rua Costa Aguiar, no centro de Campinas. Comprava frutas frescas de todos os tipos; figos cristalizados; frutas secas como figos, tâmaras, uvas-passa, nozes, castanhas (que ele adorava), panetones, enfim tudo de bom e do melhor. Para beber, além dos refrigerantes, ele comprava cerveja, vinhos, espumantes, gin, rum e vodka.

Mas todo ano, tinha uma brincadeira que ele sempre fazia, pois ficava cada vez mais velho. Para dizer que estava “muito” idoso e cada vez mais perto da morte, ele falava para nós:

- Eu estou no bico do corvo!

A gente ria a falava: é sim, nós é que vamos morrer antes e o senhor vai ficar firme aí, com essa saúde de ferro.

E foi assim a vida toda. Recordo que minha mãe foi perdendo a visão. Ela adorava costurar, fazer crochê e tricô, mas sempre derrubava as agulhas e alfinetes no chão e depois não conseguia achá-los. Ele inventou um instrumento sensacional. Colocou um imã na ponta de um cabo de vassoura. Bastava ela passar o cabo com o imã pelo chão que tudo ia grudando e ela recuperava seu material. Depois que eles morreram achei o imã num cantinho da casa e até chorei. Que prova mais linda de amor e carinho.

Ele arrumava tudo, consertava tudo, mesmo depois de trabalhar mais de 47 anos na Companhia Paulista de Estradas de Ferro, seu grande orgulho. Aposentado, passou a tomar conta de casa de médicos. Eles viajavam e ele ficava na casa, para guardar, mas acabava arrumando

torneiras que estavam vazando, chuveiros com a resistência queimada, aparava a grama, limpava as piscinas, consertava trincos e fechaduras. Quando eles voltavam, a casa estava melhor do que antes. Ele passou a ser disputado. Com o coração que tinha, todo o dinheiro que recebia gastava em presentes para minha mãe e, principalmente para as netas.

Mas a idade chegou. Primeiro ele teve um AVC e precisou reduzir seu ritmo de atividades. Depois, e isso foi o pior, caiu no box do banheiro e fraturou o fêmur. Ele foi operado, mas nunca mais andou. Ficou conde-nado a uma cama para sempre. Isso acabou com ele.

Passou a depender totalmente dos outros. De minha mãe que quase não tinha mais forças, de mim e do meu irmão que nos revezávamos nos finais de semana e das enfermeiras que ficavam lá durante o dia e à noite. Era preciso colocar fralda nele. Dar banho. Dar comida, bebida, remédios na boca. Ele ficou arrasado. Várias vezes ele conversou comigo pedindo para abreviar tudo. Em outras ocasiões pediu desculpas pelo trabalho que estava dando. Eu sempre respondi que era o mínimo que podíamos fazer.

Ele nos deu tanto, a vida toda, que não havia como pagar. E foi assim, com a ajuda de todos que cuidamos dele, passamos momentos difíceis, mas demos todo o carinho e amor que ele sempre mereceu. Mas de brincar ele nunca deixou. Lembro que, num domingo de manhã, quando fui levar seus remédios (um punhado de comprimidos em minha mão), ele riu e disse:

- Odair, depois de velho pareço uma galinha, você vem com a mão cheia de milho para me dar.

Num domingo, bem perto do Natal, dia 22 de dezembro, no quarto de casa, ele fechou os olhos para sempre.

Acho que Deus resolveu fazer a festa de fim de ano no céu, toda incrementada, e decidiu chamá-lo mais que depressa. E lá se foi “seo”

I Concurso Cultural Era uma vez...

Augusto para alegrar as coisas do outro lado da vida. Finalmente, “o corvo abriu o bico”!

ZÉ PRETO

Autor: Aloísio Carlos Monteiro Amadeu
Funcionário da Secretaria de Finanças

Zé Preto era um negro velho, serelepe, magro e ágil, com poucos dentes, as têmporas brancas como algodão, com não-se-sabe-quantos anos de vida. Calculava-se que tivesse uns 70 anos, pelo contraste da cor de suas têmporas com a de sua pele. De sua simplicidade transbordava fidalguia, típica dos ébanos que conhecem os segredos da natureza e da noite. Ninguém sabia precisar seu nome, sua idade, sua origem. Recebeu esse codinome em virtude da cor de sua pele - mais negra que a asa da graúna -. Era chamado “Cavalheiro da Noite” por conta de andar por aquelas noites, à pé e descalço, sem nunca ter sido picado por qualquer cobra. Também não tinha medo das onças pardas que por ali rondavam, deixando a todos precavidos com uma boa arma de fogo. Zé Preto não. Usava camisa manga curta e calça de brim remangada até o meio de sua canela fina, remendadas de tal forma que ficava difícil distinguir suas roupas, dos remendos que delas faziam parte.

Veio das bandas de Minas pra riba, subindo pela linha da divisa dos Estados de Goiás e Mato Grosso do Sul, até chegar na Pontinha do Cocho - um patrimônio no caminho do sertão de quem vai de Camapuã para Costa Rica, conhecida como “terra dos Malaquias”, a 210 Km. da capital Campo Grande – caminho esse que foi utilizado pela Coluna Prestes na Intentona Comunista de 1930.

Nessa região muitos ouviram falar daquele cavalheiro solitário, mas poucos tiveram a honra de conhecê-lo pessoalmente, como eu.

Morava na Fazenda Taboquinha, no fim de uma picada que se perdia no cerrado, onde meu sogro Ramão e meu afilhado Hudson Nantes certa vez foram visitá-lo. Após cavalgarem umas três léguas - partindo da Fazenda “Colina da Alvorada”, a 10 Km. Do distrito da Pontinha do Cocho - no rumo da Água Santa; quando menos esperavam, o trieiro desembo-

cava numa mata e, logo em seguida, avistaram sua tapera feita de taipa, de um lado protegida pela mata e do outro, uma pequena clareira. Seu rancho era de chão batido, com portas destarmeladas e janelas treliçadas. Quase não tinha lá fora nem lá dentro, tamanhos eram os buracos na parede e no teto, coberto com folhas de buriti. Um banco de aroeira esculpido à mão, três cadeiras, um traste em forma de mesa ao centro da sala. Nas paredes, tarcos e tralhas dependurados. À direita de quem entra, um fogão suspenso, feito de barro e ripas entrelaçadas, tendo embaixo uma toca como a de tatu que sumia de vista. Ao fundo via-se uma tarimba de dois andares - uma mistura de cama com poleiro de galinhas. Para não amanhecer cagado por elas, Zé Preto amarrava bolsas de sal vazias que funcionavam como toldo. Sua casa era também tulha, com alguns tapumes feito de bambu protegendo os sacos de cereais que colhia numa rocinha ao redor de sua tapera. Com ele moravam, também, leitões e cachorros, dentre outros bichos do mato, que faziam de seu rancho o seu refúgio noturno. Eram catetos, queixadas, capivaras etc. Corria por ali que seu cão de guarda era uma cascavel, que morava na toca embaixo do fogão. Ramão e Hudson não viram a cascavel, mas viram os rastros na terra fofa na entrada do rancho.

Veza por outra, como que surgido do nada, sempre à noite, tendo lua ou não, ele aparecia em nosso rancho, na Fazenda Colina da Alvorada. Seu vulto desafiava até mesmo o olho de lince do velho Ramão, acostumado a divisar as silhuetas da noite - esta mãe infinita, sigilosa e astral do pererê, que nos cobre com seu manto negro

- A cadela "Caipira" ladrava ruidosamente prenunciando a chegada do visitante. Só mesmo quando ele se aproximava dos fochos de luz dos lampiões dependurados nos caibros da varanda, percebia-se quem era, pelo contraste de sua camisa e cabelos brancos, com a negritude reinante. A viola e as conversas silenciavam, e todos os olhares se voltavam, curiosos, para o rascunho da figura do visitante, como que desenhado à giz num quadro negro:

- Ramão esbraveja para a cadela: - "passa quieta!" - que obedece de

pronto e sai uivando baixinho, desapontada. No canto da boca diz para nós: - é Zé Preto quem vem lá - E aguarda a senha.

A estas horas no sertão, para chegar sem levar um tiro no peito tem que saber o prefixo:

- Louvado seja Nosso Sinhô Jesus Cristo!

- grita, de lá, o visitante da noite!

- Para sempre seja Deus louvado! - de cá, respondemos em coro.

O visitante sabe que é bem vindo, se aprochega. Pega de leve a mão de cada um e sentase no primeiro banco de pau que encontra na varanda. E tem a honra de poder furar a fila do mate e ser o próximo a receber a cuia de chimarrão, transbordando com água quente.

Naqueles dias, após ouvir o ponteio da viola do Sr. Ramão e enquanto a cuia do chimarrão ia de mão em mão, aquecendo a goela e arrefecendo o cansaço do dia, ouvíamos as histórias e causos extraordinários que Zé Preto tirava de seu repertório inesgotável. Mais histórias que estórias. Das histórias, preferia aquelas que falavam da passagem da Coluna Prestes por aquelas trilhas e de como a família Malaquias foi feita prisioneira e torturada pelos Revoltosos¹, sob a acusação de ter colaborado com os Federais², que perseguiam a Coluna. (Esta história fica para outra ocasião). Contava com riqueza de detalhes a verdadeira história, que não nos ensinam nas escolas. Foi boiadeiro de comitiva e conhecia todas aquelas trilhas, encruzilhadas e milhas do alto sertão que era terra de ninguém e hoje, “não tem um palmo sem dono”, dizia. Falava de esporas de prata, das rodas de tereré, das modas de viola, causos de onças e de sucuris de doze metros, e de tralhas ajeitadas nos lombos dos burros das comitivas. Narrava suas histórias, como se as

1 Nome dado aos participantes da Coluna Prestes

2 Nome dado aos soldados do Governo, que combatiam a Coluna.

dimensões tempo e espaço não existissem. Uma viagem de três meses no sertão - montado no lombo de burro bravo - era contada como se fosse um alegre e efêmero sonho de criança. *“Prá peão de comitiva, o longe não existe”*. Frisava sempre.

Às crianças, contava causos e charadas, apimentados com assombrações como: mulasem- cabeça, saci-pererê, sucupira, caipora, pé-de-garrafa etc.

Mas não parava aí. Discorria desde o comportamentos das formigas até o funcionamento dos satélites. Sabia os segredos dos bichos e os poderes miraculosos das rezas e das ervas nativas daquele rincão. Dizia que não existe reza mais forte e perigosa que o “Creio em Deus Pai” rezado de trás para frente e recomendava precaução àqueles que quisessem aprender.

Tinha intimidade com a noite e com a natureza. Até aí tudo bem, pois nasceu e foi criado nas ribanceiras de córregos. Mas como explicar sua sabedoria das leis que regem a astrofísica, a astronáutica, dentre outros ramos da ciência? Em 1986 ele preconizava que, em breve, os “bacanas” da cidade - e do mato também - teriam no bolso um “aparêio” menor que um maço de cigarros, que os possibilitaria falar com o mundo todo, sem sair do lugar. Com seu vocabulário próprio de caipira, desfiava qualquer assunto - da mata à Marte - com tranquilidade e um trejeito que o fazia levantar as duas pernas e elevar as mãos aos céus, como quem fosse aplaudir a própria sapiência.

Após o jantar, agradecia em nome do “Peão Celestial”, jogava seu saco de tralhas às costas e embrenhava-se na mata, sumindo na noite do jeito que apareceu, sem fazer barulho. E todos ficávamos boquiabertos com a sabedoria contida em suas histórias e indagávamo-nos uns aos outros de onde ele tiraria tamanha sabedoria e coragem.

As crianças iam para cama e temerosas pediam para deixar o lampião aceso, perguntando se existiam mesmo os bichos e assombrações das estórias e lendas que ouviram do negro velho.

Certa tarde, Ramão voltava da lida, à cavalo, quando se deparou com a “baratinha” da polícia, encravada no barro da estrada que vai para o patrimônio da Pontinha do Cocho. Aproximou-se para oferecer ajuda quando percebeu que além de dois policiais, estava também no carro, como prisioneiro, ninguém menos que Zé Preto. E após ajudar a desatolar o carro, convidou a todos para tomar tereré³ em sua Fazenda, que ficava ali perto.

Antes que o guampo de boi em forma de cuia fizesse o primeiro “roq ... roq...” Sr. Ramão perguntou aflito:

- Que se sucede, “Seo” Zé ? Está só de carona ou está sendo levado preso?

- Pois é né, Seo” Ramão. Óia só: esses hôme mi levaro prá depô na delegacia de Camapuã

- respondeu sem perder sua filigrana.

- A acusação deve ser muito grave - retrucou Ramão, estendendo a cuia de tereré - afinal, são mais de 30 léguas de uma quase estrada, numa região que só é lembrada pelo governo na hora de cobrar o INCRA. Sem contar essa lua escaldante que quase nos mata de calor e faz “ferver o radiador” de qualquer um!

- Sabe, “Seo” Ramão

- continua o Negro Velho:

a demanda é com o meu vizinho Seo Cirilo. Há tempos venho pedindo a êle que prendesse seus porcos porque estavam comendo a minha prantação. O Sinhô sabe: quem qué criá porco tem que fazê cerca. Avisei duas vezes. Na terceira, matei o porco e deixei ele no mesmo lugar. Num

3

Bebida típica do Mato Grosso do Sul, também conhecida como chimarrão gelado.

é que o lazarento deu parte pro dotô delegado. Daí, esses dois policiais vieram mi buscá. Chegando na delegacia, expliquei ao dotô o acontecido.

Dispois de anotá tudo, o dotô me disse:

- Sr. Zé: o senhor está liberado e pode ir embora para casa. Se precisar mando chamá-lo de novo!

- Ir embora pra`onde - perguntei. Eu tava quieto no meu canto e ocêis num foram mi buscá? Pois eu vim do jeito que eu tava na roça. Num trouxe nada. Ou ocêis mi leva de volta ou vô morá aqui na delegacia agora. E óia que já tá na hora da bóia e eu tô cum formigueiro no meu estômbugo e quero cumê. Se num mi levarem, vô ficá por aqui. Vô morá aqui. Óia que eu conheço bem a lei. Eu matei o porco, sim. Mas foi dispois do segundo aviso e deixei o porco intacto no lugá. Pode ir lá oiá as ossada. Quem qué cria porco tem que fazê cerca prá mó de num incomodá. Sou pobre e preto mas conheço bem meus direito. Resfestelei na cadeira e por ali fiquei.

Zé Preto, pela décima vez, chupou calmamente toda a água gelada do tereré, contorcendo a bomba pelo canto da boca, saciando a sede da viagem sob aquele sol de rachar mamonas, devolveu a cuia agradecido e continuou:

- O dotô arregalou os zóio, coçou a cabeça, afrouxô a gravata e ficou pasmado qui nem espantáio. E eu ôiando na cara dele, convicto que não arredá o pé dali . Percebeno que num ia mi dobrá, o dotô mandô esses dois aí enchê o tanque do fusquinha de árcool e qui mi truxesse de volta, dispois de mi pagarem um “pê-éfe” no restaurante da Dona Maria Galinha.

Conta-se que, tempos depois, o Sr. Cirilo voltou à delegacia para reclamar outros porcos abatidos pelo Zé Preto. O delegado escorraçou o fazendeiro, expulsando-o, não sem antes obrigá-lo a indenizar a delegacia

dos prejuízos que teve com o incauto episódio dos porcos e dizer-lhe que se retornasse àquela delegacia para dar parte de porcos mortos pelo Zé Preto, ele é que acabaria vendo o sol nascer quadrado.

Num dia qualquer do mês de julho de 1996 encontraram Zé Preto morto. Morrido de morte natural, foi encontrado caído no terreiro de seu rancho depois de uns dez dias do acontecido. Os peões que o encontraram por acaso, ficaram perplexos e não acreditaram no que viram. Fazia tempo que o “Cavalheiro da Noite” havia falecido, no entanto, seu corpo magro e seco estava intacto, como se tivera acabado de morrer. Foi enterrado numa cova sem inscrição, no cemitério da Pontinha do Cocho. Consigo, levou o mistério de sua existência. Dele só restaram as histórias que contava. Muitas se perderam no vento e algumas ficaram gravadas, para sempre, nas mentes daqueles que o conheceram e pararam para ouvi-lo.

Viveu cercado de bichos. Com eles morreu. Talvez, por isso, nenhum animal, nem mesmo formigas, ousaram tocar sua pele!

I Concurso Cultural Era uma vez...

AS MELHORES CRÔNICAS DE CADA JURADO

I Concurso Cultural Era uma vez...

WOOLY BULLY

Autora: Cristina Martins Cordeiro
Funcionária da Secretaria de Urbanismo

O rock'n roll das décadas de 50 e 60 envolve o lugar. O convite para balançar o corpo nesse ritmo convida todos para a pista. A penumbra esconde um pouco certas imperfeições das pessoas, uma espinha na face, uma ruga do canto da boca, mas acentua a cor do batom das mulheres. A fumaça dos cigarros se impregna nas roupas e cabelos e toma o lugar do perfume que os homens e as mulheres passaram antes de sair de suas casas. Bartenders agitados procuram dar conta dos pedidos de drinks e cervejas, mostrando agilidade e um bailado entre copos, garrafas, liquidificador e mixer. Em certos momentos, eles se colocam em cima do balcão e dançam sensualmente o Woolly Bully. Garçonetes a caráter encantam e servem entre sorrisos. Cada gole de bebida provoca uma libertação maior entre todos que lá estão. O drink em brasa é bebido rapidamente com um canudo e proporciona uma sensação quase demoníaca. O chão quadriculado em preto e branco dá um ar de nostalgia levando-nos a uma viagem ao passado.

Chegam casais, grupos de homens e mulheres e até os corajosos solitários. Os desacompanhados buscam a aprovação de um olhar para a aproximação.

Dentre os acompanhados existem os que trocam olhares maliciosos com outros, que não seus acompanhantes, num jogo de sedução. Ao longe observo dois casais conversando, cada qual com seu acompanhante, mas a mulher de um notoriamente se insinua para o homem da outra e ele a seduz com um olhar mágico.

Aquilo me chama a atenção e, do balcão do bar, fico observando. Não consigo reprimir a situação. Percebo uma troca de desejo contido, de emoções reprimidas, numa atração incontrolável. Sorrateiramente, eles se tocam, ora mão com mão, ora mão na perna. Não entendo como os

acompanhantes não percebem a troca de olhares e o jogo das mãos.

E a música prossegue, e as bebidas continuam a chegar. E aquele casal continua na cumplicidade do momento.

Engraçado, não consigo enxergar a imoralidade nem o erro. Talvez porque eles estejam se apaixonando um pelo outro. E quando a paixão começa é quase impossível controlar.

Vem-me à lembrança o filme “As Pontes de Madison”, quando Francesca abdica do amor do fotógrafo Robert em nome da família. Por uns dias vivem aquele amor e esse amor somente será depois vivido em saudades, sonhos e lembranças. Acho que não vale a pena impedir a explosão da paixão. Por isso não julgo aquele casal em atitudes de sedução.

De repente, sou chamada de volta à realidade. Corro para a pista e começo a dançar o rockabilly com sensação plena de liberdade.

A TABAQUEIRA

Autor: João Aniceto da Silva
Inspetor Ambiental da Guarda Municipal de Campinas

É engraçado como certas coisas nos ficam a brincar na memória. Quando criança, morava eu na roça, como se dizia antigamente daquelas pessoas que se distava, ainda que pouco, dos centros urbanos. Minha cidade toda, em si, era uma roça, se se fosse levar ao pé da letra a diferença entre morar na roça ou na cidade.

Acontecia que na boquinha da noite, quase que infalivelmente, todos os dias, um nosso vizinho de nome Sebastião Vianna, senhor já de certa idade, viúvo, morando apenas com um filho moço, doente mental, pegava sua Sabará (era assim que ele chamava aquela faca de ponta, espécie de punhal, que preservava sempre na cintura). Com sua Sabará de cabo de osso aquele homem cortava uma boa porção de fumo em rama e punha para torrar em cima da chapa quente do seu fogão de pedras. Costume antigo, segundo ele, era fazer o seu rapé sagrado de todos os dias.

Quando o tabaco estava bem sequinho, o Sebastião jogava aquela porção dentro de um tubo de bambu, recipiente natural, com um dos lados cortados, fazendo uma boca... Do outro lado do gomo preservava-se o nó. O tabaco ali dentro, torrado, era amassado com uma vareta, ou bastão, de cipó cruzeiro. Sei que lá da nossa casa antiga, do outro lado da estrada que separava nossos quintais, todas as tardezinhas, fizesse sol ou chuva, eu, menino lá de uns onze para doze anos, ficava na escuta do som que o senhor Sebastião fazia se produzir no trabalho de fazer o seu rapé. Era um som todo especial que se produzia porque o homem alternava duas pancadas sequentes ao amassar o tabaco dentro daquele canudo de bambu com o bastão de cipó cruzeiro. Era mais ao menos assim aquele som: “Taco, taco tataco taco; taco, taco, tataco, taco!...

Uma batida na mesa, outra no canudo ia produzindo aquele som!...

Ficava naquele “taco, taco, tataco, taco”, até que se tinha todo o fumo de corda feito em pó, ou feito no chamado rapé de fumo pelo Sebastião.

Depois, então, o homem despejava o rapé, num canto, em cima de uma mesa grande de madeira, ali na cozinha, e ia enchendo caixinhas, umas três ou quatro, com o pó prontinho para ser inalado, o que ele fazia com uma maestria de fazer inveja em qualquer tabaqueiro que o visse!

Daquelas caixinhas havia uma toda especial, verdadeira obra de arte, toda decorada, feita todinha de madeira!... Redondinha, de caviúna, bem tampadinha com tampa da mesma madeira... O cheiro do rapé, nesse caso, juntava-se com o cheiro da madeira da caviúna e o tal rapé ficava todo especial, de acordo com o tabagista. Era a sua tabaqueira preferida, a de caviúna!

Quem lhe pedisse uma cheirada, tinha o prazer de ver o Sebastião meter a mão na algibeira das calças e de lá retirar a sua tabaqueira, abri-la caprichadamente e com jeito e dar ao pedinte o seu rapé cheiroso.

O cidadão juntava, então, o polegar e o indicador, geralmente da mão direita, e enfiavaos na tabaqueira, com certo jeito também, e de lá puxava uma pitada daquele fumo em pó. Daí, metia-os nas narinas e inalava o pó contagiante e atraente feito pelo Sebastião Vianna, e guardado naquela tabaqueira de caviúna!...

Certa feita, vendo meu pai tomar uma pitada daquele rapé com o velho, resolvi experimentar, também, o tal pó. Meti os dedos naquela caixinha linda de caviúna e de lá, bem lambuzados, puxei-os cheios de rapé. Enfiei aquele negócio nas narinas e inalei de uma vez só o tabaco cheiroso...

Meu Deus! Foi um tal de espirrar para aqui e para ali que não conseguia mais parar.

Acho que dei uns vinte, ou mais, espirros!... Tinha a impressão que me

saía fogo pelas ventas, tão forte era aquele troço!

Meu pai mais o velho Sebastião riram muito de mim com aquela espirradeira toda. E diziam-me:

- O que é isto, rapaz? Uma pitadinha à toa de um tão bom rapé e você está aí a morrer?

Larga de ser mole!...

Tome outra que passa!...

Fui correndo para casa com a impressão de que me sangrava o nariz! Não sangrava.

Mas de rapé, a partir daí, eu sempre quis a maior distância possível.

Até hoje nunca mais eu quis saber de rapé.

Apesar disto nunca pude me esquecer completamente da tabaqueira do velho Sebastião Vianna e do seu “taco, taco, tataco, taco” na hora de produzir o seu delicioso rapé de fumo de corda, tão desejado era por muitos que igual a ele gostava tanto de uma boa pitada

!...

I Concurso Cultural Era uma vez...

CRÔNICA 1

INESQUECÍVEIS NOITES FRIAS

Autor: Odair Leitão Alonso
Funcionário do Gabinete do Prefeito

Como era bom morar num bairro popular, cercado por vizinhos amigos, todos ferroviários ou descendentes de trabalhadores das estradas de ferro. E era assim que vivíamos num lugar tranquilo, na Vila Lemos, perto da Vila Industrial. Nossa família morava na Rua Camilo Vanzoline que seria sempre chamada de “rua do meio”. O grande amigo “seo Paulo” na Avenida General Carneiro, que era a “rua de baixo” e outros grandes amigos moravam na Rua Vitoriano dos Anjos que era, obviamente, a “rua de cima”. Tinha as paralelas, um campinho de futebol de salão, depois vinha o Quartel do 8º Batalhão da Polícia Militar de Campinas, onde também existe um campo de futebol excelente. Ali, eu e tio Albano íamos todos os domingos, acompanhar os jogos do Canto da Vila no campeonato amador de Campinas. Na rua de cima ficava o nosso campo, num grande terreno baldio. Ali colocamos as traves, arrumamos mais ou menos o gramado e enfrentamos dezenas de adversários, fora as nossas “peladas” constantes.

Nesse circuito fazíamos nossas corridas pedestres, sempre com prêmios para os vencedores e, ali aprendi a andar de bicicleta, levando grandes tombos e raladas. Todo mundo andava de bicicleta, pois existiam poucos carros e o perigo era mínimo. Também andávamos de patinetes e de carrinhos de rolimã. Era uma festa total.

Todo ano, tudo tinha seu tempo certo. Existia a época de soltar papagaio ou pipa ou maranhão, como mais gostávamos de chamar. Fazíamos de todos os jeitos e as disputas eram sensacionais. Os pequenos, como eu, eram ajudados e apenas brincavam. Os maiores iam para as disputas mesmo e uns cortavam as linhas dos outros. Quem ficasse por último no ar, vencia o torneio. Era uma profusão de cores, papéis, linhas, carretéis,

colas e rabos. Todas as famílias se engajavam nas brincadeiras.

O que eu mais gostava era a época dos balões. Que coisa mais linda! Pena que ficaram tão perigosos por causa do progresso e dos incêndios. Também eram confeccionados de todas as cores e formatos. Charutos, redondos, mais compridos, com grandes enfeites e, soltando fogos. A gente fazia uma tocha bem grande, enrolava com arame e colocava na boca do balão. Como eles eram enormes, alguém ia para o telhado segurar nas pontas, enquanto os menores abanavam com tampas de panelas, em baixo, para encher o balão.

Acendíamos a tocha e esperávamos o ar aquecer. O balão ia estufando e começava a “puxar” para subir, era pura emoção. Quando estava com muita força, soltávamos e, ele ia devagar, sacudido pelo vento, balançando, dando aquele medo de cair, de pegar fogo. Mas. Finalmente, ele ia embora e a gente gritava, pulava, batia palmas, fazia aquela algazarra. Ele subia, subia, até virar um pontinho lá no céu e sumir. Quando não o enxergávamos mais, íamos soltar os “balões galinha”, pequeninos, apenas de brincadeira, para passar o tempo.

Mas aí é que vinha o melhor. A Festa Junina dos amigos ferroviários. Cada vizinho levava uma coisa, uma comida ou bebida. As mulheres se esmeravam na cozinha, os homens caprichavam nas bebidas, especialmente no quentão e no vinho quente. Ainda me lembro do cheiro forte do gengibre. Mas criança não chegava perto.

Tinha de tudo: cuscuz, torta, cachorro-quente, amendoim, pipoca doce, pipoca salgada, canjica, cocada branca, cocada queimada, geleias, bolo de fubá, bolo de milho, doces de abóbora, de figo, de laranja, de cidra, de batata doce, de batata roxa, arroz doce, pé de moleque, cervejas, vinho, refrigerantes, sucos, milho verde, pamonha, curau, doce de leite, amendoim torrado, era aquela lambança.

Invariavelmente as festas aconteciam na casa do “seo Luiz” e de “dona Corina” e todo mundo ia para lá. Lembro das brincadeiras dos vizinhos, principalmente do “seo Augusto” que dizia:

- Pessoal, vamos lá ver se o “seo Luiz” consegue erguer o mastro esse ano!

É que todo ano, ele erguia o mastro com os três Santos: Santo Antonio, São João e São Pedro. Todo mundo rezava, fazia seus pedidos e daí é que a comilança começava. E tinha uma atração incrível, sensacional, melhor a cada ano que passava: o “Nho Quim”. Sim, era um preto velho, aposentado, cheio de histórias, de contar lendas, falar de sacis, de encantar a garotada, mas que era bamba mesmo nas artes pirotécnicas. Ele fazia rojões de vareta que eram um espetáculo. Todos ficavam com um pouco de medo, mas ele era muito seguro de si. Montava tudo com cuidado. Colocava as varetas e ia acendendo, uma a uma. Saía aquela fumaça, o barulho característico (shssssssssssss) e o rojão era arremetido para uma altura bem segura.

Lá em cima, eram três estouros médios ou um de fazer tremer todo o chão em volta.

Isso quando não soltava outros, maravilhosos, cheios de cores vermelhas, azuis, verdes, com estrelas. Nossos olhos é que ficavam faiscando. Quando “Nho Quim” terminava sua sessão, nós começávamos a nossa com as bombinhas e os fósforos de cor, além das estrelinhas e busca-pés, numa loucura e correria que alegrava crianças e deixava adultos malucos.

Bom, é difícil dizer do que eu gostava mais, pois adorava saltar balões, comer e ir para a terceira parte da festa, pois sempre amei as músicas das festas juninas. Levávamos nossos long-plays e os colocávamos numa “Sonata” (toca-discos) e a festa ganhava os ritmos necessários. Quantas saudades daquelas lindas músicas e letras que embalaram tantos sonhos meus de criança e adolescente.

Começava a quadrilha caipira com o noivo, a noiva, o padre, os padrinhos e os convidados, todos vestidos a caráter. Vestido de chita para as mulheres e calça rancheira e chapéu de palha para os homens. Ao som da música a folia esquentava: e vem a noiva; caminho da festa; saudação geral; balance; olha o túnel; caminho da roça; olha a chuva; olha a cobra;

é mentira; o grande baile; a valsa dos noivos; os padrinhos; a despedida. Todo mundo dançava e cantava com muita alegria. Depois vinham as músicas tradicionais: Capelinha de Melão; Pedro, Antonio e João; Sonho de Papel (que eu amava, acho que ainda amo); Pula a Fogueira; Cai, Cai Balão; Isto é Lá com Santo Antonio; e depois outra que eu amava, embora achasse triste, “Noites de Junho”.

Mas não quero terminar triste esta crônica, pois ela me lembra de tempos felizes, de amigos queridos e me ensina que devemos viver, ou tentar viver apenas o dia de hoje, os momentos felizes. Não adianta chorar o passado, nem ficar desesperado pelo futuro.

O importante é curtir o aqui, o agora, aproveitar ao máximo cada momento, pois disso é que é feita a nossa vida, de momentos felizes, como aquelas minhas inesquecíveis noites frias de junho.

**AS SEGUNDAS MELHORES
CRÔNICAS DE CADA JURADO**

I Concurso Cultural Era uma vez...

CRÔNICAS DO SERVIÇO PÚBLICO

Autor: Luiz Carlos Cappellano
Funcionário da Secretaria de Educação

1. Crônica geriátrica: A velha se equilibra sobre seus saltos altos... Já não são mais os saltos “ponta de agulha” de sua juventude - que de tão longe no tempo e no espaço já se tornou lenda - mas ainda são altos. As costas estão arqueadas, mas a crista continua erguida, no esforço vão de se fazer reconhecer enquanto membro de uma elite há muito falida, com valores já esquecidos ou ultrapassados... Ela exige silêncio, quer que se fale baixo e pausado, come pouco ... Ela anda devagar, põe e tira os óculos o tempo todo ...

A velha é a própria imagem do comedimento, da repressão, da não-emoção. Ela é espartana nos seus hábitos e exigente em relação aos que a cercam, é taciturna, severa, arrogante... Dizem que a velha tem marido, mas ao mesmo tempo “desdizem”, pois semelhante mal humor, constante e contínuo, só pode ser fruto de uma libido há muito irrealizada, castrada, domesticada. Eu sei que a velha tem um filho, que ficou velho e careca antes do tempo, talvez por ser filho da velha. É como dizia uma amiga, “um pé de jabuticaba não pode produzir melancias; o fruto nunca cai muito longe da árvore que o gerou”... A velha continua a se equilibrar sobre seus altos saltos, e a andar titubeante nos seus passos curtos, o seu andar lento e pausado. É um andar antigo, moroso, que já não combina mais com a rapidez e agilidade da nossa época. A velha está alheia ao próprio tempo e à própria velhice. Ela é a própria imagem de uma época, onde o mundo antigo teima em se perpetuar, mesmo estando capenga, e as velhas idéias, conceitos e preconceitos cismam em permanecer, ainda que trôpegos sobre seus saltos.

2. O apagar das luzes: Era final de dezembro, um dos últimos dias da gestão do velhinho, aquele que bebia... A coordenadora do Departamento organizou uma reunião para a qual convidou também membros da equipe de transição. Fui, com minha coordenadora, para, na prática, entregarmos a coordenadoria a qual nós havíamos pertencido, ela por alguns anos e eu por alguns meses. Logo ao chegarmos ao nono andar

fiquei surpreso pelo clima reinante; algo apocalíptico, onde a “velha ordem”, elegante nas suas rendas, sedas, linhos e saltos altos, começava a conviver com a “nova ordem”, algo um pouco “hipponga”, arrastando seus chinelinhos de dedos e rodando suas saias indianas...O nono andar tornara-se, repentinamente, cosmopolita e democrático, ao menos no aspecto visual. A “quase-ex-secretária” - que entrará para a história não como a melhor secretária da educação mas sim como a melhor doceira que já passou pelo nono andar, capaz de fazer um bolo imenso e confeitá-lo, caprichosamente, com folhas e borboletas de chocolate - havia tido, há pouco, uma discussão na imprensa com a “quase-secretária”. Ninguém lembra hoje o motivo. Certamente não era nada muito importante, porque também passou absolutamente despercebido na época, mas, não deixou de ser o “canto do cisne”, o último suspiro da “velha ordem” da secretaria municipal de educação. Bem, voltemos à reunião... Lá estávamos nós para, metaforicamente, entregarmos a nossa coordenadoria e, na sala de reuniões onde havia cadeiras da época dos barões do café, entalhadas, de espaldar alto e forradas de veludo verde, a coordenadora do Departamento disse: “estamos no apagar das luzes”... Uma frase de efeito certamente e que teria tido um tom poético, algo melancólico, se ela não tivesse completado, logo à seguir: “...não sabemos se estamos deixando algo que será utilizado pelos que vem depois de nós, para uma iluminação maior, ou se só haverá trevas daqui por diante...”

Ela nunca mais ocupou nenhum cargo de confiança. Eu sei que ela não desejava mesmo que isto acontecesse.

Ter estado em um cargo de chefia naqueles anos caóticos, na época do “velhinho que bebia”, era algo para heróis ou para alienados...Conheci pessoas, e não foram poucas, tanto da primeira quanto da segunda categoria apresentada...

3.Crônica de refeitório Esta aconteceu há tanto tempo que a EMEF ainda se chamava EMPG... Foi muito antes da época do velhinho que bebia, apesar que o prefeito daquela época, que ficou muito conhecido por ter mudado de partido no meio do mandato – dizem as más línguas - também era chegado na “manguassa”. Bem, a diretora da escola, que hoje ocupa um cargo mais alto, era uma senhora muito fina e muito elegante.

Usava sempre saltos altos, vestia-se com esmero, cabelo sempre arrumado, maquiagem...Falava “questã” ao invés de “questão” por julgar o som da primeira palavra mais delicado do que o da segunda e, desta maneira, priorizava sempre a estética em relação à fonética ou à gramática... Todos os dias, às dezessete horas, pontualmente, ela realizava um pequeno ritual: abria sua bolsa, passava batom, escovava os cabelos e depois de ter guardado de volta o batom, o espelho de mão e a escova, andava pelo corredor central da escola até o fundo, fazendo barulho com seus tamancos de salto alto.

Após ter feito o seu desfile particular, dizia á vice-diretora que ela estava com a responsabilidade em relação á escola dali por diante e, sem mais delongas, ia para casa. Se o desfile particular era para se fazer presente - uma vez que todos, tanto alunos quanto professores, escutavam seus tamancos batendo no pavimento - ou para avisar que estava indo, jamais saberemos. Certa feita a Sra. Diretora mandou reunir no refeitório todas as meninas que estavam, a seu ver, com a saia muito curta. Começou por proferir uma espécie de palestra, sobre limites, e função da escola pública...Falou muito bem! Fazendo um parêntesis, preciso contar que uma aluna ficou muito famosa na época porque, num teatrinho organizado para o sr. Prefeito, quando ele lá esteve para reinaugurar a escola, usou uma calcinha marrom escura. Nada de mais, não fosse o fato do teatrinho ser de orientação sexual e a menina ser negra... Em determinada cena, um suposto estuprador arrancou sua saia e...O prefeito ficou vermelho...Jurava que a menina, uma bela adolescente de uns 13 anos, estava nua!

Bem, voltando á “palestra” da diretora. Após ter falado muito bem sobre limites e a função da escola pública, ela foi menos feliz ao falar sobre o comprimento da saia das meninas... Naquele exato momento, uma menina, aquela mesma que o prefeito pensou que havia ficado nua em cena, falou em tom alto, e com autoridade: - Sabe dona...Acho muito engraçado a senhora ficar falando sobre o comprimento da nossa saia...A senhora vem todo dia na escola com os peitos de fora! A diretora enrubesceu (digo, sem pudor, que o prefeito ficou vermelho, mas ela, como é fina, diz-se que enrubesceu) e imediatamente as meninas voltaram para suas classes, sem maiores comentários. A diretora continuou a ir decotada para a escola (com “os peitos de fora” como disse a aluna) e

as alunas continuaram a ir de mini-saia, bem curtinha...

4. O poder dos tamanquinhos: Esta aconteceu comigo mesmo, na época do “velhinho que bebia”. Aqueles eram tempos folclóricos, em que quase tudo era possível. A ordem natural das coisas havia sido momentaneamente subvertida, de maneira que professores saíam diretamente das salas de aula para a direção de escolas, ou para a orientação pedagógica...As pessoas não mais se referiam a si mesmas como fazendo parte da categoria profissional para a qual haviam ingressado, através de concurso público, pois, tal como na era barroca, a aparência tornara-se mais importante do que a essência e o “estar” tornara-se preponderante em relação ao “ser”. Num destes felizes acasos do destino, acabei me tornando diretor de escola, sem nunca jamais sequer ter atuado como vice-diretor. Inscrevi-me para substituir vice-direção mas, havia uma escola especialmente grande e problemática, que ninguém queria assumir...Eu, um dos últimos colocados na lista de substituição de vice diretores, acabei assumindo a direção desta escola!

Era uma escola enorme...Nunca me esquecerei de certas cifras, eram 1886 alunos, 52 classes... Estávamos em reformas e 3 novas salas de aula estavam sendo construídas, dando a escola um aspecto um pouco “versaillesco”, em forma de U. Havia uma oitava série que funciona, de forma provisória, no refeitório, sem lousa, o que obrigava os professores a ditarem, tanto conteúdos escolares quanto bilhetes aos pais e responsáveis. Os alunos menos comprometidos, ou mais estressados, faziam então a censura prévia dos conteúdos, e se abstinham de copiar aquilo que julgavam desnecessário ou menos importante... Eu havia realizado a eleição do Conselho de Escola e realizara também, de forma concomitante, a eleição da Associação de Amigos da Escola, numa grande assembléia onde - acreditava eu - haviam participado todos os interessados. Na reunião seguinte, estava eu dando posse aos eleitos quando a reunião foi subitamente interrompida pelo trote retumbante de tamanquinhos, ressoando pelo pavimento... Fazendo um parêntesis, direi que este dia mudou minha vida. Pois o trabalho com o Conselho desta escola pautaria desde então minha atuação profissional...E o barulho de tamanquinhos sapateando pelo pavimento causaria em mim uma mistura de alívio e prontidão, e em minhas funcionárias algo como pânico ou es-

tado de alerta! Bem, voltando àquela tarde...Era uma tarde muito quente e a minha desidrose estava atacada (desidrose é uma espécie de hiper ressecamento alérgico da pele das mãos, que, na ocasião, chegavam a rachar), razão pela qual não é figura de linguagem dizer que a ata foi lavrada em meio ao meu sangue... Ouvi o trotar dos tamanquinhos, o qual logo foi acompanhado de uma voz, audível a quilômetros de distância, e forte como um trovão... Existia uma autoridade gutural naquela fala. Aquela senhora questionou a eleição do conselho, pois, disse que não havia sido informada da data da assembléia. Ao que corroborou a fala do marido, que falou com tanta autoridade quanto ela, e me chamou de "ditador"... De nada adiantou a colega de sala do filho do casal dizer que ele não havia copiado o bilhete, que tivera preguiça...De nada adiantou a professora da sala afirmar que ditara o bilhete... O irado casal decidira transformar minha humilde primeira reunião de conselho, minha estréia, em palanque... Decidira também que existia mais semelhança entre a minha pessoa e Luís XVI, de desditosa memória, do que simplesmente o nome e, sendo assim, além de palanque, transformariam também a minha reunião em patíbulo! Houve uma comoção geral e um constrangimento muito grande. Entre a fala dos professores, funcionários e alguns alunos da escola, que queriam que eu mantivesse o resultado da eleição, e a fala do casal e de alguns pais que a julgavam impugnada, hesitei um segundo... Foi então que olhei para a meia dúzia de pais que eu tentara há pouco empossar... Pareciam crianças assustadas!

Estavam visivelmente acuados e temerosos diante do casal, que falava com tanta autoridade. Não haveria chance alguma de trabalhar com aquele conselho! Tive uma inspiração divina e, eu mesmo, declarei que a primeira eleição estava impugnada.

Convoquei uma nova assembléia para a semana seguinte e convidei a supervisão escolar a se fazer presente. Nunca em minha vida tomei decisão tão acertada! Aquele casal, que me tratara como Luís XVI ou Nicolau II e que tentara plantar o gérmen da minha decapitação metafórica, tornou-se desde então meu esteio, alicerce sólido sobre o qual construí toda a ação pedagógico-administrativa da gestão colegiada da escola naquele ano. Este conselho foi atuante e participativo, parceiro e não rival da direção da escola. Ele avalizou muitas atitudes que foram necessárias num ano em que houve três greves e serviu de retaguarda

aos profissionais. Por várias vezes os tamanquinhos reverberaram, sonantes, pelo alpendre e escadarias da Prefeitura Municipal de Campinas. Igualmente se fizeram ouvir pelas avenidas centrais da cidade, por ocasião das nossas greves. Por isso digo, que durante todo aquele ano, quando ouvi os tamanquinhos trotando vigorosamente no meu refeitório, me senti amparado. Sabia que era uma amiga que caminhava sobre eles. Esta mesma amiga, dois anos depois, em parte devido ao nosso trabalho e atuação conjunta durante aquele ano no Conselho de Escola, ganhou assento na Câmara Municipal de Campinas. Os tamanquinhos foram então substituídos por elegantes sapatos fechados de salto alto. Mas o discurso e a postura não mudaram. Continuou a ser sempre a mesma pessoa, comprometida com a causa da participação popular e da democracia.

5."Causos" da EMPG: Ingressei na Prefeitura na época das "inhas"... Eu explico: todas as pessoas que ocupavam altos cargos na Secretaria Municipal de Educação haviam sido professoras de educação infantil ou, quando muito de 1ª a 4ª série, numa época em que a rede era ainda muito pequena e as soluções eram muito "domésticas" então, dada a intimidade que existia entre elas, tratavam-se todas no diminutivo. Como já disse, em outra crônica, as EMEFs ainda se chamavam EMPGs e eram poucas...

Minha primeira diretora era uma das "inhas". Muito conhecida na rede. Não havia linha telefônica independente nas EMPGs, apenas ramais do telefone da SME, e as "inhas" se conversavam através deles. A minha diretora, em especial, não se acanhava em se comunicar a todo instante com a "inha" lá da SME, cada vez que ela tinha uma pequena dúvida, ou cada vez que tinha de preencher um simples formulário. Os pais da escola diziam: -Como é possível alguém tão pequenininha ser diretora de escola? Parece uma criança! E a vice diretora completava: -(...)inha, você não deveria usar abrigo nunca!

Fica parecendo uma criança de creche usando uniforme! Por este motivo, quando ela teve de compor o seu primeiro Conselho de Escola, dias após a aprovação da lei dos Conselhos, subiu em cima de um caixotinho, atrás de uma mesa e escondeu o seu artifício colocando uma toalha muito comprida sobre a mesa, de maneira que chegasse ao chão,

escondendo a caixinha. Ela era muito medrosa também, de maneira que quando os próprios alunos alardeavam a notícia de que o “bandido barriguinha” estava rondando a escola, trancava-se a chave na diretoria e fazia com que nós trancássemos as portas das classes também. Éramos avisados que quando fosse informada que o “bandido barriguinha” tivesse ido embora, acionaria o sinal e poderíamos então abrir a porta das salas. No ano seguinte, a “inha” já havia se removido para uma escola ainda menor e mais próxima da casa dela, e eu conheci o tal “bandido barriguinha”, frente a frente. Eu estava esperando ônibus e ele passou. As velhas que também estavam no ponto falaram: -Esse é o “barriguinha”!

Vocês acreditam que ele era apenas um adolescente, de uns 14 anos, bem mirrado, com uma barriga inchada (o que justificava o seu apelido). Não entendi o porquê de tanto medo...Mas, fazer o quê? Era a época das “inhas”!

6. Professor Fужão:

Foi nos primórdios da EJA em nossa escola que aquele professor chegou, para lecionar matemática. Ele era falante e bem apessoado, esguio e com um grande bigode.

Conversava com todos e parecia ser bem aceito pelos alunos. Ninguém entendeu, a princípio, a antipatia “gratuita” que o inspetor de alunos do noturno - que também acumulava as funções de guarda - nutria em relação ao novo professor.

Em grande parte, estranhávamos a postura do inspetor porque, ao contrário do professor, ele nunca foi muito popular na escola, nem entre os alunos e nem entre os professores. Ele era tido como um grande “dedo duro”, que estava constantemente a vigiar tudo e todos, no sentido de delatar as mínimas ocorrências à direção da escola.

Só fomos entender o que de fato acontecia quando a questão se tornou do conhecimento público, após a saída do profissional em questão. Todos os dias ele entrava na classe onde deveria ministrar a última aula, enchia a lousa de exercícios, exigia silêncio absoluto por parte dos alunos e, sorratamente, pulava o muro do fundo da escola, atrás da quadra, onde a esposa o esperava com o carro já ligado!

7.0 prato de polenta: Na gestão do “velhinho que bebia” a merenda foi terceirizada e, no início, foi difícil a adaptação às novas normas e procedimentos, como por exemplo ter de admitir que na escola haveria funcionários que não eram da rede, nem da fundação, e nem contratados pela escola. Além disso, a cozinha tornara-se quase “território estrangeiro”, onde, de tempos em tempos, chegavam as supervisoras da firma terceirizada. Entre as inúmeras situações constrangedoras que se criaram, como por exemplo a desconfiança mútua existente entre as nossas funcionárias (merendeiras) e as da terceirizada, a pior de todas era a obrigação da direção da escola estar fiscalizando se os professores ou funcionários estavam degustando a merenda! Sentiam-me, enquanto diretor de escola que eu estava sendo (já expliquei numa outra crônica como saí diretamente da sala de aula para a mesa do diretor) muito constrangido e incomodado em ter de fazer esse papel, ainda mais porque o próprio secretário da educação da época almoçava comigo às terças-feiras, quando vinha com seu assessor para observar o trabalho das “classes de aceleração”, que era uma experiência pedagógica que estava sendo realizada na escola. Achava injusto eu, o secretário, e o assessor do secretário, podermos comer fartamente da merenda, sob o pretexto de estarmos “verificando a qualidade da comida oferecida pela terceirizada” (que era deliciosa!) e os professores e demais funcionários apenas observarem à distância. O fato é que descumpri ordens, e assumo... Todos comiam da merenda! Inclusive os pais que vinham visitar a escola. Sempre achei mais louvável oferecer um prato de comida a quem tem fome do que deixar que o excedente fosse jogado no latão de lixo, como previa o contrato com a terceirizada. Bem, houve a mudança de secretário e, neste momento, as regras tornaram-se mais rígidas neste particular, até porque a nova secretária não almoçava em escolas... Um belo dia minha amiga, professora de português, estava na porta da minha sala com um prato de polenta com carne nas mãos.

Eu também tinha um prato de polenta com carne sobre a mesa. Antes de continuar, me permitam fazer uma breve reflexão sobre o tempo, as voltas que a vida dá. Em um determinado tempo, antes da época que esta crônica está narrando, eu e esta amiga fomos colegas de faculdade, quando cursamos Pedagogia. No momento seguinte, anos depois, es-

tamos nós enquanto diretor e professora que atuam na mesma escola. Em outro determinado momento, no futuro, tornou-se minha chefia num cargo que ocupei em sendo novamente afastado da sala de aula. O que me leva a crer que devemos investir nos relacionamentos interpessoais e não nos cargos, pois os cargos passam mas as pessoas ficam! Bem, voltando á nossa polenta com carne... Conversávamos animadamente e nem demos pela chegada da diretora do departamento - que havia “sobrado” no cargo, quando da mudança de secretário, mas que num momento próximo, logo em seguida, daria a vaga a outra pessoa, fazendo a fila andar, como dizemos - e uma supervisora, que era apelidada de “Barbi” na rede, devido à sua elegância em tons de rosa. Elas estavam ali para me advertir, já que haviam sido informadas - pela supervisora da terceirizada - de que na “minha” escola os professores comiam merenda... E todos sabemos - inclusive o leitor - que não era calúnia. Não havia como disfarçar ou negar... Fato incontestável: contra a força dos fatos não há argumentos! Estava lá a minha amiga, na porta da diretoria, uma pessoa que sempre exerceu sua cidadania de forma plena - tanto que foi a primeira aluna do Estado de São Paulo a ser eleita para o Conselho de Escola, quando do ressurgimento desta instituição, na década de 1980 - comendo polenta... Nas mãos dela, o prato de polenta adquiria ares de metáfora: era quase um baluarte, já que representava a classe trabalhadora!

Eu explico: quando a mão de obra escrava foi substituída pela imigrante – especialmente italiana - a base da alimentação dos trabalhadores passou a ser a polenta, o que continuou a ser costume nos primeiros tempos da indústria. Estava lá o prato de polenta sobre a minha mesa... É claro que, na minha mesa, o prato de polenta não era uma metáfora. Era comida mesmo! E, se levarmos em conta que sou descendente de italianos (embora seja já a terceira geração nascida no Brasil), podemos afirmar que eu a comia com muito mais legitimidade do que minha amiga, descendente do bandeirante Anhanguera, e com o mesmo sobrenome.

As autoridades pediram licença para os demais presentes. A secretária retirou o meu prato de polenta, a minha amiga foi para a sala dos professores e ocorreu uma reunião na diretoria a portas fechadas. Tenho de dizer algo em defesa da diretora do departamento - que faleceu poucos anos depois, devido a um câncer - tida como tremendamente autoritária:

ela não era! Se ela quisesse, poderia ter me advertido naquele exato momento: estava lá o prato de polenta, a prova material de que eu descumprira as ordens da Secretaria. Ela não fez o que poderia e deveria fazer. Ao invés disso, ela falou sobre a sua própria experiência. Falou que não nascera diretora de departamento. Que fora professora muitos anos, diretora...Falou sobre como há ordens que emanam das instâncias superiores e que, às vezes, nos parecem absurdas ou incompreensíveis quando se está na escola... Foi neste dia que percebi que ela era uma “pequena grande mulher”, porque pude perceber a sua dimensão humana. Ela encerrou a conversa me aconselhando a ser formalista: proibir por escrito, no livro de comunicados, e permitir “de boca”, pois “palavras o vento leva” e eu sempre teria a ordem, escrita no livro de comunicados, para me respaldar caso houvesse nova denúncia no futuro. Não houve nova denúncia e nunca mais a supervisora da terceirizada “cantou de galo no meu galinheiro” porque, logo em seguida, ela produziu uma situação, em represália, e eu a resolvi de uma maneira inusitada. Ela arquitetou, juntamente com as funcionárias terceirizadas, uma maneira de pegar uma de minhas funcionárias “subtraindo” um saco de 5kg de arroz. Descumprindo, ela sim, a legislação vigente, vistoriou a bolsa e as sacolas da merendeira - uma funcionária pública, no exercício da função - e a acusou de estar “roubando” um saco de 5 kg de arroz. Não vou entrar no mérito da questão, ou seja, se a funcionária havia ou não “subtraído” os 5kg de arroz...Se ela subtraía naquela época, ou subtrai ainda hoje gêneros alimentícios da escola. A verdade é que, da maneira como foi forjado o flagrante, era evidente que - ao menos daquela vez - se tratava de uma “armação”, uma impostura para pegar a funcionária. Eu poderia contar que a funcionária não era muito higiênica. Que desconfiavam da sua comida e muitos não tomavam nem o seu café... Poderia contar que foi vista pela minha secretária erguendo as calças dentro do banheiro, sem ter usado papel para secar “as partes”, e indo para a cozinha preparar os alimentos, logo em seguida, sem ter lavado as mãos...Poderia também dizer que muitas vezes eu mesmo reparei que sua dentadura tinha uma crosta de sujeira, denotando que não era lavada com frequência...Poderia, poderia, poderia... Poderia contar tudo isso, mas, pensando bem...talvez não seja boa idéia, para não indispor o leitor contra a funcionária. Retomemos então a história de onde ela parou: Chamei a funcionária, conversei com ela e com outras pessoas

para ter idéias de como agir e qual postura tomar: ajudar na acusação, o que seria fácil, ou fazer o papel de “advogado do diabo” e tentar agir na sua defesa, o que seria muito difícil... Foi conversando com as minhas orientadoras pedagógicas que elas me alertaram para o fato de que a merendeira era uma funcionária pública, no exercício da função, e a terceirizada era “alienígena” dentro da escola.

Além disso, por mais estranho que pudesse parecer, não havia provas de que ela de fato houvesse “subtraído” o arroz, o flagrante fora evidentemente forjado...Chamei a supervisora responsável pela escola e elaboramos um documento em defesa da funcionária, demonstrando como a “revista” havia sido irregular e arbitrária, como a chefia imediata – a direção da escola – não havia sido informada sobre o que estava acontecendo e como, em última instância, a firma terceirizada desrespeitava a escola, a direção, e os funcionários! Nunca mais tivemos problemas com esta firma terceirizada e todos continuamos, alegremente, a comer merenda! E os pratos de polenta sobre a minha mesa eram cada vez mais saborosos e mais fartos, preparados pela mesma funcionária – aquela que um dia quase foi mandada embora...Deus nos ajude!!!

8. Quem sou eu? Existe uma piada corrente na qual, ao olhar uma fotografia a pessoa diria: “O velhinho de batina branca e chapéu de bispo eu não sei quem é, mas este ao lado dele é o Roberto Carlos...” Se analisarmos a piada, poderíamos subentender que para os fãs mais ferrenhos seria mais fácil reconhecer o “rei” Roberto Carlos do que o papa. Não que o papa não fosse popular, mas sim que haja mais familiaridade com a figura do cantor, que todos os anos anima os especiais de natal de uma determinada rede de televisão. Costumo sempre dizer que conheci de perto vários secretários e secretárias municipais de educação de Campinas. Cada um tinha uma personalidade diferente, mas apenas um secretário e uma secretária serão lembrados pela sua amabilidade, simpatia, cordialidade e por serem acessíveis a todos. A secretária “confeiteira”, a qual já aludi em outras crônicas, apesar de ser uma grande dama da sociedade, extremamente elegante e fina, atendia a todos da mesma maneira e com a mesma afabilidade: desde a senhora que limpava a sua sala, ou a senhora do cafezinho, até a supervisora ou a Diretora do Departamento Pedagógico tinham o mesmo direito ao seu

sorriso e recebiam o mesmo tratamento. Anos depois, no mandato do “bom doutor”, tivemos um secretário igualmente simpático, agradável e acessível. Ousaria dizer que foi o mais simpático e acessível Secretário Municipal de Educação que passou pela rede. Três episódios interessantes demonstram o grau de proximidade que este professor conseguiu atingir em relação à rede. Soube, pela boca do próprio secretário, que em determinada ocasião, estando em visita a uma escola, ele estava na sala dos professores e foi surpreendido pela entrada da diretora que, afoita, disse aos presentes: “Gente! Gente! Precisamos nos organizar para a visita do Secretário!” Ao que o professor teria respondido; “Mas... Minha senhora...Eu já estou aqui!” De outra feita, a esposa do secretário teria telefonado e pedido para que o chamassem, mas, ao invés de pedir para chamar “o secretário”, o teria chamado pelo nome. O assessor, que atendeu ao telefone, irritado, teria dito: “a senhora sabe quem ele é?” E a esposa do secretário respondeu: “Sei sim. Ele é o meu marido!” Para coroar este anedotário, colocaria a situação vivida na escola dirigida por uma amiga pessoal minha, na qual, estando em visita uma comitiva composta por diversas autoridades, ela teria dito, ao se despedir: “E o senhor? Quem é mesmo?”

9. A Viúva Carlos Gomes: Convivi na rede pública municipal, ao longo de várias administrações consecutivas, com uma figura ímpar, daquelas que se tornam lendas antes mesmo de desencarnarem. Uma senhora vistosa e muito elegante, que ocupou vários cargos, ligados hora ao Pedagógico hora ao Administrativo, e que ganhou como “prêmio” da administração municipal, para uso próprio, a cadeira que ocupou, durante anos, enquanto coordenou determinado espaço público. Quando me refiro à cadeira não o faço em sentido metafórico, ou seja, o cargo. Refiro-me a uma cadeira giratória, de espaldar alto, estofada e muito confortável, que ela levou para o próximo espaço onde foi atuar. A principal peculiaridade de nossa homenageada sempre foi a sua dedicação incondicional à memória do grande campineiro, Carlos Gomes. A sua dedicação extrapolou tanto os limites da atuação profissional e foi tão contínua e ininterrupta, ano a ano organizando “semana de Carlos Gomes”, “mês de Carlos Gomes”, “Seminário de Carlos Gomes”, “mostra de Carlos Gomes”, que ficou conhecida, em muitos segmentos da Rede

Pública Municipal de Campinas como “a viúva de Carlos Gomes”. Durante tantos anos, de uma maneira tão intensa e contínua se deu a sua dedicação que ela acabou sendo, denominada e auto-denominada, “a viúva oficial de Carlos Gomes”. Ninguém jamais havia ousado questionar a sua legitimidade no “cargo” até o momento em que alguns segmentos da Secretaria Municipal de Educação decidiram entregar a outra, bem mais jovem, a tarefa de representá-la num evento destinado à memória Carlos Gomes. Foi então que a “viúva oficial” e alguns colegas de trabalho decidiram instituir, além da sua figura, nos eventos destinados às homenagens ao maestro Antonio Carlos Gomes, a “amante de Carlos Gomes”.

10. “Fazendo farofa”: Em todas as épocas, quando a educação das camadas populares foi gerida por membros da elite, sempre se fez questão de manter um certo ar burguês, uma certa “compostura”. Ao analisarmos fotografias de escolas públicas, das décadas de 30, 40 e até de 50, do século passado, veremos alunos de gravatinha, alunas de saia plissada e sapato de “boneca”, escolas impecáveis e, muitas vezes, 2 professoras ao mesmo tempo dentro da mesma sala de aula. Em compensação, quando membros das camadas populares acabam ocupando cargos de especialistas de educação, tais como diretores e supervisores, as coisas mudam um pouquinho... Existe um grau de “entrosamento” tal entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem que permite algumas situações bastante pitorescas, que ilustram muito bem o caráter da cultura popular. Lembro-me muito bem que foi logo após a inauguração do Shopping Galleria, “podre de chic”, que uma determinada orientadora pedagógica, “oriundi” como eu mesmo, decidiu levar os alunos da EJA, para assistirem ali uma sessão de cinema. Alugamos alguns ônibus, tomamos o cuidado de convidar a supervisora responsável pela escola - outra “oriundi”, extremamente simpática e com forte sotaque paulistano, e que na ocasião estava muito acima do peso - os alunos colocaram as suas roupas dominicais...Estávamos todos bastante discretos e tentando parecer chiques. Ao chegarmos ao novo Shopping, um primor de arquitetura contemporânea com fontes e “ilhas” com vegetação, os alunos ficaram deslumbrados...Confesso que eu mesmo não havia ainda conhecido aquele espaço. Tudo corria bem, até o momento em que a

supervisora se lembrou que os alunos ficariam sem merenda. Ela então tratou de ir a uma rede que vende comida árabe...Aquele mesma que o leitor pensou, mas que não posso citar para não fazer merchandising. Estava eu, sentadinho e quietinho com os alunos, todos muito finos e discretos... eis que entra a senhora supervisora carregando várias caixas fechadas e se pôs a gritar: “Quem quer kibe?”...”Alguém quer esfiha?” Todos ficaram agitadíssimos e passaram a comer ruidosamente! Fomos alertados pelos administradores do cinema a não produzirmos lixo naquele espaço. A nossa “finesse” rolou por terra e passamos todos a comer alegremente, como um bando de “farofeiros” em visita à Praia Grande em tarde de domingo! Todos adoraram o passeio!

INSUSTENTÁVEL SIMPLICIDADE

Autora: Alba Valéria de Assis Machado
Funcionária da Secretaria de Finanças

O que mais importa:
Quantidade ou qualidade?
Beleza ou inteligência?
Ter ou ser?
Agradar ou sentir-se bem?
Muitos amigos ou bons amigos?

O mais recente pensamento (e o que mais tem marcado os meus dias) refere-se à necessidade de viver com prazer (indiscutivelmente bom em todos os sentidos!) simples e claro, enquanto fruto de dias saudáveis e de sentimentos sinceros. Tenho zelado pela busca das realizações mais gratificantes (não necessariamente “as maiores”, porém muito satisfatórias e que trazem boas lembranças), em aproveitar tudo e todos, em parar para observar o simples e o belo, uma paisagem, um rosto, em retribuir o bem, até mesmo sentir o toque gostoso da brisa que timidamente passa pelo meu rosto nas noites frias.

Procuro, inclusive, dedicar uns minutos observando o curioso “sorriso” de uma Lua que muitos nem sequer se lembram (principalmente se observada na zona rural, onde o céu é mais azul e as noites apaixonadamente mais estreladas). Isso tudo pode ser suficiente para proporcionar uma noite de prazer, quer seja pela simples e boa satisfação sensorial, ou pelo mais certo e gostoso envolvimento cheio de romantismo que o próprio ambiente já proporciona. Quando só, também me desperta a instantânea sensação de que posso usufruir a beleza intocável para próprio proveito, (que deveria ser sempre apreciada), além de revelar respostas distintas, dependendo do momento em que a observo ou da aflição então vivida.

O inesperado que nos assombra (e não estamos preparados), a desestruturação em nossas vidas em decorrência de uma notícia que, supostamente, nos serve como mais uma chance para valorizarmos o “simples” e fugirmos da tão aflitiva batalha pelo poder, pelo “melhor”, a corriqueira briga por uma melhor posição, custe o que custar, a aquisição dos bens mais fantásticos e “da” companhia para melhor desfilar por aí... Para quê? Para termos a certeza de sermos aceitos em uma sociedade que não estará presente quando precisarmos, não estará presente para nos dar um suporte qualquer que seja a nossa dificuldade, não ouvirá o que verdadeiramente temos a dizer, não nos olhará com o carinho que merecemos e que tanto gostamos e nos sentimos bem...

Realmente, nessas horas nos deparamos com os nossos valores e descobrimos que o “melhor” é curtirmos o que de fato nos satisfaz (!), o que de fato julgamos agradável, as pessoas que gostamos, que amamos, o que nos dá prazer e quem nos dá prazer (entenda-se como prazer o sentimento delicioso que nos eleva, alivia, realiza, “vicia”, torna confiantes, cúmplices, amados, alegres, “bobos”, inclusive aquele prazer que, inocente e agradavelmente, compartilhamos quando julgamos apropriado).

Acredito ser de grande importância a originalidade, a sinceridade, a utilização dos recursos da melhor forma, sentir prazer nas pequenas coisas (independente da opinião dos outros), rir de uma risada, aproveitar o convívio dos familiares e amigos, um bom papo, “pegar a reta” e curtir novos locais, expor as vontades, não ter vergonha de dizer que algo ou uma carícia não foi suficiente, não fingir um orgasmo (tremenda falta de respeito privar-se de sensações indescritíveis, em um momento de cumplicidade), não ter medo de recomeçar, de se libertar... Detalhes que completam e também diferem de cada indivíduo, de cada coração farto ou carente de paz, privacidade, esperança, companheirismo e de amor.

POR QUEM VOCÊ SE APAIXONA?

Autora: Lairce Aniceto Cardoso da Silva
Funcionária da COHAB

Em outra oportunidade, já mencionei o fascínio que sinto pelos comerciais de televisão.

A capacidade de, em poucos segundos, estar totalmente convencidos que não poderemos mais viver sem aquele produto, é simplesmente fascinante. Assisti outro dia a uma propaganda de uma marca de perfumes, onde mostra um homem belíssimo andando de bicicleta e tem o seguinte slogan: “Tem homens que fazem sucesso pelo que mostram e outros pelo que fazem.” As mulheres todas se derretiam com ares de apaixonadas, entortando o pescoço para admirar aquele belo exemplar da raça masculina, ao passar andando de bicicleta.

Achei o máximo, pela mensagem e pelo belo exemplar em exposição. Fiquei imaginando o que faz a gente ficar tão derretido e encantado pelo outro ao ponto de ficar perdidamente apaixonado. Martha Medeiros, deliciosamente, descreve em sua crônica que a paixão é um mistério que não conseguimos decifrar e que, na verdade, o que nos encanta realmente não se explica, e, no fundo, não nos apaixonamos por causa do que fazem ou do que tenham, mas ficamos perdidamente abobalhados por causa do jeito dele ou dela. Concordo plenamente. Não consigo entender por que esses seres inexplicavelmente nos encantam tanto e entendo menos ainda por que, inacreditavelmente, passamos, numa fração de segundos, a amar aquele “jeitão” ou “jeitinho” que até então poderia ser insuportável em outro ser. Não tem tempo, nem idade, nem sexo. Todo apaixonado é exatamente igual, um sem noção. Suspira o dia todo, mesmo diante de uma pilha de trabalhos odiosos. Perde o apetite, o sono, a concentração. Ri à toa e sente calafrios até sob um sol de 40 graus. Sente “borboletas no estômago” e outros tantos sintomas inconfundíveis. Dá para explicar isso? Reza a ciência que é tudo culpa dos estimulantes naturais que o organismo de um apaixonado passa a produzir em quantidades muito maiores que o usual. Pois é, explicações à parte, o fato é que, na verdade, paixão é uma delícia, transforma tudo ao nosso redor e, por isso, quanto mais apaixonado estivermos, melhor será a

vida. A paixão nos deixa em estado de êxtase é capaz de nos virar de cabeça pra baixo, mas faz um bem danado ao organismo, porque melhora o humor, estimula a circulação, hidrata a pele e combate vírus e bactérias. Por isso ficamos mais bonitos, leves e soltos, gozando de perfeita saúde. Bate coração, e como bate o coração. Dizem que safo é aquele que vive se apaixonando por diversas pessoas; diria eu que, como na canção, sagaz é aquele se apaixona centenas de vez pela mesma pessoa. Se a paixão é um elixir para a vida, que vivamos embriagados.

SOBRE A ARTE DE ALIMENTAR

Autora: Dorine Matos Moreira de Albuquerque
Funcionária da Secretaria de Educação

“Cozinhar é o mais privado e arriscado ato. No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno. Quem assegurava a pureza da peneira e do pilão?”

Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anônima?... Cozinhar é um modo de amar os outros.”

Mia Couto

Ouvimos a chegada dos ônibus. Dia de passeio. Muitos adultos. Insegurança dos pequenos. Horário de sair.

Que horas vai chegar? As autorizações?! Telefona! Espera. Espera? Vamos... Ainda subia as escadas do ônibus, garantindo às aflitas que tudo daria certo e pensava: “tomara!”.

Entrei no ônibus antigo, com odores estranhos, ou para minha maior preocupação não tão estranhos assim; ajudei a colocar o cinto de segurança nas crianças... Opa, que cinto? Ainda brigava com a poltrona para que esta devolvesse o cinto engolido quando o motorista arranca com o veículo. Para as crianças - festa, qual ritual de libertação, olhavam sorridentes para fora, pulando em suas poltronas, gritavam com todas as suas forças que buzinasse! Fiz o que tinha de fazer: BUZINA!BUZINA!BUZINA! Até não se virem mais os alambrados da escola.

Ainda terminava de gritar e procurando um lugar para sentar, uma mãozinha segurou meu braço:

»

Dorine, o que você é?

»

Eu... (sem entender a pergunta) sou uma pessoa!

»

Não... Assim: você não é professora, não é tia, o que você é?

Aquele momento em que a vida passa diante dos olhos... E várias respostas prontas me vinham à mente, mas nenhuma que desse conta de alcançar a simplicidade e a complexidade da pergunta. Simples demais responder: diretora! Uma palavra... nessa etiqueta não cabia a riqueza daquele momento, da pergunta, da delícia de ser reconhecida pelo nome, das relações. Não! As ideias fervilhavam, mas só me vinham incomodações filosóficas, poéticas que não responderiam àquela pessoinha.

- Eu? Sou...

Ainda não conseguia responder. Vários aromas me invadiram: os anos de magistério, de orientadora pedagógica, de diretora. Uma perguntinha... Desencadeando imensas reflexões... O “que” eu era? Não cabia nos rótulos, em um cargo, em uma descrição de funções. Que tempero era aquele que encorpava minha receita que, pensava, já sabia de cor?

Como deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anônima?

Recusava-se. Pensei no caldeirão das relações criadas, fortalecidas, sublimadas, forjadas, omitidas. Estas relações eram o mais importante, onde me constituo como pessoa, como equipe, qualquer que seja o papel que preciso viver, conviver, ousar não encaixar em nenhuma das etiquetas. Assim, com essa mania insana (tão necessária) de não colocar em mãos anônimas o que tenho de mais importante. Compartilhando (e recebendo) tudo o que tenho em mãos, mente, coração! Tantos sabores... Cada reunião com a equipe, com as famílias, cada vez que uma criança a chama para partilhar suas conquistas, suas comidinhas de massa de modelar, de areia, seus desenhos, suas primeiras palavras, suas produções, sua vida! Tão íntimo... Isso me alimenta!

Um ato de amor... Isso é o que se faz todos os dias. Acordando às cinco, viajando até a escola para atos de amor! E nestas trocas de amor tão fundamentais, me constituo, nos constituímos... Atos de amor que se vestem, despem, revestem de conversas, de brincadeiras, de escuta (de verdade), de olho no olho, do tocar “o” e “no” outro, permitir-se ser tocado. São marcas que pessoas comuns não conseguem ver, é preciso enxergar com a alma, com a pele, com os ouvidos, com o olhar.

A resposta teimava em não sair, então voltei à criança para, junto com ela, tentar aquietar a pergunta. E na eternidade daqueles dois minutos (ou menos), a criança já estava inquietando-se com outras respostas, novas perguntas ou para simplesmente aproveitar o passeio, acrescentando novos temperos. Na perda do meu interlocutor constatei: os tempos são outros... Não, sem saudosismos, os meus tempos eram diferentes daquela criança, são outros tempos! E como eram bem vindos os tempos do outro! Tempos respeitados, considerados...

Mesmo em tão curto tempo, trouxe-me tempos tão intensos à memória que aquilo me alimentou de uma forma tão completa! Estava satisfeita neste banquete!

...

*Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.*

Carlos Drummond de Andrade

I Concurso Cultural Era uma vez...

OS CONTOS SELECIONADOS POR VÁRIOS JURADOS

I Concurso Cultural Era uma vez...

A GRANDE MUDANÇA

Autor: Paulo Eduardo Bassi Arce

Funcionário da Secretaria de Cidadania, Inclusão e Assistência Social

“Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias”

(Clarice Lispector)

Até que ponto consegue uma pessoa suportar sua rotina? Seja ela uma rotina pesada, dias cheios, turbulentos, seja ela uma rotina leve, de quem leva uma vida boa, seja ela como for, o que mata, é a monotonia das horas. O que vai arrancando pedaços da alma, pouco a pouco, é o tédio e a solidão que os dias repetidos e repetitivos impõem à pessoa. E dentre tantas possibilidades que nos são oferecidas em um dia, escolhemos aquilo que é mais mesquinho: aquilo que é o de sempre. Ainda assim, vivemos à procura de uma grande mudança. De um sobressalto, de um lampejo de glória, de algo que nos tire das trevas diárias e nos mude a direção.

Acordo às 5:30. Com os olhos ainda fechados, recusando-se a ficarem abertos, tento fazer um café, derrubo louças no caminho, um desastre. Preciso desse café para rebater o sono e a decrepitude matinal. Esse despertar costuma ser como trazer de volta à vida alguém que deveria estar na tumba.

Olho no espelho e vejo os olhos do meu pai. Mas não aqueles castanhos, aqueles cansados. Hoje entendo aquele cansaço no olhar dele. Lavo o rosto. De que adianta lavar o rosto? A decrepitude continua a mesma, apenas mais apresentável.

São 5:48, estou três minutos atrasado. Se não me apresso, pego um trânsito intransponível. Esta cidade já foi mais decente. Enquanto coloco

os sapatos para sair de casa penso: “por que fazer tudo isso?”. Eu me arrisco a responder, “são as contas, são as pessoas que dependem de você”. Se eu estivesse só, certamente me entregaria ao *whisky*.

Quando entro no carro já são 5:56, e por pouco consigo a avenida sem trânsito. Já é um ganho. Essa é, aliás, uma das poucas variações que meu dia pode ter: trânsito congestionado ou não. Apesar de ter chegado mais cedo que o usual ao trabalho, não encontro lugar para estacionar. Como disse, esta cidade já foi mais decente.

Vou ter que pagar um estacionamento. Oito reais a primeira hora, mais quatro reais as demais. Não era uma cobrança, era uma punhalada. O que querem é te ver sangrar. Todos querem, é bom para todos. Você sangrando é bom para o dono do estacionamento, é bom para o jornalista (dá uma excelente capa de jornal) é bom para a ex-mulher, para o seu chefe, para...

Subo no elevador lotado. O caminho até o décimo oitavo andar é longo. No caminho, conversas de elevador: “como foi seu final de semana?”, “o que você fez no cabelo? Ficou ótimo!”, “com o juiz roubando desse jeito, ninguém ganha desse timinho mesmo!”. Estas conversas casuais de elevador me dão calafrios. Ninguém se importa com o outro, essa é a realidade, aceite-a. A mulher não se importa com o cabelo da outra. O final de semana de outra pessoa não interessa, o de quase ninguém interessa, a não ser o seu próprio. As pessoas se expõem a esse contato humano superficial e nem se incomodam com isso. A mim causa-me náuseas. Entendo bem o que quis dizer Sartre: “o inferno são os outros”.

Chego ao décimo oitavo andar. É aqui meu escritório. Meu jazigo diário. Aqui se vê a vida passar aos poucos, vê-se a juventude se esvaír pelas mãos. Ligo o computador e começo a arrastar meu dia. Trabalho em alguma coisa sem nexos. O trabalho em si não faz muito sentido. Qual o sentido de fazer isso todos os dias? Ficar vivo para poder fazer isso no dia seguinte, no mês seguinte, no ano seguinte?

Dentro do escritório, o tempo não passa. Empurro os segundos, que não

se mexem. O tempo fica suspenso. A monotonia das horas paira sobre nós como uma nuvem densa. Aguarda-se o próximo segundo ansiosamente até que o dia se queime por completo. Mas esse fogo que queima é vagaroso demais. Assim, fico aqui fingindo movimento. Na realidade todos aqui fingem movimento. Todos fingem ser úteis.

As pessoas sorriem demais no trabalho. O bom dia sempre vem acompanhado de um sorriso. É obrigatório? Pega mal não sorrir. Quem não sorri em excesso é rabugento, rapidamente taxado como quem não gosta do seu trabalho. E quem é que gosta? Detenha-se, caro leitor, e pense se você realmente gosta do seu, ou se apenas se acostumou a ele.

Todos os dias são iguais. Agora são 10:15 e faço uma pausa no eterno fingir para assumir sem pejo minha condição inoperante: vou tomar um café. Esse café é longo, tem que se fazer durar. Às vezes com adoçante, às vezes com açúcar, depende de meu humor no momento, mas sempre longo. Saboreio o café vagarosamente.

De volta a minha mesa, chamam-me a uma reunião. Faz parte da rotina também. Vamos a outra sala eu e mais umas cinco ou seis pessoas. Durante a reunião muito se fala. Muitas metas são definidas, muita propaganda pessoal é feita e invariavelmente marca-se a próxima reunião. Na próxima reunião será marcada outra reunião e este ciclo transcende uma vida: as próximas gerações hão de herdar este nosso costume. Após a reunião, pouco se faz para cumprir as metas e isto eu entendo, pois estão todos acostumados demais com suas rotinas. As pessoas contentam-se em ter dias iguais, e fugir a isso requer esforço, algo indesejado.

Os tipos que eu mais detesto são os falastrões. Esses gostam de se expor ao limite, de contar detalhes de suas vidas pessoais, de fazer todos saberem o que fizeram no final de semana, com quem saíram, que compraram um carro novo, que vão viajar... Esses sujeitos são também os que ocupam os melhores lugares na deteriorada hierarquia do trabalho. São marqueteiros profissionais. Vendem sua imagem. Detestável.

Chega o horário de almoço. Sempre saio para almoçar às 12:00. Nem um minuto a mais, nem um a menos. Faz parte da rotina, sabe? O restaurante também é sempre o mesmo. Relação custo-benefício: é barato, próximo do trabalho e quase sempre tem pouca gente nesse horário; a qualidade da comida é questionável.

Perfeito para fazer parte da rotina. O almoço passa rápido. O almoço e o café das 10:15 passam rápido. Por mais que se queira prolongar estes períodos, é impossível. Tenho que voltar para minha mesa, meu caixão diário.

Existe alguma vida fora do trabalho, dizem. Mas até nela existem regras. Enfiam regras em tudo! Saia do trabalho e vá para a academia, dizem. Se não o fizer, aos cinqüenta seu coração vai sentir os efeitos da falta de exercício. Saia da academia e alimente-se de maneira saudável, aquelas besteiras que você adora vão te matar!

Quando chegar em casa depois da academia, estude um pouco para o MBA, senão você fica para trás e, sem um bom emprego, nesses tempos de crise, você sabe como é...

Tudo mata: colesterol, álcool, desemprego, inflação, divórcio, corrupção, desmatamento, poluição, depressão; as pessoas vivem com medo. Medo de tudo. Buscam segurança em suas rotinas. A maldita rotina é a solução para tudo. Vá ao trabalho, para ter segurança financeira, vá à academia, para não morrer obeso, vá ao dentista duas vezes por ano para não ter cáries, pague o seguro do carro, pague o seguro de vida (cuidado para não valer mais morto!), construa uma casa em um condomínio fechado, durma cedo, acorde cedo. Tenha esta vida mediana todos os dias, para que sua vida seja boa. Que coerência há nisto?

Quando chegam as 17:00 está na hora de voltar para casa. Ou para a academia? O correto seria ir para a academia. Entretanto, vez ou outra, meu íntimo rancor diário aflora. Fico rebelde quanto a minha rotina. Às vezes consigo fugir dela. Às vezes entre a academia e o dentista, escolho o *whisky*.

Hoje poderia chegar em casa, colocar três pedras de gelo no copo, encher o resto com *whisky*.

Poderia sentar-me na frente da TV, acender um cigarro. O cigarro é um gravíssimo crime. Poderia ficar lá assistindo alguma coisa, ou ler um livro. Era isso que eu iria fazer hoje. Dane se a rotina.

Quando chego ao estacionamento, vem o punhal: Quarenta reais pelo dia todo. Pode me fazer sangrar, sem problemas, aceitei isso para hoje. Saio do estacionamento, pego a avenida completamente congestionada. Ligo o som do carro no máximo. Está tocando life by the drop, do Stevie Ray Vaughan. Bom som. Não estou sentindo mais aquela angústia amarga que permeia todos esses dias que se repetem e que na realidade são um só. A música anestesia meus sentidos.

Próximo a um cruzamento, ainda na avenida, um carro preto vem veloz, fulminante, ignora o semáforo. O carro preto encontra o meu. O choque é perfeito, o impacto é destruidor. Há tanta beleza na destruição que o tempo quase para. Os estilhaços de vidro e de carne se dispersam em câmera lenta. Lá está meu sangue no chão da avenida. Bom para todos.

I Concurso Cultural Era uma vez...

O ESPELHO

Autor: Luiz Carlos Cappellano
Funcionário da Secretaria de Educação

Ele sempre esteve lá, a observar atentamente cada gesto, cada movimento, cada palavra e sentimento que se passava no interior do casarão. Quando veio ver a casa, ele foi a primeira coisa que ela reparou. Marilene ficou horas encantada por ele... Compraram a fazenda e o casarão, “de porteiros fechadas”, ou seja, com todo o seu conteúdo. Tudo por ali era muito antigo e muito bonito, tendo pertencido ao barão.

Na sua primeira noite no novo lar, o encantamento do espelho se fez sentir por toda parte. Um raio de luz, entrando pela janela descerrada era refletido em toda a casa pelo cristal. Hermes dormia, e ela, sentada na cama, não tirava os olhos do espelho... Admirava a beleza do cristal chanfrado, trabalhado em leques nos quatro cantos do espelho e, mais do que tudo, as instigantes figuras que compunham a “fauna” presente na moldura de mogno dourado, toda cheia de entalhes. Ela estava enfeitiçada pelo espelho, pelo charme discreto das ninfas e faunos que corriam nus a volta dele, a finura do trabalho em prata do par de candelabros presos nas laterais da moldura.

Não pensava em nada, só olhava e se deleitava ao olhar. O encanto era tão intenso, que ela nem estranhou ao ver aparecer, envolta em névoa, uma bela “sinhazinha”, como que refletida no espelho. - Vem... Vem comigo... A aparição assim repetia enquanto estendia as mãos, que se projetaram para fora do espelho.

- Tu não vens? Terei eu de ir onde estás... A figura, ainda envolta em névoa, rodou sua saia ampla, armada por crinolina, e se colocou a caminho do local onde estava Marilene. Eis que a Lua começou a se esconder atrás das nuvens e, à medida que ela ia sumindo, a imagem da linda moça ia gradualmente sendo substituída pela imagem podre de um cadáver! Seu lindo vestido de brocado, cheio de buquezinhos de flores co-

loridas, tornavase trapos fétidos, onde aros enferrujados do que já havia sido uma crinolina se balançavam tristemente... O lindo rosto tornou-se uma caveira medonha, semi-recoberta de carne decomposta e coroada de cabelos louros e encacheados, em desalinho...

A horrenda aparição soltou então um grito de dor e pulou para dentro do espelho. A Lua desapareceu por completo e Marilene deitou-se, dormindo tranqüila todo o resto da noite. No dia seguinte, contou a Hermes seu estranho “sonho”, e como ficara imóvel, e sem pensar em absolutamente nada todo o tempo.

- “Mari”... Estive pensando. E se nós mudássemos o espelho de lugar?
- Mudar?! Mas por quê? Além do mais, ele é tão grande que ambos ficaríamos com a coluna arreventada! – É que ele está bem na frente da porta que comunica este quarto com o quarto ao lado. - Bobagem! Quem quer um quarto cheio de portas? Este era um vício do século XIX! Esta porta não faz falta nenhuma. - Mas e se tivéssemos um bebê, e ele chorasse durante a noite? Esta porta seria útil! - Pensaremos nisto se tivermos um bebê, quando tivermos um bebê... Mas, já que está tão curioso, vá ao outro quarto e abra a porta que está atrás do espelho! Pouco depois. – “Mari”! Venha cá... Corra! - O que foi Hermes? – “Saint Gobain”, 1693... Este espelho tem 300 anos! E não é só isso: os espelhos Saint Gobain foram os primeiros a ser produzidos em série na Europa! Eram chamados “espelhos mágicos”... Como será que veio parar aqui?
- Hermes! Nem parece que já visitamos tantos Museus... Lembra do “Solar do Barão”? Os “barões do café” iam com frequência à Europa, e enchiam as casas com tudo de melhor que encontravam... - Vamos vender o espelho! - Você está louco? “Nunquinha”! Naquela noite de Lua cheia as cantigas das antigas mucamas enchiam a senzala deserta; havia a reminiscência de velhos batuques no terreiro e perfumes europeus das damas no salão de baile... A luz da Lua, cheia de poesia, vida e ouro, penetrava pela mesma fresta da janela, desta vez por entre os reposteiros de veludo, semi-cerrados. Foi então que o espelho se anuviou... Um doce perfume de alfazema tomou conta do quarto, acordando Hermes que dormia. - Tu que tens o nome do deus das passagens, venha comigo! Disse a “sinhazinha” lhe estendendo a mão enluvada. Enquanto ela projetava sua mão para fora do espelho, todo o quarto foi tomado por um

nevoeiro azulado, que cheirava a essências francesas. O cheiro antigo fez com que Hermes se lembrasse de sua avó e esta lembrança lhe deu segurança. O quarto foi todo iluminado em azul e ouro. Hermes penetra no espelho, caminhando fascinado pela deslumbrante aparição.

Do outro lado do espelho, está no mesmo quarto, 130 anos atrás: um paraíso de veludos e cetins. A mesma cama, muito grande, toda entalhada, cheia de anjos... os lençóis de cetim e, sobre eles, um peignoir rebordado com plumas de avestruz, repousa ao lado de um leque negro.

Ele quer falar e não pode... Já não é mais dono da sua vontade. Só existe ela, e mais nada! Tudo gira ao seu redor... Ele desabotoa seu vestido... Eles se deitam... - Bom dia amor! Dormiu bem? - Dormi sim, "Mari"! E você? Durante uma semana o estranho ritual se repetiu... A "sinhazinha", a qual até agora ainda não tinha nome, apareceu em cada uma das noites com o mesmo vestido de brocado, o mesmo arranjo de flores de tecido, filó e plumas nos cabelos, as mesmas jóias...

E, em cada uma das aparições, acabou sendo despida. Ninguém comentou nada, ou achou nada anormal. Não havia diálogos entre os amantes, a não ser o diálogo entre dois corpos. Na oitava noite, do outro lado do espelho, Hermes viu o céu tornar-se escuro, desaparecendo a lua por completo... A suave fragrância deu lugar ao odor fétido da morte, as cortinas tornaram-se trapos mofentos, a cama encheu-se de ratos, baratas e vermes asquerosos... A "sinhazinha"; tornou-se um amontoado de carne decomposta e ossos! Ele solta um grito de horror... Libertou-se do encanto. - Hermes, andei lendo sobre esta casa. Havia uns jornais velhos, guardados aqui e ali. - O que descobriu? - Li nas "colunas de focas" sobre a viagem do barão e da baronesa e a compra deste "Saint-Gobain"! Gastaram muito, mas houve dividendos, "patrimônio social"... - Estranho... Havia tão poucos jornais na época... - Não é um jornal brasileiro não... É de Paris! Fala das "excentricidades" da aristocracia dos trópicos, quando em visita à Europa... Veja só "Le Baron"... Perdão... "O barão de ... por exemplo, visitou todos os antiquários de nossa capital, não se contentando até encontrar, por acaso em um velho hotel, um espelho "Saint-Gobain". Como se declarasse fascinado pelo espelho, o barão não hesitou em pagar por ele dez mil francos, quantia deveras altíssima, mesmo para um "Saint-Gobain". E o artigo continua, relatando

as demais excentricidades, como perfumes, roupas e demais... - E o que é esta figura? - É a propaganda de uma crinolina: uma armação para saias. Tem este nome porque as primeiras eram feitas prendendo crinas de cavalos trançadas numa anágua. Depois, a Peugeot as industrializou.

- Parece uma gaiola! - Pois é... - Já vi estes aros em algum lugar... Talvez algum filme. - Com certeza!

Foram usadas por tanto tempo que são adereços obrigatórios em filmes de época... Lembra de "E o vento levou"? - Claro! Vivien Leigh! À noite, pela primeira vez, Hermes confabulou com sua estranha amante: - Sinto como se sempre a conhecesse... Há algo especial entre nós. Quem é você? - Não fui acostumada a ser tratada por "você", parece fala de gente sem instrução... Mas, o teu tempo é diferente do meu e, certamente de onde tu vens não é ofensivo. Sobre tuas outras perguntas, tu podes ler em meus olhos, em meu sorriso e em teu coração! - Eu te amo! É tudo o que posso ler em todos os nossos sentidos... - Sim, tu me amas... Tu amas Ana Augusta de Queiroz Aranha, a filha do barão e da baronesa. Por enquanto há algo mais que queiras ou precisas saber, além de quem sou eu, e do fato de que me amas e és retribuído? Ele então sorriu para ela, e pronunciou devagar, com prazer o seu nome, "Ana Augusta"... Após este breve diálogo, ela se levantou do tamborete de toucador, onde estivera sentada arrumando o cabelo enquanto conversavam, pegou-o por ambas as mãos e disse: - Vamos ao salão. Todos nos aguardam. Ouvia-se ao fundo a valsa "Vozes da Primavera", tocada por uma pequena orquestra e, totalmente inebriado por Ana Augusta, deslumbrante em seu modelo de brocado, Hermes não se lembrou de se virar para o espelho. Se o tivesse feito, teria visto, como se fora nele refletido, Marilene que ainda dormia. Ele era agora um ser sem memória. O baile transcorreu animado. Hermes e Ana Augusta valsaram a noite toda, até que, em sendo requisitado para ir ao piano, para poder tocar, a memória lhe voltou... Um frêmito percorreu todo o seu corpo e ele só pensou em fugir! Correu desesperado para o quarto, e tentou atravessar o espelho para voltar. Não conseguiu... Contemplou Marilene dormindo do outro lado... Pegou uma grande caixa de jóias e iria arremessá-la ao espelho... Quando ergueu a caixa e ia jogá-la foi contido por Ana Augusta;

- Não! Tu morrerias! - O que está dizendo? - Tu ficarias preso aqui para sempre! Como nós! E isto vos mataria. - Como? Explique-me... Expli-

que-me tudo! - Bem... Tu já sabes que este é um “Saint-Gobain”... Um “espelho mágico”, como eram chamados. Eles não tinham este nome à toa... - Eu sei. Os espelhos mágicos eram lapidados com extrema maestria e, pela primeira vez, as pessoas podiam observar a própria imagem com nitidez, por isso os chamaram “mágicos”. - Vai para além deste fato. Tu já reparaste nas lapidações centrais? - Não, apenas nas que existem nos cantos; quatro leques. Mas sei que estes espelhos tinham lavradas ao centro finas figuras, que são refletidas se aproximamos um papel durante o dia. Geralmente flores, vasos... Ela então soltou uma sonora gargalhada; - Vaso de flores! É vaso de flores que o deus das passagens pensa que este espelho reflete? Tu sabes por que a imagem lapidada com tanto cuidado, para ser imperceptível, é refletida com tanta facilidade? - Uma liga especial, a qual os modernos espeleiros perderam a receita, e que era usada ao invés do estanho... -Vossa Mercê até sabe mais do que eu suponha... Mas... Vamos lá. Pegues meu peignoir, que é de seda pura, e o estendas na frente do espelho, que este refletirá as suas figuras. O que vossa mercê enxerga? - Estranhos sinais... Arcos e pontas... Um heptágono. Símbolos de magia! - Sim. Meu desditoso pai jamais soube avaliar a extensão da sua compra... O que foi que ele acabou trazendo para casa. - Ana Augusta... Estou cada vez mais curioso e você não está me elucidando em nada. - Existe a Marilene. Tu a amas? Digas-me antes de eu prosseguir. - É difícil avaliar estando aqui... Olhando para você... - É que aqui não estás em um outro lugar. É um outro tempo! Ela ainda nem nasceu! - Então é real? - Real como? - Estamos mesmo no século dezenove?

- Você ainda tem dúvidas? Olhe pela janela: é 20 de maio de 1864... Meu aniversário! Hermes se aproximou da janela e viu um grupo de negros, fortes e belos, jogando capoeira ao redor da fogueira; não muito longe, várias negras, vestidas como baianas giravam ao som dos atabaques.

- Eles estão comemorando o meu aniversário! - Como? Quero dizer... - É difícil de entender... Muito difícil! - Tente, ao menos tente me explicar, o que aconteceu “naquela” noite, quando você se transformou em... - Por favor! É doloroso... - Não te amo menos por causa do que houve...

- Bem, para se ir daqui onde estamos, até 1993 é um longo caminho no tempo. Entendas: é necessária a luz da lua aqui e lá... Mais do que

isto: é necessário que a pessoa realmente queira viajar! Entendes agora porque tu não conseguiste passar à pouco? - Sim! A minha curiosidade, a vontade de lhe perguntar, de querer saber era maior do que a vontade de voltar. Mas... - Bem, “aquela” noite... Sabias que Marilene também viu-me naquela triste condição? - E por que de nada nos lembrávamos logo a seguir? - Porque mais de cem anos é tempo suficiente para fazerte esquecer... Quando tu puderes compreender porque se esqueciam, aí tu mesmo serás capaz de concluir o que ocorreu. - Explique-me, por favor... - Como dizer-te? A passagem não é imediata e nem instantânea, na realidade é como um longo corredor. Por isso o espelho está em frente a uma porta: o longo espaço de tempo requer um espaço físico igualmente grande... para trás e para a frente... Se a Lua se esconde por algum motivo e ainda se está neste corredor, nem aqui e nem lá, então se fica reduzido à forma que se teria na época subsequente, contando à partir de 1864. O referencial, para cada um, é o local e o tempo de partida. Se tu fores pego na metade do caminho, estarás no “limbo”, na “não existência”. Entendes? Tu não haverias nascido ainda... - É tão complicado! - Deveras... Mas é essencialmente simples: conheces os elevadores? Vi alguns em Paris, mecanismos hidráulicos, semelhantes a gaiolas... Levavam as pessoas de um andar a outro, sem a necessidade das escadas. - Elevador! São comuns em minha época. - Então irás entender perfeitamente: o espelho é como aquela gaiola, que leva as pessoas de um andar a outro, mas precisa de um espaço, dentro do prédio, para estar encaixado. No nosso caso, são os dois quartos contíguos. Precisa também do mecanismo hidráulico... - Na minha época são elétricos... - Não sei o que é isso, mas deve também haver algum mecanismo que o impulsione, para baixo ou para cima... -

Sim, há. São motores. - No nosso caso, este mecanismo é a luz da Lua, no ângulo certo. Ela põe o processo em movimento, ao revelar as inscrições que ele carrega, incógnitas sob o cristal. Imagines agora que, por algum motivo, a gaiola pare entre dois andares... -

Acho que estou começando a entender... - O passageiro ficaria como efetivamente estava quando o elevador parou... A dama que penteasse os cabelos, calculando estar com os mesmos afeitados quando chegasse ao seu destino, os teria ainda desalinhados... No meio do trajeto não se está nem no local de partida e nem no local de chegada. - Agora

entendo mais algumas coisas também... Não nos lembramos porque de fato você não chegou a estar lá. Apenas a caminho! - Sim!

Entendas: a fronteira do contato visual é muito mais tênue daquela que prende nossos corpos físicos. Tu certamente já terás ouvido falar de videntes e de adivinhos... - Médiuns... São chamados assim em minha época. - Interessante... Vem do latim, sinônimo de “meio”, mas também de “mediador”. É o sentido exato que eu procurava. Eles entram em contato com outras dimensões, mas não chegam nem mesmo a tocá-las... Minha “baba”, por exemplo, entra em contato com os seus orixás, e muitas coisas nos revela através deles. - Ela é adepta do candomblé? - Penso que seja católica, devota de Nossa Senhora do Carmo, a quem ela cultua com a denominação de Oxum. Apenas que ela conservou os conhecimentos trazidos da África pelos seus ancestrais. Ela sabia, com antecedência, tudo o que nos aconteceria...

- O eterno embate entre a ciência e a fé...

- A ciência da época em que este espelho foi feito pouco se diferenciava da magia ou da religião, estava tudo muito imbricado... Na realidade, até há bem pouco tempo, a teologia abarcava as ciências naturais, como deves saber. Estes “cientistas”, talvez alquimistas, meio bruxos, meio magos, conceberam então este espelho, uma espécie de “máquina do tempo”. - Fantástico! Há ainda duas perguntas. Por que você disse que eu morreria se quebrasse o espelho? Por que é sempre o mesmo dia, o dia do seu aniversário? - Pode ser até que eu assim tenha dito. Na realidade o que eu quis dizer é que se tu ficares aqui contra tua vontade, se não desejares do fundo do teu coração ficar... Sabes o que é “banzo”? - A “doença dos escravos”, morriam de nostalgia, de desespero, por não mais poderem voltar à África. - Sim. Então tu me entendes. Em outra ocasião vos contarei sobre meu aniversário. A Lua está para se esconder. Penses em Marilene e vás! - Lembrarei de tudo o que conversamos, estando lá? - Apenas uma fugaz lembrança fugidia... Um sonho bonito. Assim te parecerás. - Mas, não! Eu não quero esquecer. Quero vê-la novamente! - Não temas... Posso ver-te do outro lado do espelho e irei chamar-te. Agora vás... Disse ela beijando-lhe a fronte. Aquele dia transcorreu singularmente bem. Hermes e Marilene estiveram na casa

de um casal amigo, Pedro e Cláudia, mataram as saudades. Na volta ao lar, porém, Marilene manifestou um estranho desejo: - Amor... Você se lembra quando você falou de mudar o espelho de lugar? - Besteira minha!

Esquece! - Pode ser, mas... Estive pensando... Quero este espelho fora do nosso quarto! Não sei por que, mas me sinto invadida, observada... - Você está sendo irracional... Por quê? Ainda outro dia você fez a apologia do “espelho fica”! - Há algo com este espelho...

- Claro que há... É um espelho muito raro e muito caro! - Amor... - Não senhora! Nem com amor nem sem amor... Agora sou eu quem falo: “o espelho fica”! Durante a noite: - Ana... Ainda há algo que não me respondeu... - E quem é que sabe todas as coisas? - Por favor... - Em meio a tantas dúvidas, tu não tens nem mesmo uma pequenina certeza? - Sim! Eu tenho! Eu te amo e quero do fundo do meu coração, ficar aqui com você. Você é a liberdade, a tarde amena, o passeio ao luar... Você é o ar puro, o frescor do campo... Você é a verdadeira libertação, não as falsas, que nos prendem e nos esmagam! Queria poder me casar com você... Ter filhos com você vê-los crescer e ver netos... Envelhecer com você até ficar um velho bem “caduquinho”, igual a um “maracujá de gaveta”. Deus é testemunha do quanto estou sendo sincero. Neste mesmo instante, em meio à névoa e ao cheiro de incenso, aparece a figura de um padre no centro do espelho: - “Adjutorium nostrum in Nomini Domini, qui fecit caelum et terram”... Libertas est Ana Augusta de Queiroz Aranha! Neste mesmo instante, sem que a imagem do sacerdote tivesse desaparecido do espelho, este explodiu em mil cacos e a sua moldura desapareceu, feita cinzas. Um suave cheiro de incenso tomou conta de toda a casa. Pela primeira vez, Hermes pôde escutar os batiques e os cantos que estavam acontecendo lá fora, no terreiro... - O que houve Ana? Você está ainda mais bonita! Mais corada! - É que agora, finalmente, eu sou livre! Agora estou viva de novo, viva! Agora, meu amor, finalmente tu podes saber de tudo, de tudo... - Conte-me então. - Tu não estranhaste que o espelho fosse feito exatamente em 1693? Trezentos anos exatos antes da época da qual tu vieste? - Achei que fosse coincidência. - Não existem coincidências! Aquele padre que tu viste agora a pouco era meu irmão mais velho, Jorge Luís. Foi ele quem decifrou os símbolos cabalísticos do espelho e compreendeu a terrível mensagem que o cristal encerrava.

Isto lhe custou a vida. Sua alma ficou presa no corredor do tempo, como guardião do espelho, desde então. Tu o libertaste. E libertaste-me também! – Mas ainda falta saber tanto... - Vamos com calma... Como tu sabes já, estivemos em Paris em 1855. Eu era menina ainda. Compramos este espelho e duas crinolinas... - Peignoirs, perfumes... - Sim! Muitas futilidades tolas. Meu irmão mais velho estava em Roma, estudando para ser padre. No dia de meu aniversário, nove anos depois, já vivendo no Brasil, ele teve a nefasta idéia de decifrar os símbolos cabalísticos, por mais que a nossa “baba” (a mucama que nos criou) o advertisse para “não mexer com isso”... Os tais símbolos eram um conjuro, um feitiço, feito em 1693 junto com o espelho. Uma vez recitado o conjuro, este só poderia ser quebrado quando o espelho tivesse completado 300 anos. O espelho matou meu irmão, por querer mostrar sua erudição de latinista, e aprisionou a alma de todos nós nesta casa. - Impressionante! - Entediante isto sim... Ninguém entendeu porque, de um momento para outro, a casa ficou vazia... Não encontraram corpos, não havia acontecido nenhum crime... Os primos de minha mãe herdaram a fazenda, a vida para eles seguiu o seu curso normal e nós, para todo o sempre, todas as noites, comemorando os meus dezenove anos! - Os segredos do espelho... - Sim, tudo o que te contei e, principalmente, o fator “vontade”... Na realidade, foi muito mais a tua vontade do que a minha que comandou o espelho! Tu e tua esposa vieram para esta fazenda sonhando com o passado, o romantismo e o frescor de uma outra época. Tu me procuraste, me projetaste... É como, se de fato, tu já me conhecesse: eu sempre estive em teus mais inconfessos sonhos, em tuas fantasias. - Você sabe tanto... Mas e seu irmão? - Inicialmente terei de educá-lo a falar melhor... Mas, penses tolinho! Já deverias ter matado a charada... O tempo é como uma estrada, com seus desvios e encruzilhadas, as suas bifurcações... Mexendo em uma única peça, entrando-se no entroncamento errado, muda-se o todo! Chega-se a lugar diverso. Jogas xadrez? - Sim... Mas não vejo como isso vem ao caso... - Imagines por um só instante que eu e tu jogamos xadrez e o jogo está “por um fio”... Os dois reis estão no tabuleiro e eu tenho uma torre. - Teoricamente você ganha. - Não! O jogo vai se prolongando, prolongando, até a hora fatal. Há anos que tudo “está por um fio”, como na partida de xadrez. E se “aparecer” uma nova peça, para qualquer um dos jogadores? - A partida pode ser vencida! - Foi o que ocorreu. Acabou o jogo entre o “real” e o “reflexo”,

o passado e o presente. Este lado do espelho encerrou a partida! Você foi a peça que fez a diferença! Só poderia mesmo se chamar Hermes! - E quanto ao seu irmão? - Mudou-se algo no futuro... Alguém veio do outro lado do espelho, logo, só Deus sabe o que acontecerá, para manter o equilíbrio. Se bem que, minha intuição feminina... Bem. Vamos para a festa! Desta vez ela irá terminar, iremos todos dormir e amanhã será 21 de maio de 1864! - Querida... (Disse Hermes com olhar cabisbaixo)... Como irei me casar com você se já sou casado? - És mesmo? Quando tu te casaste? Puseram-se ambos a gargalhar e foram de mãos dadas para o salão de baile.

Marilene acorda, de um sono mais que profundo. Estivera agitada toda a noite, como em meio a pesadelos. Olha ao redor, está só no quarto imenso, envolto em penumbra... Observa aquela porta "boba", que liga seu quarto com o contíguo... Algum dia esta porta precisa ser fechada! Neste momento, eis que entra Jorge Luís, com um largo e apaixonado sorriso. Tem uma bandeja, com café da manhã completo nas mãos, à qual não falta nem mesmo um buquê de flores. - Bom dia meu amor! Dormiu bem querida? - O melhor dos maridos! E pensar que sua mãe fala que você queria ser padre! Imagine só...

OS CONTOS SELECIONADOS POR DOIS JURADOS

I Concurso Cultural Era uma vez...

O ATENDIMENTO

Autora: Mara Regina Franco de Godoy Sartorelli
Funcionária da Secretaria de Saúde

Era uma vez uma mulher chamada Adriana. Todos os dias ela enfrentava a mesma rotina: de manhã cuidava da casa, dos filhos, dos gatos que tanto mimava e do almoço. À tarde saía para trabalhar.

Ela gostava do trabalho, porque além de ser meio período, ainda lhe oferecia a chance de conversar por telefone com muitas pessoas, escutar suas necessidades e, principalmente, registrar as inúmeras solicitações que recebia.

Certa vez, ela atendeu Dona Lurdes, uma senhora educada, que demonstrou precisar muito de ajuda, pela angústia como falou.

- Eu nem sei como consegui ligar aí! Não tinha “crédito” no meu celular... Foi a última coisa que pensei em fazer antes de me matar.

Adriana ficou sem ação e instintivamente começou a fazer perguntas à mulher: onde morava e porque estava com essa ideia na cabeça. Dona Lurdes começou a contar a sua história. Disse que morava sozinha e que sua única companhia era o passarinho Adamastor. Contou também que estava passando por muitas dificuldades financeiras e problemas de saúde, e disse que tinha um filho, mas ele não morava com ela, e, além disso, a desprezava e tinha vergonha dela ser a sua mãe.

Adriana ficou atônita com aquela história e não sabia como realmente ajudá-la, já que era a primeira vez que alguém lhe pedia esse tipo de ajuda. Até então passava informações gerais, telefones de órgãos públicos, horários de funcionamento, registrava inúmeras solicitações dos cidadãos... Ela só pensou em conversar mais com a Dona Lurdes, e assim ganhar tempo para, quem sabe, fazê-la desistir da ideia de suicídio.

Quando Adriana pensou que já tinha ouvido tudo, Dona Lurdes acrescentou um fato que a deixou chocada: ela tinha câncer de mama em estágio terminal e só tinha como contar com a vizinha que emprestava açúcar para ela misturar com água e matar sua fome e a de Adamastor.

Como ser humano, Adriana sentiu uma profunda dor no coração. Quanta tristeza! Teve vontade de sair de lá correndo, encontrar-se com Dona Lurdes e oferecer uma cesta básica. Como seria possível um irmão estar naquela situação tão precária, tão humilhante e não poder contar com o próprio filho? Como não reagir sabendo que um semelhante mata a sua fome com água e açúcar?

Imediatamente Adriana colocou o headset no “mute”; e contactou seu supervisor. Passou o caso rapidamente, relatou a ameaça de suicídio, que o sensibilizou e mobilizou toda a Equipe.

Nessa mesma hora, o supervisor acionou a Coordenadora Angélica que entrou em contato com a unidade de saúde mais próxima da residência de Dona Lurdes. Ela era usuária daquela unidade e fizera tratamento psicológico. Como eles tinham o endereço dela, logo solicitaram ao agente de saúde que fizesse uma visita de urgência para verificar o que estava acontecendo.

Minutos depois, Adriana pôde escutar a voz de outras pessoas, do outro lado da linha, conversando com a Dona Lurdes.

Ela havia sido resgatada!

Um mês depois, caiu uma ligação de Dona Lurdes no serviço e rapidamente Adriana foi chamada para atendê-la, claro, com a autorização da supervisão. Ela já era velha conhecida na operação.

Que surpresa! Dona Lurdes havia sido encaminhada para o Hospital do Câncer de Barretos, referência no tratamento da doença e acolhimento de pacientes de todas as regiões do país. O que mais emocionou Adriana foi a fala de que nenhuma psicóloga jamais havia conversado com Dona Lurdes daquela forma interessada e amorosa! Imagine, logo Adriana que nem se lembrava o que havia conversado com ela naquele dia! O Adamastor foi adotado pela vizinha e Dona Lurdes não comunicou o seu destino ao filho. Estava livre da fome e da solidão!

Quem diria que naquela tarde comum de abril Adriana salvaria uma vida!

E assim termina a nossa história. Até hoje o Serviço 156 está avisado: Se a Dona Lurdes ligar, chamem a Adriana!

156 Adriana! Boa tarde!!!!

I Concurso Cultural Era uma vez...

REDEMPÇÃO

Autora: Tamíres Bianchini Carnevalli
Funcionária da Secretaria de Educação

Acordei assustada, sentando na cama enquanto esmagava os lençóis em minhas mãos. Meu coração ainda batia fora de compasso dando murros em meu peito como se quisesse sair, minha respiração pesada vinha acompanhada de ruídos estranhos chegando como estática aos meus ouvidos, e o gelo em minhas costas era fruto do suor excessivo que escorria por ela.

A sensação de correr uma maratona estava infiltrada no meu corpo, todos meus músculos pareciam tensos e a ponto de se romperem. Meu cérebro estava paralisado, e eu não conseguia ordenar que relaxassem. Todos os meus sentidos estavam em alerta e a única coisa que eu conseguia pensar era que precisava ser o mais silenciosa possível. Ninguém poderia sequer suspeitar que eu estivesse finalmente desperta.

Naquele meu estado aparente de congelamento, a única coisa que se movia em mim eram meus olhos.

Eles tentavam ajudar meu cérebro a descobrir onde estávamos. O ambiente era escuro, e a única luz que chegava ali vinha de fora, das grandes janelas cujas persianas estavam parcialmente abertas. Sem dúvida aquela era uma luz artificial: muito clara, branca e fria. Tanto poderia ser da rua como de um cômodo adjacente. Era um único ponto de luz, que fazia com que as sombras corresse pelas paredes cor de chumbo de modo retilíneo, e um tanto quanto brilhante demais para mim.

Talvez meus olhos já não estivessem mais acostumado com a claridade.

Eu esquadrinhei todos os centímetros daquele lugar e nada pareceu se mover. Eu estava sozinha, e finalmente me permiti respirar de novo com aquela confirmação e tentar soltar um por um os meus músculos tra-

vados. Só existiam três móveis no quarto: a cama onde eu estava, o criado-mudo ao lado dela e uma cadeira branca aos seus pés... Meus olhos se prenderam ali por um longo instante. Alguém a teria usado enquanto eu estava apagada... Alguém teria me vigiado... E onde estaria esse alguém agora?

Minhas mãos foram rápidas em afastar os lençóis, que eu ainda segurava, para que minhas pernas se impulsionassem para o lado e me levantassem. Eu não precisava de mais incentivos para dar o fora dali. Porém, tão rápido como eu me movi para sair da cama, eu estaquei.

Minha respiração foi cortada.

Ela rangia. Aquela cama de ferro rangia.

Eu rezei em pensamento, repetindo em minha cabeça uma velha oração que haviam me ensinado quando criança. Eu não prestava atenção às palavras, eu as conhecia de cor, e as usava como um mantra. Um mantra para afastar os maus espíritos.

No entanto, depois do que me pareceram horas de espera, ninguém apareceu. E eu precisava acreditar que o motivo disso se devia apenas pelo fato de ninguém ter ouvido aquele ranger. E não que aquela ausência de interferência na minha fuga fosse algo proposital, algo calculado para me pegar desprevenida mais a frente.

De qualquer forma, eu precisava ser mais cautelosa. Eu não escutava passos, e nem vozes, mas até onde eu sabia eles eram mais rápidos - e espertos - do que eu.

A cama era alta, e antiga, eu precisava de alguns palmos a mais de perna para alcançar o piso de cima dela, e, por isso, levantar dali levou mais tempo do que eu imaginava. Quando a ponta do meu pé tocou o chão

gelado, eu tentei jogar meu peso ali sem me apoiar inteiramente na cama para que ela não sentisse bruscamente a minha ausência e voltasse a reclamar. E por mais delicada que eu tentasse ser, ela voltou a ranger.

Eu praticamente parei no ar tentando fazer meu tornozelo sustentar meu peso enquanto retirava minha mão, e último apoio, do colchão. E quando meus dois pés tocaram inteiramente o chão, eu girei para ficar de frente para a porta daquele quarto, esperando que ela fosse derrubada a qualquer instante. Eu esperava uma cavalaria, ou um único matador, mas com certeza o castigo dessa vez deveria estar a caminho.

Mas nada veio.

Nada se mexeu, e aquilo de alguma forma parecia ser ainda pior do que o ataque que eu esperava. Eu estaria adormecida ainda para todos ali? E mais do que isso, estariam eles tão confiantes que eu estivesse fora de combate e por isso negligenciavam a vigilância sobre mim?

Era com isso que eu contava. E precisava usar essa vantagem. Lentamente, eu me adiantei até a porta, ainda com a sensação de que algo viria ao meu encontro a qualquer instante, mas agora com a fina esperança de que talvez eu pudesse ter uma chance real de escapar. E mais do que querer, eu precisava acreditar naquilo. Encarei a maçaneta e ela me encarou de volta, certamente zombando da minha relutância em abri-la.

Ela tinha razão, eu estava com medo. Porque não era possível o caminho para a saída estar tão acessível assim, deveria haver alguma piada de mau gosto naquilo... Eu respirei fundo e, sem pensar uma segunda vez, estiquei minha mão para alcançá-la. Verdadeira ou não, eu não poderia deixar aquela oportunidade escapar.

A sensação de ser eletrocutada passou por mim. Uma descarga elétrica, como um forte puxão de um mesmo nervo do centro do meu pulso até o calcanhar. O grito parou na minha garganta antes de sair, no momento

em que eu percebi que aquilo nada mais era que uma reprodução do meu cérebro. Não havia eletricidade correndo ali, eu não havia levado um choque de verdade. Assim que vi a porta aberta, minha mão ainda segurando a mesma maçaneta e meu corpo ainda de pé, eu entendi que aquela sensação tão viva era apenas fruto das lembranças do meu sistema nervoso, que ativou as memórias de cada uma das minhas células em um único segundo de distração.

A mão que não agarrava a maçaneta, desesperada por um apoio qualquer, foi descansar em meu peito tentando acalmar um coração descompassado. Eu queria fechar meus olhos e respirar mais algumas vezes para me acalmar, mas eu não tinha tempo para isso. Coloquei aquela rígida máscara que eu frequentemente usava em meu rosto e me adiantei ultrapassando o batente da porta.

As mesmas paredes cor de chumbo do quarto se manifestavam do lado de fora. Lisas, sem enfeites, sem papeis de parede, e aparentemente sem pintura também. Pois agora, mais de perto, eu podia ver que aquela cor escura que a revestia parecia algum tipo de fórmica que ajudava a refleti-la, e não apenas tinta ou concreto.

Para minha sorte eu estava no fim de um corredor, de forma que só havia uma direção a seguir. E de frente para ela, agora eu tinha a minha direita a porta por onde tinha acabado de sair e a minha esquerda apenas parede. As minhas costas havia uma janela em forma de arco, muita alta para que eu pudesse alcançá-la, feita de um vitral colorido. A única luz do corredor vinha dela, tão artificial quanto à outra, porém ainda mais estranha, uma vez que ela incidia de cima, atravessando o vitral, trazendo suas cores para o chão, e imprimindo sua imagem ali.

Não havia muitas opções. Ou eu recuava, acovardando-me naquele quarto e aguardando pelo meu destino, ou eu enfrentava o desconhecido a minha frente e tentava uma melhor sorte.

Um soluço escapou entre meus lábios diante daquele pensamento. Eu

não via nenhuma solução para mim. Nenhuma das duas alternativas me apresentava um final feliz no fim da história... Porém, pesando os dois lados, não havia como negar que se houvesse uma ínfima chance de escapar não seria aguardando infinitamente naquele quarto. Ninguém voltaria ali com uma carta de alforria para mim.

Pelo contrário.

- eu pensei, quebrando por um instante o mantra em minha cabeça.

E imaginar as inúmeras possibilidades do que poderia me acometer se eu ficasse estagnada ali, foi o impulso que faltava para que eu desse o primeiro passo para dentro daquele corredor.

Eu não olhei para trás a fim de mirar a janela as minhas costas, eu não tinha tempo para isso, e na altura em que ela estava definitivamente não era uma rota de fuga. Mas, depois de alguns passos instáveis fora do quarto, eu não pude evitar parar e olhar a imagem do vitral projetada no chão. Era um círculo perfeito o que se estendia a minha frente, e hesitante, eu procurei uma forma de contornar aquele reflexo.

No entanto, as bordas da figura geométrica tocavam as paredes dos dois lados, não me dando chance de evitá-la. Se eu quisesse passar por aquele corredor eu teria que atravessar aquela imagem também. E mais inseguro do que antes, meu pé direito se adiantou até o círculo deslizando pelo piso. A verdade é que eu estava receosa em erguer meus pés e andar da forma correta, como se houvesse um buraco prestes a me engolir em algum lugar daquele chão. E foi somente arrastando um, e depois o outro pé, que eu criei coragem para entrar naquela projeção cheia de cores, com linhas perfeitas que destacavam três figuras distintas. Três grandes desenhos que pareciam estar isolados, mas que deviam se completar de alguma maneira.

Ao centro, cortando totalmente o círculo na vertical, estava o desenho

de uma ampulheta. E, apesar de ser uma projeção, era possível ver nitidamente os detalhes, incluindo os veios da madeira, os grãos de areia que caíam dentro dela, o sombreamento que parecia deixar o objeto ser admirado de vários lados... Uma obra de arte com certeza.

Separadas pela ampulheta, havia outras duas figuras menores, porém não menos impactantes. A esquerda do círculo havia uma pessoa em pé, de perfil, vestindo o que parecia ser um macacão branco com três grossas listras pretas, uma no pescoço, outra no punho e outra na altura do tornozelo. E do lado direito havia um frasco verde com alguns riscos em branco que não pareciam dizer nada, provavelmente eram ranhuras desenhadas naquele objeto com o intuito de fazer o frasco parecer de vidro. Provavelmente um vidro de algum remédio. E por trás dele existia uma faixa preta, que começava de forma estreita e depois se alargava, onde podia se ler a palavra "*Curationum*".

A imagem era estática, claro, mas após um tempo a observando eu podia jurar que aquela areia na figura central parecia realmente estar escoando...

Escoando como o meu tempo.

- eu lembrei diante daquela divagação.

Um arrepio passou pela minha nuca me trazendo de volta ao corredor. Eu continuava visivelmente incomodada em estar bem no centro daquele círculo, mas era fácil se distrair com uma pintura tão bem feita e... Real. E o que se estendia a minha frente não era nenhum convite para que eu me mexesse. Logo após a projeção, o corredor mergulhava em um breu total. A luz que incidia sobre o vitral já não o alcançava mais, e adentrar aquelas sobras parecia ainda mais desconfortável do que permanecer no meio daqueles símbolos esquisitos no chão.

Dizem que os olhos se acostumam com a escuridão, mas esse não

parecia ser o caso. O corredor a minha frente era puro breu, e quanto mais longe meus olhos chegavam, mais preto o lugar ficava. Talvez justamente porque a luz que incidia pelo vitral mantinha uma iluminação constante naquela ponta do corredor, fazendo com que o restante dele parecesse ainda mais escuro.

E talvez seja de propósito, talvez seja exatamente essa a intenção...

Juntando toda a coragem que me restava – e talvez o medo do que me aguardava também –, eu deixei para trás aquela figura e suas inúmeras interpretações para mergulhar na escuridão a minha frente. Minha vontade foi a de me escorar em uma daquelas paredes a fim de proteger minhas costas enquanto eu andasse, mas eu não podia ver o que havia nelas dali. Poderia ser ruim andar no meio do corredor sem conhecer suas delimitações, mas poderia ser ainda pior me apoiar em uma das paredes sem poder enxergar o que havia nelas.

Era como mergulhar em um buraco negro, depois de alguns passos para dentro dele, eu já não via mais absolutamente nada. Só meus pés se arrastando pelo corredor me serviam de guia agora, e cenas de terror insistiam em buscar espaço em minha cabeça. Eu me concentrei ainda mais nas palavras que eu repetia sem parar, pensando que talvez fosse a hora de tentar entender o verdadeiro significado daquela reza antiga... Qualquer coisa que me distraísse do que eu fazia no momento. Era eu quem estava vestindo uma camisola branca que chegava aos pés e a arrastava pelo chão – e deveria ser a coisa mais assustadora por ali – mas essa era uma lógica que não me acalentava no momento.

Era uma mistura de medo do desconhecido com o medo do escuro que parecia apertar meu peito de maneira real, física. Eu podia sentir meus órgãos internos se contorcendo como se fossem se fechar em uma bola dentro de mim. E sentia os tendões em minhas mãos e pés mais rígidos do que nunca. Aquelas sensações teria paralisado qualquer um...

Mas não a mim. Não a alguém que tivesse passado pelo que eu passei, visto o que eu vi... Alguém que conhecia como o inferno se parecia, e que não queria voltar para ele.

Eu joguei de lado minhas últimas reservas e acelerei meu passo, me obrigando a andar em linha reta e a me proteger do desconhecido tendo meus braços estendidos a minha frente. Não sei se era realmente possível, mas naquela escuridão minha respiração se tornou ainda mais audível. Era um chiado irritante, porém, geralmente eu me esquecia dela. Agora, no entanto, quando mais eu precisava de silêncio, mais ela parecia querer ser notada.

Uma das minhas mãos voou na direção da minha boca tentando abafar aquele ruído, enquanto a outra seguia com a sua missão de tatear o vazio. Mas estava ficando complicado me concentrar na segunda tarefa quando a primeira passou a me incomodar ainda mais. Aquela mão na minha boca, embora minha, me trazia sensações ruins. Alguns segundos da minha própria pele em contato com ela, fez com que eu me desligasse de qualquer outra coisa acontecendo a minha volta.

Em questões de segundos aquela pele não era mais minha, a sensação daquele toque não me era confortável. A frieza da minha mão não estava mais lá. Aquilo, agora, era sufocante e quente, e escorregadio, melado... Estavam tentando me calar, estavam tentando me sufocar...

Estavam tentando me matar!

O barulho oco chegou até mim antes da dor. Meu joelho batendo diretamente no piso, quando meu corpo desistiu de se sustentar.

Não se deixe dominar...

- eu pensei antes de começar a rezar novamente. Eu não deveria parar, eu precisava deixar minha cabeça ocupada. - *As palavras devem ser*

repetidas como um mantra... Infinitamente.

Quando me dei conta, depois de provavelmente repetir aquela oração por três vezes completas, eu estava no chão, de joelhos, de frente para uma porta.

Eu havia conseguido!

Eu havia atravessado aquele corredor. Havia uma esperança para mim, uma porta... Esperando por mim.

Ergui-me em um pulo sem me importar com o latejar do meu joelho. Certamente haveria mais um roxo ali amanhã, mas eu não me importava mais. Não desde que eu tivesse um amanhã. E ao atravessar aquela porta, fechei-a imediatamente atrás de mim. Era loucura pensar que havia alguém me seguindo, pois, caso contrário, eu não teria ido tão longe assim. Mas que outra sensação eu poderia ter ao passar por um corredor vazio e mal iluminado se não a de estar sendo perseguida?

Eu recostei na porta, tanto para recuperar-me do último momento de insensatez, quanto para observar o que eu tinha pela frente. E era apenas mais um quarto. Com as mesmas paredes cor de chumbo, as persianas entreabertas que recebiam uma intensa luz de fora, e os três móveis de ferro: uma cama, um criado-mudo e uma cadeira.

O que era aquilo? Por que haveria tantos quartos naquele lugar, e todos exatamente iguais?

Eu levei meus dedos ao centro da minha testa para tirar o franzido que surgiu ali, eu tinha mania de enrugar aquela região quando algo estava prestes a se encaixar na minha cabeça. Analisando melhor aqueles solitários objetos, eu percebi que aquilo era ferro, pesado e antigo, do tipo que se vê em filmes de guerra... Do tipo que se vê em hospitais de filmes de guerra.

Antes que eu pudesse assumir a ideia de estar em um lugar como aquele, eu avistei do outro lado do aposento, perto da cadeira, outra porta. E o alívio que eu senti em saber que aquele não era o fim da linha, que eu não precisava dar meia volta e regressar pelo mesmo lugar de onde vim, foi o melhor sentimento que experimentei em muito tempo.

Meus pés, tão ansiosos quanto o resto do meu corpo, não esperaram por mais nenhuma ordem do meu cérebro para atravessarem o quarto. Era apenas o instinto de fuga e de seguir em frente que me comandava ali.

A possibilidade de eu estar fugindo de mais alguma coisa naquele momento me ocorreu de maneira muito fugaz, mas eu não iria alimentar mais uma dúvida em minha cabeça. E quando abri a porta, a primeira coisa que notei foi a mesma luz intensa. Era estranho como ela podia alcançar tantos cômodos ao mesmo tempo... E mais estranho ainda era eu estar novamente em um corredor.

Eu saí do quarto e tive uma sensação de *déjà vu*.

Eu estava no final de um corredor que se estendia a minha direita até sumir de vista, ou melhor, até a escuridão o fazer desaparecer da minha vista. Mais uma vez a única iluminação vinha de fora, chegando por uma janela alta e redonda composta por um vitral colorido que imprimia sua gama de cores no chão.

Eu me aproximei do desenho sem receio dessa vez, a parte lógica da minha mente estava dominante e eu estava começando a entender que projeções não poderiam me engolir. O círculo perfeito estava ali, mas dentro dele algo estava errado. O vitral parecia igual ao que outrora eu tinha visto, porém, parecia fora de lugar, como se o tivessem colocado fora de ângulo. Eu podia distinguir os mesmos desenhos, mas eu precisava inclinar a cabeça para o lado a fim de vê-lo corretamente.

Expirei de forma profunda, cansada de tentar entender aquelas imagens. Quando - e não se - eu conseguisse fugir, eu jamais colocaria os pés naquele lugar novamente. Não existiam motivos para memorizar tantos detalhes. Eu sabia que estava condicionada a isso, mas era a hora de inibir velhos hábitos para se alcançar um objetivo maior.

Falar era fácil. Difícil era fazer. Há muito tempo eu não raciocinava como um ser humano normal.

Andando mais depressa dessa vez, com mais fome de chegar a algum lugar, eu imaginava uma linha reta diante de mim, e a seguia com um pé na frente do outro, como se andasse em cima de um muro. Eu não desviava, eu não pulava nem um pedaço de chão. Eu sabia que poderia não ser rápida o suficiente, mas acreditava que aquilo era um progresso do meu arrastar de pés anterior.

Sem imagens de terror a me assomar, sem procurar pelo pavor escondido em algum lugar de baixo da minha pele, eu consegui manter minha cabeça total e completamente tomada pelo mantra. A única indagação que em determinado momento consegui se infiltrar na parede que eu havia construído foi o porquê de eu não tatear aquelas paredes. Talvez eu pudesse encontrar um interruptor nelas, afinal um lugar grande como aquele deveria ter algum tipo de iluminação interna... Mas alguma coisa me impedia de sair do centro daquele corredor. Havia um bloqueio dentro de mim, algo que me fazia andar literalmente na linha.

O suspiro que me alcançou foi profundo, mas eu não precisei perder mais do meu foco tentando entendê-lo.

Minhas mãos haviam encontrado madeira sólida a minha frente.

Outra porta.

Mas pelo menos agora eu tinha outra coisa em que pensar. E fazer.

Eu a abri desesperada por alguma coisa que eu não sabia bem dizer o que era, mas qualquer chama de esperança logo se apagou quando eu me vi em outro quarto. Eu levei minhas mãos à cabeça em exasperação, certa de que iria enlouquecer. Não poderia existir somente quartos naquele lugar! Juntamente com a frustração, o chiado no meu peito se intensificou, não era a hora para se ter um ataque, mas aparentemente eu estava a ponto de ter um.

Você precisa se controlar...

- eu pensei de forma mecânica comigo mesma. - Onde foi que paramos mesmo naquela oração?

Eu continuei a rezar do ponto em que havia parado, notando só agora que eu recitava aquelas palavras na minha cabeça em latim. Eu conhecia aquele texto em dois idiomas, mas não havia notado em que momento eu havia trocado de um para o outro. E de qualquer forma - seja em que língua fosse - aquilo era algo que me acalmava, e ajudava-me a concentrar, a focar... Ajudava-me a enxergar direito. E, naquele momento, eu podia ver o que havia de errado ali. A cadeira estava lá, assim como o criado-mudo e a cama.

Mas esta última não estava arrumada, como se espera de um quarto vago. A cama se encontrava desfeita, com o lençol de cima em total desordem... Existia mais alguém ali.

Meu coração pulou. De felicidade e apreensão. Talvez fosse ajuda, ou talvez fosse alguém como eu...

E pulou também com a desconfiança.

Contanto que não seja um deles.

O último pensamento me desanimou, e me fez questionar como estava a cama do outro quarto em que eu tinha entrado. Eu havia sido descuidada nesse sentido, ignorando totalmente aquele cômodo só porque tinha

avistado mais uma porta lá... Minha linha de raciocínio foi quebrada quando eu repeti aquela mesma cena.

Ao mencionar a segunda porta do quarto anterior, meus olhos involuntariamente procuraram outra porta naquele quarto também... E lá estava ela, ao lado da cadeira de espera. Mais correndo do que andando, eu a abri e a ultrapassei. Se eu não estava mais com medo do desconhecido ou se eu tinha mais medo de mim do que dele nesse momento, eu não saberia dizer. O fato é que eu encarava mais um corredor escuro, com um único ponto de iluminação que provinha de uma luz vinda de fora do lugar, e que incidia de cima sobre um vitral imprimindo seus desenhos no chão.

Sem questionar nada, com a cabeça totalmente voltada a repetir aquela reza como um mantra sem fim, me segurando nas últimas gotas de racionalidade que parecia existir em mim, eu voltei a andar por um corredor.

Um novo corredor? Um velho corredor?

Eu me aproximei da impressão do vitral, e dessa vez eu ouvi meu instinto que dizia que eu deveria parar e olhar aquilo direito. A minha frente um novo círculo perfeito mostrava três novas figuras. A de baixo representava uma pessoa de perfil e deitada, vestida com o que parecia ser um macacão branco...

Ou uma camiseta.

- eu terminei as reticências em meu cérebro, já que não havia delimitação naquele traje que cobria o corpo por inteiro. - E... *Ah, Meu Deus!*

Havia listras grossas e negras na altura de seu pescoço, pulso e tornozelo. Mas vendo aquela imagem na horizontal, era mais fácil entender que aquilo não fazia parte do traje. Não eram listras, e sim faixas negras,

como elásticos, que provavelmente atavam a pessoa onde ela estava deitada.

Minha saliva escorreu pela minha garganta de forma nauseante, enquanto meus olhos subiam para a figura na parte superior do círculo. Claro como água, aquele desenho representava um punhal. A lâmina e o cabo negros eram cortados por uma pedra verde que ornamentava a arma, onde podia se ler a palavra "*Redemptio*" em branco.

As linhas finíssimas que cobriam a lâmina e o cabo me chamaram a atenção. Elas traziam um brilho especial à peça, como se houvesse reflexos de verdade ali. Intrigada eu inclinei a cabeça para o lado tentando ver melhor os detalhes do desenho e meu coração de um pulo quando eu li "*Curationum*" escrito no punhal.

Era o mesmo vitral.

Ele apenas havia girado. Se eu voltasse 90° para a direita aquele círculo, eu veria aquela mesma imagem inicial.

E o mais importante, a ampulheta que antes parecia escoar areia se encontrava totalmente na horizontal agora. Mas seus contornos não pareciam mais retos, estavam agora arredondados. Se havia um jogo de ilusões naquela pintura, uma brincadeira de sombras e ângulos, o artista responsável por ela era um verdadeiro gênio. Não era mais possível distinguir a areia, ou os veios da madeira, e nem tampouco a forma de uma ampulheta. Depois de girar 90°, a figura central agora me mostrava algo totalmente diferente.

Ou não, já que o tempo ainda era o seu denominador comum.

De repente eu estava experimentando a frase "cair na real". O que antes era uma pessoa em roupas brancas com listras pretas, agora era um ser preso em uma cama como um animal. O que antes era um frasco de re-

médio prometendo a cura, agora era um punhal pronto para ser a chave de uma redenção. E o pior de tudo... O que antes era uma ampulheta, agora era um perfeito símbolo do infinito.

Minhas mãos voltaram a pressionar minha cabeça, dessa vez na intenção de puxar alguns fios de cabelo. Eu precisava saber se estava acordada, e ao mesmo tempo não queria saber a resposta. Por isso a oração se intensificou em minha mente enquanto eu corria por aquele corredor.

Sim, eu corri. Corri por um caminho sem a mínima fagulha de luz, sem me importar em tropeçar, cair ou bater em algo. Sem nem mesmo pensar em assombrações. Existiam mais fantasmas dentro de mim do que no escuro. E era por esse motivo que rezava como um mantra, eu havia aprendido que dessa forma conseguia deixar minha cabeça vazia. Sem brechas para que eu pudesse questionar, sem espaços para que eu pudesse perceber... Eu buscava deixar minha mente mais prática do que realista, pelo simples fato de que juntar as peças dentro dela quase sempre me levava à beira de um colapso.

A verdade não era bonita. E eu precisava sempre estar fugindo dela...

A dor física se sobrepôs a emocional quando meu ombro se chocou com algo sólido. Eu havia chegado ao fim de mais um corredor... E havia me chocado com mais uma porta.

Eu a abri.

E uma cama desfeita, um criado-mudo e uma cadeira me receberam.

A vontade de berrar a plenos pulmões foi abafada pelo nó na minha garganta. E, enquanto eu me deixava escorregar para o chão, a pergunta que eles sempre me faziam tomou o lugar da oração em minha mente:

I Concurso Cultural Era uma vez...

Você está pronta para se render?

OLHOS AZUIS

Autora: Maria José Patrício Nascimento Gonçalves
Funcionária da Secretaria de Educação

Coser a vida através da bainha do vestido. Vou cosendo a vida com pesponto, chuleando, bordando, franzindo, um zigue-zague, ou um ponto cruz.

Nos olhos, as nuances de todos os tons de azul: celeste, royal e hoje o azul marinho nos segredos da trilha da noite. Em cada ponto, um dia longo e distante feito por máquina ou a mão. Mas, o que importa? O que importa é lembrar e contar esta costura. A linha que tudo sentiu e presenciou, hora com linha fina ou grossa; sintética, seda ou algodão. Foi furando, abrindo o tecido, espetando-o com sua força e altivez. Tecendo o seu caminho e história. Quando conto os pontos, virando a bainha do vestido para cima e para baixo, sentada na poltrona que já faz o contorno do meu corpo de tanto esperar; os meus olhos nomeiam e renomeiam acontecimentos da minha vida.

As lembranças não respeitam a ordem cronológica do calendário. As lembranças na memória são como um tear com movimentos repetitivos, onde as imagens vão surgindo lentamente.

Imagens do vestido de veludo vermelho no joelho da menina que andava no bonde com os pais, atravessando ruas principais de Campinas. Imagens do uniforme de tergal engomado da normalista do antigo Colégio Carlos Gomes. Imagens do preparar da costureira Vanda. O vestido branco imaculado para o enlace na Igreja Basílica do Carmo. O bordado no mandrião para o batizado do primogênito. A toalha de natal com anjos e arcanjos, contornados em flutuantes fios dourados, testemunha festiva dos almoços, quando todos os filhos estavam presentes. O traje exclusivo para a noite de brilho nos 15 anos. A linha e a agulha marcavam a cintura fina com maestria.

Os gomos cheios de ilhós da cortina da sala. Quantos alfinetes na prega para ajuste na saia de Regina. A troca de zíper da calça de Ronaldo. O cerzir no bolso da bermuda de Júnior. E, o botão com quatro furos da camisa de Alaor. Lembrando de Alaor, companheiro por mais de três décadas, acredito. Um pouco mais, talvez... O último terno cinza de casimira com pesponto prata foi impecavelmente usado por ele, em uma manhã de primavera em seu funeral.

Assim, a bainha do vestido com seu ponto linear guarda as alegrias e mazelas do meu coração. Hoje fito-a pacientemente. Conto e reconto estes e muitos outros pontos sem dor e amargura. Sinto saudades no peito de um tempo em que meu semblante refletia a mocidade e a intensidade do viver. Vou até onde a memória alcança. Aceitando a sina de quem fica...

ATÉ PARECE MENTIRA...

Autora: Joice Pipa

Funcionária da Secretaria de Assuntos Jurídicos

Ninguém acreditava que aquilo pudesse ser real. Nunca se viu algo parecido e, por isso, quase todos os dias, curiosos do mundo todo vinham examinar a Menina-que-rezava-para morrer. Ela queria porque queria morrer, mas não tinha coragem de se matar, isto porque acreditava que o suicídio ia totalmente contra os princípios religiosos com os quais cresceu. Profissionais da saúde diziam que tal comportamento era indício do mal do século, popularmente conhecido como depressão; a avó da menina, Dona Clarice, apostava veementemente que era falta de um grande amor, os pais diziam que era frescura e falta de louça para lavar.

A Menina-que-rezava-para-morrer acordava sempre inspirada e, a primeira coisa que dizia logo que acordava era: “Ótimo dia para morrer! De hoje não passo!”. A primeira vez que disse isso em frente a sua família, não conseguiu escapar, acabou levando boas chineladas da sua mãe, que achava aquilo um tremendo absurdo. Como podia uma menina tão cheia de vida falar tanta asneira? O pai igualmente revoltado e sem saber como lidar com aquela situação bizarra só sabia dizer que ia internar a menina num hospital psiquiátrico.

Não é muito coerente alguém que afirme que o dia de sua morte será o melhor dia de sua vida. Não parece nada sensato. Mas era essa incoerência toda que fazia da Menina-que-rezava-para-morrer um ser tão excêntrico. Ela fazia questão de ir à igreja e, suas preces eram feitas em voz alta sem o mínimo de embaraço:

- E que Deus me leve logo dessa vida, amém! - terminava a oração com um sorriso de orelha a orelha, como se houvesse feito a oração mais usual de todas. Ninguém sabia mais o que fazer. Na verdade ninguém fazia nada, mas aquilo não podia ser normal. O normal é temer a morte e não se encantar por ela. O pai falava com a mãe que falava com o padre

que rezava pela menina. Nada adiantava. A menina continuava fazendo suas orações pedindo para que fosse levada, que queria morrer, sair desse plano e ir para o paraíso imediatamente.

A igreja não deu jeito, as palmadas não deram jeito, o exorcismo não deu jeito, a macumba não deu jeito, a ciência também não. A menina-que-rezava-para-morrer continuava fiel à sua vontade vigorosa de partir dessa para melhor, ir para a terra dos pés juntos, largar a casca, vestir o paletó de madeira, ou seja, bater as botas de uma vez por todas.

Desolados por tamanhos insucessos em fazer a menina-que-rezava-para-morrer parar com tais rezas e pensamentos, os pais tiveram uma brilhante ideia. Ideia jamais raciocinada. Foi como um milagre. O pai virou para mãe e, em tom eufórico, arriscou:

- O que você acha de conversarmos com ela? Talvez se nós descobrirmos a raiz da fixação dela pela morte, poderíamos ter argumentos para dissuadi-la.

A mãe, muito admirada com a notável ousadia da ideia do pai, respondeu rapidamente:

- Realmente! Nunca conversamos com ela sobre isso! - disse com os olhos marejados de lágrimas e tomados por uma espécie de esperança equilibrista.

O grande dia, o dia do diálogo, aconteceu em uma sexta-feira 13. Não que os pais da menina fossem supersticiosos: não muito. No entanto, a mãe tinha visto um gato preto naquele dia e achou que pudesse ser um sinal para adiar tal conversa, ainda mais sabendo que o assunto principal era a morte.

A maneira artilosa da mãe de se esquivar da conversa foi inútil. O pai já tinha preparado o quealaria. Não tinha jeito, aquela conversa iria acontecer. Foram até o quarto da menina, lugar quase nunca frequen-

tado por eles. Olharam nos olhos da menina, mal sabiam que a menina tinha olhos.

Então o pai decidiu começar:

- Eu e sua mãe viemos aqui para saber o porquê você quer tanto morrer! Será que poderia nos explicar?

A menina muito assustada por raramente receber a visita dos seus pais em seu quarto, bem como por raramente ter sido indagada pelos próprios pais, ficou boquiaberta com o que estava acontecendo. Os pais dela estariam mesmo querendo escutá-la?

- E então? Responda seu pai! O que te faz tanto querer morrer? - pressionou a mãe, enquanto esperava desesperadamente pelas palavras da menina.

- ...

No atestado de óbito foi declarado: infarto agudo do miocárdio.

I Concurso Cultural Era uma vez...

OS MELHORES CONTOS DE CADA JURADO

I Concurso Cultural Era uma vez...

FRAGMENTOS

Autora: Márcia Watanabe Hurtado
Funcionária da Secretaria de Educação

Lis dormia numa colcha de retalhos - sonhava sempre fragmentos. Em todo tempo, tecia histórias que eram meio, nunca começo e nunca fim. A colcha ficava à vontade na cama, acomodava-se variando as estações (tem dia que lá é noite), ela dormia bem os sonos todos. Mas era época de florescer e a menina encontrou uma mariposa inusitada: tinha asas de retalhos. Lis contemplou demoradamente a mariposa, tomou cuidado com os olhos para não suga-la demais e abrandou a respiração. Será que um dia ela foi gente? Quis guarda-la em um retrato, assim como guardam pessoas em álbuns de família. Retratos ficam apagados, pessoas ficam cansadas. Talvez, retratos sejam bons para conserva, mas não para asas de mariposa. Têm mariposa nos retalhos da colcha? Têm sonhos nas asas da mariposa? Ela só sabia fragmentos e se perdia enrolada em fibras nascidas de dentro. E quando o tear parecia compor sozinho, Lis voava para pousar noutros corpos. A mariposa tinha asas de retalhos. De dentro.

I Concurso Cultural Era uma vez...

FLORESTA CENTRAL

Autora: **Adriana Koide**
Funcionária da Secretaria de Educação

PARTE 1

Capítulo 1

Desde que Theodoro Cintra tivera curiosidade e coragem suficientes para desvendar os segredos ocultos da Floresta Central, verões e invernos atravessaram as fronteiras da realidade, sem que o relógio sequer tivesse tempo hábil para mover seus ponteiros.

Como o próprio nome informava, a Floresta Central estava situada bem ao centro do município de Serra D'Água. Imponente em sua imensa forma montanhosa, as cores exuberantes das flores dos manacás da serra destacavam-se em meio aos diversos tons de verde, a se perder de vista, contrastando-se com o burburinho rotineiro da pequena cidade.

As primeiras moradias de Serra D'Água foram construídas ao redor da mata fechada, ao contrário das cidades convencionais, em que os moradores desmatavam o local para construir suas casas. O lugar fazia parte de uma fazenda tradicional, então propriedade do fazendeiro Rodolfo Pires, que enciumado e apaixonado pela natureza, não permitia o corte de árvores ou mau trato aos animais. Diziam por lá que o tal Velho Pires, como era conhecido o fazendeiro, preservava mais a floresta do que os integrantes de sua própria família.

Alguns atrevidos falavam que a mata era impregnada de encantos e assombrações, por isso havia resistido à invasão humana sem prejuízos. Outros comentavam que tudo não passava de lendas e invenções para botar medo no povo, que temendo o desconhecido, não sabiam maiores detalhes sobre a floresta, deixando haver ali uma grande área inexplor-

rada.

O que se sabia na verdade, pelos registros antigos, era que a primeira casa construída no município, ao lado da Floresta, foi a do fazendeiro. Feita toda em madeira, a propriedade de estilo rústico se destoava das construções de alvenaria que foram surgindo ao seu lado com o passar dos anos, tanto no estilo quanto no porte. Com muito espaço interno, tinha portas e janelas proporcionalmente grandes e voltadas curiosamente para o leste. Abrigava no subsolo uma vasta biblioteca que ninguém entendia direito como é que os livros se conservavam naquele local com umidade e bolores.

Contavam ainda que o Velho Pires nunca se casou. Era sisudo demais para isso e sozinho levou sua vida solitária naquela casa, até morrer de velhice, depois que todos os seus parentes já tinham morrido.

Tempos depois, tanto a casa como a Floresta, por não terem herdeiros legítimos, foram doadas para a cidade e mais tarde vieram a serem tombadas como patrimônios da humanidade, abertas ao público para visitas.

Serra D'Água, com o passar dos anos, continuou a crescer em volta da preservada Floresta Central.

Possuía um clima ameno, típico dos vales e montanhas, com uma paisagem tranquila e acolhedora. Pessoas de diversos lugares vinham conhecer a Floresta que além da beleza natural, abrigava também um balneário de águas quentes, consideradas medicinais. Quem chegava a passeio gostava bastante do lugar e a busca por mais qualidade de vida, transformou muitos turistas em novos moradores, fazendo a pequena vila crescer e virar cidade.

Foi no verão do ano 2000 que a família Cintra imitou outros visitantes e se mudou para Serra D'Água.

- Nem chegamos e já odeio esse lugar! - Dizia Thales, o irmão mais velho de Theo.

- Deixe para odiar amanhã, agora leve as caixas que têm o seu nome lá para cima! – respondeu a mãe, Carolina.

Thales, depois de subir as escadas com seus pertences, desceu eufórico:

- O quarto da esquerda é meu!

Theo não se deu ao trabalho de responder. Já imaginava que o irmão iria preferir o quarto com a vista para a rua e até preferia que fosse daquela forma. Do seu quarto veria a Floresta e isso traria paz, sossego e tranquilidade, tudo o que ele mais queria naquele lugar, sem nenhum rosto conhecido. O inimaginável naquele instante é que seria justamente pelos vidros daquela janela que Theo encontraria respostas fundamentais num futuro nada distante.

- Theodoro, meu filho, se você nos auxiliar, terminaremos mais rápido. O que acha disso? -

Questionou com ares imperativos o pai, Humberto.

- Já estou indo, pai.

Quando os pertences já estavam todos dentro de casa, e toda e qualquer disposição para organizar a bagunça já havia ido embora com o caminhão da mudança, os quatro integrantes da família Cintra despencaram no sofá.

- Tô com fome...

- Todos estamos, Thales. O que acha de ir com seu irmão dar uma volta pela rua para verem se encontram aquela pizzaria que avistamos quando estávamos chegando em nossa nova rua?

Tentarei, com sua mãe, dar um jeito nos quartos, para que possamos dormir em nossas próprias camas e lençóis.

- Pai! É muito longe! Minha barriga não permite que eu ande tanto! – Falou Thales, sem titubear. Antes que alguém respondesse ele continuou, fazendo cara de piedade e apontando a própria barriga:

- E nem adianta me colocar na dieta. Sempre que eu perco peso, ele dá um jeito de encontrar o caminho de volta.

- Eu busco a pizza. Onde está o dinheiro para pagar? - Respondeu Theo. Era quase sempre assim. O irmão sempre tinha uma desculpa para deixá-lo sozinho nas mais diversas situações. Sem reclamar, porque não adiantaria, apanhou algumas notas que o pai lhe estendera enquanto passava um sermão em Thales. Abriu a porta para sair, e a brisa gelada soprou-lhe a frente. As estrelas começavam a salpicar o céu. A calmaria da rua que abrigava seu novo lar era singular.

Observou a frente de sua nova casa, toda feita de tijolo à vista. Um pequeno jardim circundava a entrada de pedras que levava até a porta principal, de madeira escura. As janelas de vidro eram emolduradas pela mesma madeira da porta. A garagem dava acesso ao quintal dos fundos, que Theo já havia visto através da janela de seu quarto. Lá havia um jardim maior, com duas árvores grandes e majestosas. Uma piscina pequena alegrava o ambiente e o muro baixo, de tijolinhos, em total harmonia com o lugar, cercava todo o espaço do terreno.

Realmente era uma bela casa e seu pai insistia em dizer que havia pagado por ela “somente uma pechincha”. Theo se perguntou se realmente iria gostar de morar ali, um lugar onde não tinha amigos e não conhecia

ninguém. Sentiu saudade da antiga vida e tristeza ao pensar que os pais haviam decidido mudar de cidade sem ao menos considerar a opinião dos filhos.

Pensando, caminhava e procurava pela pizzaria. Avistou a construção antiga, com o desenho de uma pizza gigante no mesmo instante em que dois cãesinhos, que ele não conseguiu ver direito, passaram por ele em disparada, fazendo-o perder o equilíbrio e cair feito um tomate maduro no chão.

Atalhou em pensamento que as pessoas de Serra D'Água poderiam até ser calmas, como esperavam seus pais, mas os cachorros, certamente, pareciam ser bem agitados. Para acompanhar os cachorros loucos, o tempo por ali também era uma loucura. Estavam em pleno verão e o frio teimava em sobressair.

Levantou de cara amarrada e adentrou a pizzaria, sacudindo a poeira da roupa e das mãos.

Olhou rapidamente o cardápio sobre o balcão de atendimento.

- Boa noite. Poderia me ver duas pizzas portuguesas, por gentileza?
- Duas portuguesas acabaram de sair do forno! São R\$70,00! Você é um dos novos moradores da rua?

Theo assentiu com a cabeça, evitando maior disponibilidade para o diálogo. Pagou, apanhou as pizzas, fechou o agasalho para se proteger do frio e se preparava para sair quando viu os cachorrinhos correndo de volta.

Pensou que não seria nada conveniente encontrá-los pelo caminho enquanto estivesse carregando as pizzas.

Em seguida, avistou um bando de moleques que corriam com paus e

pedras atrás dos pequenos animais.

O homem atrás do balcão resmungou:

- Vândalos! São apenas cachorros! Têm o mesmo direito à vida que o ser humano! Você tem cachorro, menino?

- Não.

- Ainda bem. Cachorros estranhos não são bem vindos por aqui.

Theo deu de ombros sem entender nada, o homem prosseguiu:

- Há uma lenda na cidade sobre lobos que hipnotizavam pessoas. Ninguém sabe como surgiu essa história e não teve ninguém que tenha sido hipnotizado para contar como foi, mesmo assim a garotada apedreja todos os cães sem donos ou sem identificações que teimam em aparecer por aqui. Os lobos nessa redondeza já não aparecem há muito tempo.

- Obrigado pelas informações. - Respondeu Theo de saída. - E meus pais nos enfiam nesse fim de mundo em busca de paz... Que ironia! - Falou baixinho para si mesmo.

Theo mal havia acabado de sair da pizzaria quando percebeu algo se movendo próximo ao

arbusto à sua frente. Pensou nos cachorrinhos. Avistando-os falou:

- Aí estão vocês!

A garotada corria naquela direção com suas armas levantadas. De súbito, o menino colocou-se atrás dos arbustos, depositou as caixas de pizza no chão, abriu o agasalho e enfiou os dois animaizinhos dentro.

Fechou o zíper, pegou as pizzas, cuidando para que as caixas tampassem bem o volume feito pelos dois.

Ofegando, procurou caminhar normalmente, enquanto a trupe passava por ele sem suspeitar de nada. Depois que se foram, as pernas de Theo o levaram em sentido oposto ao da molecada, de volta à Rua dos Ipês, nº 75, endereço de sua nova moradia.

Ao chegar, Theo entrou correndo, pegou dois pedaços das pizzas, cujas caixas colocou sobre o sofá, ainda embrulhado em plástico, apanhou uma outra caixa grande e vazia que tinha vindo com a mudança, uma tesoura e uma fita adesiva que estavam no chão e saiu em disparada para a garagem.

Levou um susto quando abriu o zíper e retirou os animais de dentro de sua jaqueta. Eles eram tão pequenos e de uma raça que ele não conseguiu distinguir, peludos, com olhos brilhantes em um azul tão profundo, como ele jamais havia visto. Carregavam dois sininhos pendurados no pescoço e alguma coisa escrita em letras que ele desconhecia.

- Fiquem aqui e não façam barulho. Estarei encrocado se descobrirem vocês, certo?

Logo de manhã trarei água e comida.

Colocando-os ao seu lado, fez buracos na caixa com a tesoura enquanto mastigava um pedaço de pizza.

Observando o cãozinho com a língua de fora, salivando, dividiu o que sobrou em dois pedaços que ofereceu aos cães:

- Comam, é gostoso.

Ambos cheiraram e se recusaram a comer.

- É pizza. Está muito boa. Andem, experimentem! Todo mundo gosta de pizza, até os cachorros!

Os dois se aproximaram e comeram devagar. Depois entraram na caixa, sem que Theo pronunciasse nenhuma palavra, deixando-o boquiaberto.

- Por hoje, vocês dormirão em segurança, aí dentro. Amanhã trarei água e comida e veremos o que vamos fazer.

Pareciam entender perfeitamente as palavras de Theo, que fechou a caixa com a fita adesiva, para evitar uma possível fuga, certificando-se que havia buracos suficientes para permitir a respiração dos dois.

Quando Theo voltou para dentro de casa, a família já se preparava para ir dormir.

- Você surrupiou dois pedaços de pizza e foi comer sozinho! Muito feio isso! Não é por que a casa ainda não esta arrumada que faremos nossas refeições separados, certo?

Bom, seu pai deixou sua cama arrumada. Não se esqueça de tomar banho e escovar os dentes antes de dormir!

Theo balançou a cabeça afirmativamente. A mãe não percebia que ele já estava crescendo, mas ele obedeceu-a sem reclamar, indo logo após para a cama. Em instantes estava em sono profundo.

Enquanto isso, na garagem, uma luz dourada invadia o ambiente, aumentando sua intensidade ao ponto de iluminar a garagem, depois a casa, a quadra, e numa fração de segundos, desaparecia, devolvendo à noite toda a escuridão que lhe pertencia.

Capítulo 2

Quando Theo despertou, a luz do dia já havia invadido o quarto, ainda sem cortinas. Um cheiro de café fresco chegava da cozinha, invadia suas narinas e avisava seu cérebro que seu corpo precisava de comida.

Lembrou-se dos cães e esqueceu-se brevemente do estômago que reclamava de fome.

Pulou da cama, calçou os chinelos e desceu em disparada para a garagem.

- Bom dia! Aonde você vai com essa pressa, sem tirar o pijama?

- Bom dia, mãe! Já volto! Vou só até à garagem.

Sem dar tempo para a mãe fazer perguntas, Theo alcançou seu destino a passos rápidos.

A caixa que abrigara os cães estava no mesmo lugar que ele havia deixado na noite anterior.

Nenhum barulho denunciava a presença dos animaizinhos. Estavam silenciosos demais.

Theo espiou pelos buraquinhos que havia feito para ventilação e percebeu que a caixa estava completamente vazia. Olhou para a fita adesiva, buscando resposta. Ela continuava intacta.

Como poderiam ter saído?

Retirou o lacre que havia colocado antes e confirmou que não havia nem

sinal de cachorros.

Virou a caixa e tudo o que encontrou foi um tilintar de metal. Procurou pelo som e avistou dois sininhos. Que bom! Eles provavam que ele não estava ficando louco.

Colocou os sinos no bolso do pijama e pensativo voltou para a cozinha.

- Filho, você precisa tirar esse pijama... Vou aproveitar e subir com você para acordarmos seu pai e seu irmão?

O que você acha? - Falou Carolina.

- Eles ainda estão na cama?

- Preguiçosos como são, dormirão até o meio dia se não os ajudarmos a descer!

Theo subiu as escadas e correu para o quarto da mãe. Era muito mais fácil fazer o pai levantar. Thales tinha uma preguiça sobrenatural para fazer qualquer coisa que não fosse dormir e comer, talvez por esse motivo ele estivesse acima do peso e abaixo da altura ideal. Thales tinha dezesseis anos e Theo quatorze, mas Theo era quase um palmo mais alto do que o irmão, o que deixava Thales constrangido toda vez que alguém se referia à idade dos dois.

Como Theo imaginara, mal passou a mão na cabeça do pai e ele despertou, levantando-se logo então. Carolina não teve a mesma sorte. Thales se enfiava debaixo do lençol, virava para o lado, e quando pensavam que ele iria levantar, o danado virava para o lado e voltava a roncar. Só depois de muito custo, com direito à guerra de travesseiros sobre o corpo de Thales foi que conseguiram reunir-se à mesa do café.

Dentre os planos para o domingo, Humberto anunciou o conserto das bicicletas da família.

- O que vocês acham de trocarmos de roupa e irmos para a garagem calibrar pneus? – Perguntou Humberto.

Theo e a mãe gostaram muito da ideia. Thales foi o único a torcer o nariz. Odiava exercícios físicos. Enquanto o irmão reclamava, Theo subiu para o quarto, tirou a calça do pijama e notou que algo havia caído ao chão. Eram os sinos da caixa. Ou seriam dos cães? Colocou-os na mão e observou atentamente. Eram minúsculos.

Havia um prateado e outro dourado, ligados por uma medalha com dígitos em códigos indecifráveis, iguais aos que os cachorrinhos usavam no pescoço. O que teria acontecido com eles? Como puderam escapar?

Theo ouviu seu irmão chamá-lo. Depositou os sinos ao lado da cabeceira de sua cama e desceu novamente para a garagem.

Dentre óleo, graxa, panos úmidos e calibragem, apareceram 4 bicicletas velhas que reluziam como se fossem novas.

- Vamos almoçar para depois darmos uma volta pela cidade? Thales antes que você fale que está cansado, lembro que seu corpo precisa de exercícios e nós seremos solidários não pedalando muito rápido. Pode ser?

Thales acenou com a cabeça, visivelmente contrariado. Humberto não lhe deu maiores atenções e continuou:

- Mas, antes ajudaremos sua mãe com o almoço. Vamos lá, rapazes!

- Vale dizer que não gosto de pedalar? Nem de cozinhar? Só gosto de comer!

- Não, Thales, isso nós já sabemos! Agora só vale dizer “vamos logo, para poder aproveitar bem o domingo”!

Dentre as lamúrias do primogênito e os risos do restante da família, prepararam um almoço breve e foram comer juntos na mesa do jardim. As poucas folhas caídas ao chão formavam um tapete macio sob os pés da família Cintra e farfalhavam ao serem pisadas. A mesa simples, sem toalha, o som dos pássaros. Tudo era tão diferente de São Paulo, cidade que havia sido o lar de Theodoro durante quatorze anos.

Almoçaram tranquilos e depois de satisfeitos, Humberto buscou uma rede que acabara de comprar para a casa nova e a pendurou nas duas árvores que ficavam de frente para a porta dos fundos. Os ganchos já estavam no jeito. Thales se apropriou da rede tão logo ela deixou de oferecer risco de derrubá-lo ao chão e ninguém mais conseguiu deitar por ali. Com a barriga cheia, os outros três procuraram um recanto para repousar e depois de uma hora, foram pedalar para conhecer melhor a cidade.

Avistaram a escola onde terminariam o ensino fundamental, localizada bem próxima à nova residência dos Cintra. Carolina teve sorte e foi contratada para lecionar na mesma escola em que os filhos iriam estudar, como professora de Geografia. Um impasse surgiu quando os irmãos questionaram o meio de transporte para irem à escola: iriam de carro ou de bicicleta?

- Vamos de carro, claro! Argumentou Thales.

- Seria bom ir de bicicleta. Poderíamos ir de carro somente nos dias de chuva. - Declarou Theo.

- Moleque chato, nunca concorda com nada que eu digo!

- Discutiremos essa questão depois, interrompeu o pai. Não seria melhor curtirmos o passeio, agora? Vejam! O portão da Floresta Central fica ali.

Os quatro, estupefatos, ficaram plantados diante da entrada por alguns instantes. Era algo inacreditável uma floresta daquele porte estar localizada bem no centro de uma cidade, resmungava Humberto.

- Por isso chama Floresta Central, dãn! - Zombou Thales, socando a própria testa.

A vista era fenomenal. Envolta por uma cerca de madeira ilustrativa que não ultrapassava trinta centímetros, a floresta erguia-se imponente, como se estivesse em plena área rural. As imensas árvores, cobertas ou não por cipós e trepadeiras, formavam uma parede verde que forçava qualquer visitante a utilizar o portão como entrada ou saída. Repleto de arabescos de ferro, o portão principal tinha vista para a majestosa figueira branca, a grande árvore isolada, cercada por paralelepípedos, que dava boas vindas aos visitantes da Floresta, bem na entrada do portão.

Do outro lado da rua, a casa do antigo fazendeiro, agora tombada como museu também servia como ponto de informações turísticas.

Thales quebrou o silêncio:

- Isso está me parecendo um daqueles parques que nós visitávamos quando íamos para o sul...

- Tem diferença, meu filho. Os parques são projetados e construídos pelo homem. Aqui, a floresta é nativa, com árvores centenárias. Veja aquela ali. Precisaria de mais de 10 pessoas para poder abraçar seu tronco. Já imaginou há quanto tempo ela deixou de ser uma semente, se é que algum dia foi? Ali temos imensas paineiras e jacarandás.

- E desde quando você entende tanto de árvores, pai?
- Desde que eu esteja olhando as placas que existem embaixo de algumas árvores que estão ao alcance dos meus olhos, ora...
- Que chato! Já estava começando a me sentir orgulhoso de ter um pai cheio de cultura. Antes que Humberto pudesse pensar em alguma resposta para o filho, Carolina apontou um quiosque:
- Veja, há um guia que leva os visitantes para fazerem trilha.
- Poderemos ir noutro dia? Hoje ainda há um local que queria mostrar para vocês, falou Humberto coçando a cabeça.

Thales não titubeou para responder:

- Com certeza. Andar demais acabaria com minha beleza...
- Theo nem ouviu o irmão terminar de falar, subiu na bicicleta e correu até onde podia ir com duas rodas, sobre o calçamento de pedra que recebia os visitantes somente nas entradas da Floresta. Parou diante do grande lago.

Cerceado por pedras de todos os tamanhos, cobertas por árvores inclinadas em busca de mais um pouco de sol, o extenso lago parecia ter águas negras, de qualquer ângulo que fosse observado.

- Como isso aqui é lindo! Exclamou Carolina, enquanto todos admiravam a quantidade de vapor que exalava do lago.
- E ainda dizem que é medicinal! Respondeu Humberto.

- Será que é por que está frio? Estamos no verão! Indagou Thales.

- O clima anda meio louco mesmo, mas a água quente tem explicação: é uma fonte termal. Brota da terra a trinta e oito graus Celsius o ano todo
- Explicou o pai.

- Ali tem lama que brota da terra quente também, vejam!

Todos riram do comentário, diante de uma poça de água que liberava fumaça.

Dentro da Floresta, a área disponível para caminhar era pequena. Esportes como trilha, arvorismo e tirolesa podiam ser encontrados, abrangendo uma área mínima de visitação. Nem os moradores ou trabalhadores locais conheciam a floresta em toda sua extensão. Havia lugares em que as árvores fechavam e ocupavam todo o espaço, impossibilitando a visita sem a abertura de caminhos. Como isso era proibido devido à proteção ambiental, grande parte do lugar era inexplorado.

- Podemos ir? Voltaremos outro dia. Agora preciso lhes mostrar uma surpresa – Ressaltou Humberto.

Saíram todos pedalando, com Thales no fim da fila, reclamando que não precisavam ter tanta pressa. Pararam de frente a um lugar que rescindia tinta fresca. Na parede estava escrito com letras em aço escovado: Dr. Humberto Cintra, médico cárdio vascular.

- Apresento-lhes meu novo consultório.

- Que bacana, pai! - Comentou Theo.

- É perto de nossa casa! Poderemos almoçar todos os dias juntos! Lembrou Carolina.

- Quem fechou a porta de casa? - Perguntou num estalo Humberto.

- Foi o Theo. - Dedurou o irmão.

- Dá-me o chaveiro. Tem uma cópia da chave dessa porta e quero lhes mostrar como ficou por dentro.

Theo enfiou a mão no bolso e qual não foi sua surpresa ao ver que no lugar da chave, trazia consigo os sininhos que ele tinha certeza que havia depositado na cabeceira de sua cama.

- Não estou com as chaves. Talvez tenha derrubado pelo caminho.

- Pode ser. Vi você colocando-as no bolso. Falou Carolina.

- Então ficará para outra hora. Agora, vamos pegar o caminho de volta que já está ficando tarde e amanhã começam as aulas na escola nova.

Pedalavam tagarelando e estavam próximos à rua dos Ipês quando foram interceptados por uma minivan atravessada no meio da rua, tentando entrar de ré em uma garagem estreita.

Um menino e uma menina, de cabelos com mechas douradas teimavam em ajudar o motorista a estacionar, sem nenhum resultado.

- Vire para a direita!

- Não! Vai para a esquerda!

- O senhor precisa de ajuda? Prontificou-se Humberto.

- Se pudesse fazer essa gentileza, agradeceria muito. Acabamos de chegar de mudança e faz tempo que não dirijo. Estou um tanto enferrujado...

- Seria um prazer! Também acabamos de nos mudar para Serra D'Água. Humberto pegou as chaves e todos abriram caminho para que o novo motorista pudesse manobrar.

As crianças dos cabelos reluzentes ficaram ao lado de Theo, esperando silenciosamente.

Theo percebeu que pareciam gêmeos. A mesma altura, o mesmo jeito de colocar as mãos para trás. Quando seus olhares se cruzaram, Theo avistou um azul profundo em contraste com os corpos bronzeados. Ficou impressionado com a excentricidade natural.

O carro foi estacionado e os agradecimentos foram feitos educadamente. Humberto voltou para casa com o peito estufado pela sensação de dever cumprido diante das dificuldades alheias.

De volta, organizaram as bicicletas na garagem e foram procurar a chave reserva. Outra surpresa aconteceu.

Theo sentiu um leve volume em seu bolso e quando apalpou, sentiu que o chaveiro estava ali, no mesmo bolso que havia colocado antes de sair. Procurou pelos sinos.

Não havia sinal algum deles.

Com medo de pensarem que ele estava ficando louco, gritou dizendo que havia encontrado.

Limitou-se a não falar mais nada para não ter que contar mentira. Ficou intrigado novamente.

Mais tarde, em seu quarto, quando já ia dormir, Theo viu os sinos onde os havia deixado. Olhou-os resabiado, mas o cansaço falava mais alto. Deitou-se e dormiu rapidamente.

Quando o relógio badalou meia noite, os sinos da cabeceira iluminaram progressivamente todo o quarto de Theo. Em seus sonhos com olhos azuis, sinos pequenos e chaves desaparecidas, ele não avistou nenhuma luz.

Capítulo 3

A segunda feira trouxe um ar de rotina para a vida nova dos Cintra. Tomaram o café e organizaram-se como puderam para suas obrigações.

Theo já estava pronto para ir para a escola, esperando sentado no braço do sofá.

Carolina, com a bolsa a tiracolo, olhava impaciente para o relógio, presagiando um atraso.

- Mãe, cadê minha mochila? - Gritou Thales, ainda em seu quarto.

- Está em uma das caixas que você subiu para o seu quarto. Já não havia pedido para abri-las assim que chegamos, meu filho?

Antes que pudesse ser notificado pela mãe, Theo se defendeu:

- Nem me olha desse jeito! O Thales pode não ter feito, mas eu abri todas as que tinham meu nome e as coisas já estão no armário.

- Bom, a bagunça das salas e da cozinha, terminaremos de ajeitar quan-

do chegarmos da escola, certo? -

Falou Carolina, fixando o olhar em Thales, que descia as escadas com a mochila aberta e o material pendurado.

Sem dar tempo para a mãe criticar seu desleixo, Thales respondeu mal humorado:

- Tem outro jeito?

- Não, não tem! Vida coletiva é isso, todos participam para o bem comum! Entendeu mocinho?

Humberto, secando alguns talheres com o guardanapo, apontou na soleira da cozinha para ver o que acontecia.

Thales continuou:

- Que chato! E quem inventou que os talheres precisam ficar certinhos na gaveta era um neurótico! E porque é que tudo tem que ficar em armários?

- Thales, você parece estar falando isso por não querer organizar seu quarto. Entendi direito? - Questionou Humberto.

- Pai, acho que você está começando a entender...

- Céus! Você dá mais trabalho agora, que já está um homem quase maior do que eu, do que quando tinha 5 anos!

- Chega de conversa fiada e vamos logo senão vamos nos atrasar logo no 1º dia! - Ralhou Carolina.

A escola ficava próxima e devido ao fato de estarem em cima da hora, foram de carro naquela manhã, mas já estava decidido, em dias ensolarados, o veículo oficial da família seria a bicicleta.

- Meninos, a sala de vocês fica do lado direito. Podem ir direto. Eu vou para a sala dos professores, que fica do lado esquerdo. Comportem-se, hein? Thales, quem reclama demais acaba sendo rotulado como chato! Theo, não se isole, dê abertura para novas amizades. Tenham um bom dia! Amo vocês!

Despediu-se abraçando os dois.

- Menos, mãe... Você vai queimar nossa imagem antes de chegarmos à sala de aula?

- Se não reclamasse, não seria meu Thales... Vejo vocês depois!

Theo observou a escola. A construção era feita toda em madeira, diferente de suas escolas anteriores. Os dois pisos separavam o ensino fundamental do ensino médio. Os alunos menores tinham aula no térreo e Theo ainda estudaria ali por mais aquele ano. O papel que sua mãe havia lhe dado dizia sala 9, nono ano. Procurou pela sala e parou diante da porta, ainda não havia muitos alunos no local. As mesas e cadeiras estavam dispostas em círculo e eram todas iguais, não havia mesa para professores. Um aparelho multimídia pendia num suporte ao fundo. O quadro branco ficava à frente. As janelas, em vidro cristalino desciam do teto ao chão por toda parede lateral, cortinas recolhidas ao canto revelavam que o sol não passava por ali naquela hora da manhã. O piso, também de madeira cuidada, refletia a imagem de um menino cheio de expectativas. É aconchegante, pensou Theo.

Os dez minutos que faltavam para as 8h00 pareceram muito mais do que isso. Theo foi para o fundo da sala, observar a vista pela janela e

viu as pessoas chegarem, algumas se sentavam, outras ficavam de pé. O burburinho desencontrado de adolescentes tagarelando, é o mesmo em todos os lugares, falou para si mesmo.

Alguns lhe cumprimentavam, outros lhe endereçavam apenas um olhar acolhedor ou curioso. Logo a sala estava repleta e o sinal da manhã, ao contrário da campainha ensurdecadora de sua escola anterior, ali, ocorria com o suave som de Mozart.

Com todos em seus assentos, o professor entrou na sala e sentou-se.

- Bom dia, pessoal!

- Bom dia!

- Como puderam ver, temos novos colegas hoje. Você deve ser Theodoro Cintra, isso? Onde estarão os outros dois, que também começarão hoje? Ainda não chegaram? - Diante da negativa dos alunos, o professor pediu a Theo que se apresentasse.

- Bom dia! Sou Theodoro. Mudei-me para Serra D'Água no último sábado...

As palavras foram interrompidas pela entrada dos dois novos alunos, que chegavam atrasados.

- Bom dia! Desculpem-nos. Essa é a sala 9?

- Sim, sejam bem vindos, respondeu o professor pela turma.

Eram os dois “dos olhos azuis” do dia anterior.

- Acomodem-se e apresentem-se. Theodoro está acabando de fazer isso.

- Já terminei, professor.

Eram mesmo irmãos gêmeos. O menino, magricela, com cabelo dourado e farto, chamava se Kaylan Kanidae e a menina, cuja cabeleira se distinguia do irmão apenas pelo comprimento que chegava até sua cintura, era Kyara Kanidae.

Depois das apresentações, o professor iniciou sua aula de matemática e Theo aguardou ansioso o som de Mozart indicar a hora do intervalo.

Os alunos se dirigiram para o pátio, que ficava aos fundos da escola, em meio a um jardim. Theo sentou-se e aguardou o irmão. Ele também poderia estar deslocado. Sua visão mostrou-lhe o contrário. Thales vinha animado, conversando com dois garotos. Acenou-lhe com a mão, apresentou-lhe os colegas e saiu para o outro lado, deixando-o sozinho novamente.

- O primeiro dia é difícil, não acha? Questionou o gêmeo, buscando puxar conversa.

- ãh?!

- É ruim estar em um lugar com pessoas desconhecidas, não é?

- Sim... Murmurou Theo.

- Aceita um pedaço de pizza? É muito bom! Ofereceu Kyara, tentando introduzir-se na conversa.

Theo havia se esquecido de seu lanche. Achou estranho que ambos comessem pizza logo pela manhã, mas nada comentou.

- Não, obrigado.

- Nós é que agradecemos, pela ajuda que seu pai nos deu ontem! Realmente o tio Kane não é muito bom de volante!

- Ele já fez os agradecimentos ao meu pai.

Os olhos azuis desconcertavam Theodoro. Ele tinha a impressão de já tê-los visto anteriormente, mas só conseguia se lembrar dos cãesinhos desaparecidos, e isso não poderia ter nenhuma conexão.

Enquanto pensava na loucura que era relacionar a aparência de alguém com um cachorro, Theo desviou o olhar e viu de relance algo reluzente no pescoço de Kyara. Voltou o olhar de súbito e confirmou, ela trazia em si o mesmo par de sinos que ele já conhecia.

- Não! Eu realmente devo estar ficando louco!

I Concurso Cultural Era uma vez...

**A PROSA SELECIONADA POR MAIS
DE UM JURADO**

I Concurso Cultural Era uma vez...

O SILÊNCIO

Autor: Marães Marcelo da Silva
Funcionário da SANASA

Eu ouvi o silêncio.
O silêncio da alma,
Dos anseios e receios.
Era um silêncio tão profundo
Que se ouvia o respirar do espírito.
Eu ouvi o silêncio...
A delicadeza sutil do silêncio.
O silêncio incomparável do pulsar,
O silêncio silencioso da reflexão,
O silêncio respeitoso de almas entrelaçadas.
Eu ouvi o silêncio...
A magnitude enigmática do silêncio.
Eu ouvi o silencioso grito de DEUS.
Eu amei o silêncio...
DEUS é o silêncio...

I Concurso Cultural Era uma vez...

AS PROSAS SELECCIONADAS DE CADA JURADO

I Concurso Cultural Era uma vez...

VEJO

Autora: Maria Aparecida Teixeira Regis
Funcionária da Secretaria de Cidadania, Assistência e Inclusão Social

Vejo o que vejo
Saindo nas ruas, olhando o movimento;
Vejo o que quero ver?
Vejo o que não preciso ver!
Pessoas isoladas, perdidas... Sem afeto... sem carinho e sem caminho
Solidão, é o que resta no meio desta multidão.
Solidão causada pelo isolamento e pelo medo, dos tempos modernos;
Que avança a cada dia nos trazendo benefícios inimagináveis,
Mas que por conta da inabilidade de se usar, se perde e o torna incapaz;
De perceber, que tipo de dor pode trazer...
Pessoas isoladas, perdidas... Sem afeto... sem carinho e sem caminho
Solidão, e o que restas no meio desta multidão.
E justamente por isto... que indago, vejo o que quero ver?
Vejo o que não precisa ser.
O ser... Que se isola e se torna
Solitário... Perdido... Vazio.

I Concurso Cultural Era uma vez...

BRECHAS NA VIDA

Autora: Cristina Martins Cordeiro
Funcionária da Secretaria de Urbanismo

Brechas na vida como frestas na janela. Quando frestas aparecem, um raio de sol entra, um sopro de vento passa, gotas de chuva penetram.

Tem quem goste do sol e se deita no chão para aproveitar seu calor. Tem quem não goste e se abriga à sombra. Há aqueles que gostam do vento e deixam o cabelo se agitar ao seu ritmo. Há os que não gostam e cobrem a cabeça com o capuz. Há outros que apreciam o frescor das gotas de chuva e se entregam a esse prazer. Outros ainda que pegam a capa impermeável e impedem esse deleite.

Há brechas em minha vida e eu não saí do meu lugar ao sol, não escondi meus cabelos do vento, não me protegi das gotas refrescantes. Permito-me sentir e mergulho fundo nessas emoções e sensações.

Mergulho remete à água, às profundezas. É bom voar, enxergar a vida do alto, mas voar implica afastamento. Mergulhar é ter coragem de estar cara a cara com as descobertas. Essas descobertas geram medo, insegurança, dúvida porque desconhecidas. Todavia, afastar-se do novo é acomodar-se, é limitar-se, é entregar-se à letargia, é fechar a pequena abertura da janela.

Para quem gosta da liberdade, limitar-se não faz parte dos anseios de vida. E a vida pede sol, vento e chuva. A vida, quando encontra brechas, revela-se.

Que se mostrem, vida e liberdade, pelas brechas de meus dias!

ima



PREFEITURA DE CAMPINAS
UM NOVO TEMPO PARA NOSSA CIDADE